

3 1761 04270 2829













(4)

# AS MOURAS ENCANTADAS

E OS  
ENCANTAMENTOS NO ALGARVE

COM SETE GRAVURAS, UMA CANÇÃO PARA PIANO  
E ALGUMAS NOTAS ELUCIDATIVAS AO TEXTO

POR

FRANCISCO XAVIER D'ATHAIDE OLIVEIRA

Bacharel formado em Theologia e Direito pela Universidade  
de Coimbra, e Conservador Privativo do Registo Predial  
da comarca de Loulé



TAVIRA  
Typographia Burocratica  
MCCDXVIII

QR  
540  
06



AS MOURAS ENCANTADAS  
- E  
OS ENCANTAMENTOS NO ALGARVE



# AS MOURAS ENCANTADAS

E OS

ENCANTAMENTOS NO ALGARVE

COM ALGUMAS NOTAS ELUCIDATIVAS

POR

FRANCISCO XAVIER D'ATHAIDE OLIVEIRA

Bacharel formado em Theologia e Direito pela Universidade  
de Coimbra, e Conservador Privativo do Registo Predial  
da comarca de Loulé



TAVIRA  
Typographia Burocratica  
1898



GR  
39  
76



# A LOULÉ

( MINHA TÊRRA ADOTIVA )

A ti, villa notavel, que me recebeste galhardamente em teu seio, e religiosamente guardas as preciosas cinzas dos meus queridos pais, a ti, não apenas este livro, mas a expressão intima e profunda dos sentimentos mais puros da minha alma agradecida, concentrada em duas palavras—MUITO OBRIGADO.

*Athaide d'Oliveira*



Ao seu sobrinho

José de Athaide

*Off. e dedica*

O AUTOR



*José*

Não está bem ao algarvio que preza e ama a sua provincia assistir de braços cruzados ao desmoronamento das nossas tradições orais, que, por muitos seculos, constituiram o encanto e o enterenimento dos nossos maiores, e muito principalmente quando essas tradições ainda hoje são, um precioso documento por onde podemos aqulatar do estado intellectual do nosso povo em epochas remotas. As tradições — disse um escritor nosso — são como uma cadeia e n'ella se firma a solidariedade entre o presente e o passado.

Ha muito tempo estou convencido de que é um crime descansar beatificamente na supposição de que nas esferas superiores ha quem tenha obrigação de zelar por nós os interesses sociais e materiaes da nossa provincia, e essa convicção mais se tem accentuado á vista do quasi desaparecimento das nossas lendas, as mais ricas de vestiduras e atavios de Portugal. Por is

so, emquanto não apparece patricio nosso, que mais vantajosamente enriqueça a nossa litteratura tradicional com a publicação de um livro, onde consigne todas as nossas lendas algarvias, vou, em prosa desataviada, mas sincera, preencher a lacuna, com a publicação das lendas referentes ás *mouras encantadas e encantamentos*.

\*

\*

\*

O progresso, com a sua caracteristica essencialmente descentralizadora, tendo aliás proporcionado ao homem mais limpidos horizontes, muito tem contribuido para o esquecimento das nossas lendas. Antigamente o pai de familias, o chefe da casa, sentado á lareira, nas frigidias noites do inverno, fazia as vezes do patriarca da antiga lei, e no meio do geral silencio de seus filhos e netos, com o acatamento profundo dos serviçais, contava-lhes tudo o que constituia o passado dos seus avós e a historia oral da sua provincia; de modo que as lendas, por esta tradição constante e não interrompida, radicavam-se na memoria das familias atravez dos seculos. Hoje, porém, as exigencias sociais, a facilidade dos transportes pelo encurtamento das distancias, a rapida transição do seio da familia para os bancos das aulas, e finalmente o pasmoso estreitamento das relações commerciaes, fóra e dentro do paiz, entre o antigo e novo mundo, tem por tal fórma afrouxado o vinculo de familia, que as nossas lendas, apenas conservadas na memoria do povo, por intermedio d'aquelle vinculo, tendem a desaparecer, refugiando-se quasi exclusivamente na memoria cançada de alguma pessoa antiga, que já não encontra entre os novos quem a queira ouvir.

E todavia riquissimas eram as nossas lendas como uberrimo o terreno e agradavel o clima da nossa provincia, escolhida desde remotissimas eras pelos povos primitivos. O Algarve foi desde os vetustos tempos procurado e povoado pelos antigos povos. A sua approximação do mar muito deveria concorrer para o seu conhecimento. Creio que a sciencia prehistorica já demonstrou que no solo algarvio existem bastos documentos que provam ter sido o Algarve theatro das civilisações paleolithica e neolithica.

E' riquissimo o cadastro dos monumentos dos velhos tempos, quasi escondidos nas primeiras epocas do mundo, e que hoje teem sido encontrados no nosso solo. As cavernas da Sinceira e as grutas da Gralheira no concelho de Aljezur, a caverna do Barriga, do Belixe Velho, a gruta dos Ouriçais e a furna do João Vaz, no concelho de Villa do Bispo, a caverna da Saborosa, em Bensafrim, a caverna do Serro do Algarve, em Mexilhoeira Grande, as cavernas da Mexilhoeirinha, em Estombar, a furna do Medronhal, furna da Senhora da Rocha, em Lagoa, as furnas da Ourada, em Albufeira, da Guiné, no Algôs, e muitas outras espalhadas pela provincia, em algumas das quais teem sido encontrados ossos humanos ou productos de industria humana associados aos despojos dos grandes mamiferos, extinctos ou emigrados nas regiões glaciais, demonstram evidentemente, que ellas serviram de residencia aos trogloditas nos primeiros tempos da vida humana.

Encontram-se tambem no Algarve outros documentos de alta valia: facas, machados, e laminas de silex, frechas, pontas de lança, contas de pedra polida, alfinetes de osso, machados de pedra lascada e outros objectos, que, na opinião dos sabios, caracterisam as

civilisações paleolithica e neolithica. Todas estas gerações primitivas assim como deixaram escrita no solo a sua passagem, deveriam ter deixado escritas na memoria dos povos as suas ideias e sentimentos; ora podemos talvez procurar em origem tão remota os modelos das lendas algarvias.

Após as duas mencionadas civilisações seguiram-se outras de diversos povos que aqui escolheram residencia. E' sabido que diversas invasões de distintas raças tomaram assento n'esta provincia, e entres estas accentuam-se as Indou-Scitas, os Celtas, os Fenicios, os Carthaginezes, os Romanos, Gôdos e Arabes. Todos estes povos foram, por assim dizer, portadores das suas crenças religiosas, então o mais crasso politeismo.

Os Indou-Scitas, naturais do oriente, trouxeram consigo as suas crenças pagãs; os Celtas, educados pelos Druidas, sacerdotes gaulezes, professavam em alta escala a doutrina da transformação dos homens em animais, com o poder de andar pelo ar como os espiritos superiores, por intermedio dos sortilegios; os Fenicios, Gregos e Carthaginezes adoravam os homens canonisados pela liturgia politheista; os romanos criam nas sibilas, e, embora os godos professassem o christianismo, é certo que este não pôde destruir por completo as tradições pagãs, que os Arabes mais e mais vivificaram durante o seu dominio de mais de seis seculos.

\* De todas estas civilisações, mais ou menos politeistas, um pouco modificadas pelo christianismo, ficaram gravados na memoria do nosso povo algarvio uns *contos* e umas *lendas* pagãs, que elles por sua vez adaptaram aos mouros, quando estes foram d'aqui expulsos para Marrocos.



\*

\*

\*

A tradição foi sempre considerada uma testemunha, que nos attesta a verdade de um facto ou de um costume. Antes da invenção da imprensa, eram caríssimos os livros, e muitos factos da vida passada conservavam-se na memoria dos homens simplesmente pela tradição. Moizes invoca muitas vezes a auctoridade da tradição para comprovar os seus preceitos, e o mesmo fizeram os legisladores profanos da mais classica antiguidade. Todos os povos respeitaram as suas tradições, e foram ellas por muito tempo a base social do seu modo de vida.

Quando as tradições são acuradamente observadas e respeitadas attestam sempre com a mesma auctoridade dos livros; quando, porém, por um grosseiro descuido, resultante de causas aliás complexas, essas tradições são eivadas de factos puramente românticos, de ideias erroneas e de principios falsos, então as tradições convertem-se em puras lendas, piedosas ou profanas, consoante o seu objecto.

Os erros em materia religiosa ensinados pelos philosophos antigos deveram ter contribuido muito para a formação das lendas. As façanhas de Hercules, exageradas pela mythologia grega, fizeram do heroe um Deus; e por este sistema se criou sobre a terra um sem numero de divindades.

Em toda a lenda torna-se sensivel o principio da superioridade de certos seres, que, por força propria ou emprestada, gosavam da faculdade de se transportar com a velocidade do raio pelo ar, e de se transformar em outros seres inferiores. As fadas—verdadeiro pe-

zadelo dos antigos—foram o natural producto das doutrinas dos antigos philosophos e dos druydas, sacerdotes dos gaulezes.

Todos conhecem a natural tendencia do homem para tudo que se lhe afigura misterioso e symbolico, e essa tendencia é tanto maior quanto mais accentuada a sua ignorancia. Admittindo, pois, a superioridade civilisadora das diversas raças, que povoaram a nossa provincia, fica explicada a influencia que ainda hoje a lenda exerce no espirito do nosso povo.

Sem escrever agora do estado de adiantamento dos romanos que aqui dominaram por largos annos, e cingindo-me simplesmente aos arabes, que os nossos antigos escritores caracterisaram de barbaros, é facil demonstrar que o seu estado de civilisação era no seculo 7.<sup>o</sup> muito superior ao do nosso algarvio e ainda ao do nosso paiz.

«Não foi ainda bem comprehendida pela geração do seculo presente—diz um escriptor—a importancia que a dominação arabe teve na civilisação da Peninsula. As duas nacionalidades repelliram-se no principio . . . . e por fim olharam-se reciprocamente com menos odio, e avaliaram melhor da respectiva superioridade, ou inferioridade, no que tocava á civilisação. Os arabes eram mais instruidos, sem duvida, do que o povo que vieram conquistar. Assim o reconheceram as nações subjgadas.»

Como n'aquelles tempos a ideia da superioridade intellectual andava estreitamente ligada á ideia da superioridade moral e scientifica, os algarvios, por virtude das doutrinas proclamadas pelos povos antigos e ainda pelos proprios arabes ácerca das artes magicas, olhavam os seus noyos dominantes como homens versados

na magia. A invocação do auxilio divino e de um santo protector, antes do combate, e as espadas em fôrma de cruz de que usavam os freires spatharios contra os serracenos, se por um lado eram uma arma, pelo outro representavam um talisman: combatiam contra o homem e contra as doutrinas do islamismo, onde a magia, oriunda da Azia, tinha exagerado acolhimento.

Posto isto, é facil explicar a adaptação das lendas antigas, forjadas pelos povos politeistas, anteriores aos arabes, aos proprios arabes, adaptação sincera e ingenuamente feita pelo nosso povo.

\*

\*

\*

A conquista do Algarve durante o reinado de D. Affonso 3.º executou-se com uma celeridade pasmosa. Como as grandes correntes que precipitando-se das montanhas derrubam os mais fortes diques e destroem os maiores vallados, arrastando enormes blocos, inundando completamente as mais vastas campinas e espalhando o terror por toda a parte, assim os valentes soldados portuguezes, de Cacella até Aljezur, destruíram castellos e tomaram praças com verdadeiro terror e espanto dos serracenos. Muitos d'estes, como os de Faro e Aljezur, fizeram avença com el-rei D. Affonso 3.º, e ficaram nas cidades conquistadas. Escreve assim, um escritor quasi contemporaneo d'aquelles successos relativamente a Faro:

«A avença que el-rei fez com os mouros foi por esta guiza que elles lhe fizessem aquelle mesmo fôro que em todas as cousas faziam ao seu rei e que elles houvessem todas as suas casas, vinhas e herdades pela

guiza e que el-rei os defendesse e amparasse assim dos mouros como de outras quaesquer gentes que lhes nojo fizessem e os que quizessem hir para alguns lugares de moros que se fossem livremente com todas as cousas e que os cavalleiros moros ficassem por seus vassallos e que andassem com el-rei quando lhe cumprisse e elle que lhes fizesse bem e mercês por esta guiza houve el-rei a villa de farão no mez de janeiro.»

Outros mouros, como os de Loulé e Salir, foram forçados a embarcar para Marrocos; e finalmente outros, esperançados de que, em curto praso, uma nova invasão serracena viesse collocar tudo no antigo estado, ou porque se doiam de deixar este bello torrão, em que tinham sido criados, preferiram ficar na provincia, escolhendo as cavernas e as furnas para a sua habitação, de dia, ouzando apenas sair alta noite. A habitação nas cavernas não lhes era extranha.

Em vista do exposto facil me parece explicar a origem das lendas das mouras encantadas e dos encantamentos.

E' possivel que alguns d'estes mouros ou suas esposas fossem de noite vistas junto das suas habitações subterraneas; é tambem possivel que, ao passar proximo das furnas, algum christão ouvisse chorar crianças lá dentro; podia ter succedido em alguma occasião que um mouro ou moura desgarrada fossem apanhados por algum christão, que, para os não descobrir, recebesse retribuição valiosa; e d'aqui podiam nascer as lendas de mouros e mouras encantadas, visto que os christãos os suppunham versados n'aquella sciencia da magia. Essas lendas tiveram facil acceitação do povo pronto sempre em acreditar nos absurdos, que lhes parecem mysterios. Os chamados encantamentos

teem certamente mais antiga origem e supponho que foram uma adaptação dos contos das fadas, muito em voga n'esses tempos, aos contos da expulsão dos mouros.

Lendas ha onde se nota mais ou menos a influencia do christianismo. Não é para admirar. A influencia do christianismo no tempo da invasão dos serracenos e durante o seu dominio derivou certamente da sua doutrina salutar radcada já no coração dos algarvios d'aquella epoca.

Effectivamente não me é licito duvidar de que a religião christã fosse evangelizada no Algarve nos fins do segundo seculo da nossa era. Em um concilio celebrado em Hespanha, no anno de 300, conhecido pelo concilio Eliberitano, appareceu um bispo chamado Vicente, bispo de Ossunoba, no Algarve. Não haveria bispo, se aqui não abundassem já os fieis e os templos. No entanto não devo tambem escurecer que embora o christianismo pela santidade da sua moral levasse vantagem a todas as religiões do mundo, todavia não pôde destruir completamente as superstições radicadas no coração do povo, o que ainda hoje se nota, pois que, não obstante a sua qualidade de fervorosos catholicos, tementes a Deus, muitos ha que creem piamente nas bruxas e em toda a especie de feiticeiros.

\*

\*

\*

Póde-se affirmar, salvo algumas excepções, que o povo algarvio só conhece na sua historia antiga o dominio serraceno. Não vai mais além. Foram os mouros os ultimos dominadores da provincia e os que mais impressões deixaram na sua memoria e... no seu

solo, pois que os serracenos sabiam ser bellos cultivadores, excellentes pescadores e artistas.

«O povo—diz o sr. Leite de Vasconcellos—cuidando que antes dos mouros ninguem mais existiu, serve-se da palavra mouro para designar não só os monumentos arruinados, mas os que offerecem uma apparencia extranha».

É verdadeiro aquelle enunciado. Para o algarvio uma caverna de fórma menos regular foi necessariamente habitada pelos mouros; os poços, as fontes, os penedos, as furnas e os algares, foram esconderijos dos mouros; os castellos arruinados, as muralhas, as torres e todos os monumentos, cuja origem lhe é completamente desconhecida, são obra dos mouros, porque os julga o unico povo antigo, depois do povo hebreu. É por isso que não podemos dar um passo no Algarve que não encontremos vestigios serracenos. Os poços dos mouros, as cavernas dos mouros, a fonte da moura e outras designações mouriscas encontram-se por ahi em toda a parte. E quasi sempre ligadas áquelles monumentos andam as lendas, embora quasi esquecidas e apenas reduzidas a factos isolados.

No intuito de as conservar publico o presente livro. Se a ninguem é licito duvidar dos resultados colhidos pelos cultores da archeologia prehistorica, no estudo feito sobre os velhos monumentos encontrados debaixo da terra, pelo mesmo motivo devemos crêr nos resultados que devem nascer do estudo das ideias d'esses povos. «Os vestigios da lucta ingente do homem sobre a face da terra—diz um escritor—encontram-se a cada passo nas ideias e nos monumentos.» Um meio de chegar ao conhecimento d'essas ideias offerece-nos a lenda; são as lendas das mouras encan-



tadas e dos encantamentos que resolvi colligir e colleccionar.

Vou indicar o sistema que empreguei para obter uma collecção completa d'essas lendas, que, na minha opinião individual e desauctorizada, traduzem tão perfeitamente o estado de adiantamento dos nossos algarvios do seculo 13.<sup>o</sup>, como a tatuagem, empregada por muita gente da nossa provincia, pintando o corpo com cruces e arabescos desconhecidos, simbolisa e traduz a civilisação neolithica.

\*

\*

\*

Convencido de que a probidade deve ser uma qualidade inherente ao escritor, envidei todos os esforços no intuito de offerecer aos leitores um livro, onde encontrassem as lendas tais como teem sido transmittidas até nós, mediante a tradição das familias. Aproximei-me por tanto directa e pessoalmente, ou por intermedio de amigos probos, das fontes mais puras, onde essas lendas se acham hoje depositadas. Dirigi-me aos reverendos parochos das freguezias d'esta diocese, expuz-lhes o plano do meu livro, e solicitei o seu auxilio, limitado ao trabalho de recolher a lenda na mesma linguagem empregada pelo povo. Rarissimos foram os que não cumpriram religiosamente o seu dever de pura amizade, e se algum não respondeu, foi isso certamente devido a perder-se no correio a correspondencia, o que não é caso virgem. O padre algarvio é illustrado e serio, por isso outra não pôde ser a razão do seu silencio.

Recorri tambem a outros cavalheiros vantajosamente

collocados no nosso meio social, os quais prontamente me habilitaram com as suas valiosissimas informações. Assim obtive uma collecção curiosíssima de lendas e encantamentos.

Relativamente ás duas freguezias de Loulé entendi dever entrar pessoalmente nas minhas investigações. Então notei que a crença nas mouras encantadas e nos encantamentos tem ainda seus fervorosos adeptos.

Parece incrível a perfeita conformidade e harmonia na narração das lendas, feita por pessoas em idade avançada, algumas das quais nem se conhecem! Esta harmonia, realmente maravilhosa, convenceu-me de que as lendas, como partes integrantes da vida familiar, teem sido transmittidas por testemunhas convictas da verdade encerrada na sua narração, e conservadas por pessoas que lhes ligam toda a fé e auctoridade.

Notei tambem que as minhas informadoras, tementes a Deus e muito consideradas por toda a gente, quando me narravam a lenda, diligenciavam empregar as mesmas palavras de que se tinham servido as pessoas idosas, que lh'as haviam transmittido, e que essas palavras eram pronunciadas com tanto respeito e entonação como se fossem as de uma oração religiosa—o *Padre Nosso*.

A velhinha da *Fonte Cassima* affirmou-me que não podia manter o socego do seu espirito sempre que tinha de se referir ás desditosas mouras, e nas outras da mesma idade, por mim consultadas, notei certa commoção. Quando uma velhinha do campo me narrou o episodio de uma moura, que pretendia atrair a si com promessas de diamantes e outras riquezas um mancebo, percebi que tremia.

— Mostra estar com medo! observei-lhe.



— Se lhe parece ! Se o mancebo tocasse sòmente com um dedo na mão da moura ficava eternamente perdido . . .

— Por que ?

— O simples toque de um dedo era o bastante para o moço perder os santos oleos, que recebera no batismo, e ficar ali preso por annos sem fim.

E disse estas palavras com uma tão sensível commoção que me fez crer estava convencida do que dizia. Então lembrei-me d'aquelles deliciosos versos do nosso exímio poeta :

E, porque a vês, meu filho,  
Que nunca te chegue a mão  
Ou rouba-te os santos oleos  
E deixas de ser christão.

E vão lá destruir-lhe estas crendices e outras superstições semelhantes ! O povo ha de ser sempre assim : o maravilhoso é para elle um violino de cordas de ouro, onde o seu coração defere as suas notas mais sympathicas. Os politheistas, que muita gente alcunha de ignorantes, mostraram conhecer o coração humano, quando lhe impingiram toda a sorte de sortilegios. O povo em tudo acredita, o caso está em ver ahí o maravilhoso ; chega a acreditar nas sinas observadas na palma da mão pelos ciganos, e até no celebre menino virtuoso de Vendas Novas ! . . .

Entre as diversas cartas que recebi de alguns amigos a proposito das lendas reproduzo uma, que é a plena confirmação do que acabo de expôr.

.....

« Pedes-me que te informe de quaisquer lendas de

mouras encantadas ou de encantamentos, que por ventura tenham apparecido na minha freguezia, apresso-me responder-te que não encontro aqui vestigios alguns d'essas lendas; se queres, porém, algumas informações de bruxedos e feiticerias, então declaro-te que não tens vida sufficiente para escrever livros. Isso de bruxedos é por cá um louvar a Deus...

\*

\*

\*

Na reproducção das lendas desejei ser fiel. Muitas vezes encontrei involvidas com as palavras da lenda outras de origem arabe. As minhas informadoras ligavam tanta importancia a essas palavras de significação desconhecida que consideravam um crime pol-as de parte. No final do livro e em *notas* exporei o sistema que segui para dar a aproximada traducção de tais palavras.

Notei tambem que em quasi todas as povoações do Algarve, onde existiram castellos mouriscos ou onde se feriram combates entre portuguezes e mouros, havia uma lenda, e para ali chamei a attenção dos meus illustres auxiliares; é certo porém que nem sempre obtive os resultados que esperava. As lendas, principalmente n'este seculo, soffreram enormissimo golpe.

E o que se dá respectivamente ás mouras e aos encantamentos succede a muitas outras lendas, piedosas e profanas, que abundavam na nossa provincia, e cujo conhecimento é hoje quasi nullo.

Durante as minhas investigações apurei que ligadas ás lendas de mouras encantadas andam outras em que tambem figuram mouros encantados sob a fôrma de

diversos animais. Separar estas d'aquellas não é empreza facil, por isso não segui as regras de uma boa classificação. Colloquei em ultimo logar as lendas que melhor me offereceram a verdadeira caracteristica dos *encantamentos*.

Já os gregos fizeram essa differença, e de uns e outros encontram-se exemplos no *Minotauro*, na *hydra de Lerna*, e nas diversas fórmãs que as suas devindades tomavam para conseguir os seus fins. E os romanos n'este ponto seguiram o exemplo d'aquelles.

Apontei, portanto, em primeiro logar as lendas de mouras encantadas, e em segundo aquellas que mais me pareceram com os chamados encantamentos.

\*

\*

\*

E' tempo de terminar este *antiloquio* que a muitos parecerá enfadonho; antes, porém, devo dizer o motivo que me levou a fazer a historia resumida de algumas povoações, antes de entrar nas suas lendas.

Estou convencido de que as causas proximas que deram origem ás lendas de mouras encantadas foram a expulsão dos mouros da provincia e a maneira por que foram tomados os seus castellos, quasi repentinamente. Os guerreiros de D. Paio eram de uma energia e de um valor incomparaveis. Em muitas occasiões poderiam repetir as palavras de Cezar — *Veni, vidi, vici*. A rapidez no combate e na tomada dos castellos foi extraordinaria, e por isso os serracenos viram-se, n'um momento imprevisto, forçados a largar tudo o que mais amavam e a desamparar as suas villas e cidades. Esta fuga repentina e as ideias do tempo rela-

tivamente ás artes magicas deram origem ás lendas das mouras encantadas. Ora fazer a historia resumida d'esses combates pareceu-me razoavel e adequado. Segui, pois, este sistema.

Assim, a proposito da lenda da Fonte Cassima, descrevi, a pequenos traços, o combate dos *Furadouros* e a conquista do castello de Loulé, e, pelo mesmo sistema, fiz a descrição da tomada do castello de Tavira como introdução á lenda de Fatima, a moura encantada no poço do Vaz Varella.

Com receio de errar na investigação de tão antigos combates vali-me da *Cronica Inedita da Conquista do Algarve*, da *Relação Historica* da derrota e aventuras de uma armada de cruzados, escrita por um d'esses cruzados, da *Corografia* de João Baptista Lopes, da *Historia* de Pinheiro Chagas, de La Clede, e outros, que muito me auxiliaram n'este assunto.

Muitas vezes me affastei de um ou outro d'aquelles escritores quando os factos por elles narrados não estavam de harmonia com as tradições locais. A tradição tem tambem os seus foros e não é debalde que os atropelamos. Além d'isso notei que os nossos escritores antigos não teem ideias seguras da conquista do Algarve. E' rarissimo encontrar dois cronistas em completo accordo. Escreviam muito distantes do theatro onde os factos se exhibiam, e d'aqui as contradições.

«A conquista do reino do Algarve — diz o famoso critico Fr. Joaquim de Santo Agostinho — é um facto dos mais embrulhados na nossa historia portugueza. A identidade dos successos d'esses tempos, a pouca exacção dos primeiros cronistas, a prevenção e o espirito de partido, que desgraçadamente dominava os

historiadores da idade media de ambas as monarchias, Portugueza e Hespanhola, realizaram a quimera de ser o reino do Algarve conquista das armas hespanholas, e um presente de que a generosidade dos seus principes nos quiz fazer mercê. Assim correu esta opinião bebida nas encharcadas fontes dos *cronicões*, sem outra prova ou outra averiguação.

Ora a *Cronica Inedita da Conquista do Algarve* está exactamente no caso exposto e por isso muitas vezes a encontrei em completa desharmonia com as tradições populares.

E agora, meu sobrinho, resta-me apenas uma simples declaração: a dedicatoria do meu livro tem a força de uma doação condicional: completares tu, quando possas, o estudo das lendas da nossa querida provincia, pias ou profanas, e que são realmente, quer em prosa quer em verso, de um incalculavel valor.

Teu tio

*Athaide d'Oliveira*



# LOULÉ

## I

São concordes os historiadores em attribuir a Loulé uma antiguidade respeitavel, divergem, porém, entre si, quando querem determinar a epoca da sua fundação.

Uns ensinam que Loulé foi construida com os materiais da antiga cidade de *Carteia*; outros opinam por uma origem ainda mais antiga e querem que fosse fundada pelos carthaginezes, 404 annos antes de Jesus Christo.

Sabe-se que em 743, anno em que os arabes invadiram o Algarve, já Loulé existia como villa importante, ignorando-se se tinha ou não o nome actual.

Segundo uma lenda muito auctorisada, que, de ida-



de remota, corre n'esta villa, o nome actual foi-lhe dado ali pelos annos 1045 da nossa era. Diz-se que em uma das correrias emprendidas, em terras de mouros do Al-Faghar, por D. Fernando 1.º, rei de Leão, cognominado o Grande, chegou elle, á frente dos soldados, mui proximo do castello de Loulé. Então levantou-se entre os seus cabos de guerra, que o rodeavam, discussão ácerca do nome da arvore, que, de longe, avistaram sobre o castello. Uns diziam que era uma alfarrobeira, outros um choupo, outros o alamo, alguns o aloendro, e outros um loureiro.

— *Laurus* é, disse o monarca, entrando na discussão e pondo-lhe ponto final.

E d'este momento em diante foi esta villa conhecida entre os christãos pela villa de Lauroé, e mais tarde — Loulé.

Disse acima ser auctorisada esta lenda, pois que as armas da villa são figuradas n'um castello e sobre elle um loureiro.

Quando D. Paio Peres Correia entrou no Algarve com os seus cavalleiros, tinha Loulé grande importancia, resultante certamente do seu castello fortificado. Por duas vezes despertou elle a cubiça do Mestre: quando este de Estombar saiu para Cacella, e quando de Cacella foi esperar em Salir D. Affonso 3.º, mas então teve receio de o accommetter e satisfez-se apenas em olhal-o de longe. Na terceira, que foi a escolhida pelo Mestre para o tomar á força de armas, correu tão feroz e mortifero o combate que ao proprio D. Affonso causou espanto; o que facilmente se vê do dialogo havido entre D. Paio e D. Affonso 3.º « .... e porque ho Mestre morria alguma gente nas pelleyas e combates... disse-lhe El-Rey fallando com elle: Mes-



tre muito me peza por os cavalleiros que vos morrerão na conquista destes luguares porque eram todos mui estremosos homens. Senhor, disse o Mestre, não tomeis nojo por os mortos porque morrerão no serviço de Deus e salvação de suas almas e logo o Mestre partio de Loulé e foyce lançar sobre Aljezur.»

Estas palavras que encontro na *Cronica Inedita da Conquista do Algarve* por um anonimo, quasi contemporaneo dos successos que ali se narram, fazem crêr que a conquista do castello de Loulé custara muito sangue christão. E' possivel e até certo que n'aquellas palavras o valente monarca não só se referisse ao combate em frente do castello, como ao combate ferido no sitio dos *Furadouros*, quando o governador do castello quiz tolher os passos aos freires de D. Paio, ainda assim não destroem a minha asserção e antes a confirmam porque ou aquellas palavras fossem applicadas sómente ao combate em frente do castello ou tambem ao travado no sitio dos *Furadouros*, ambos estes tiveram por fim a conquista de Loulé.

E porque tanto o combate realizado no sitio dos *Furadouros* como o ferido na conquista do castello marcam a origem das lendas, pois que até n'ellas se prendem, vou no seguinte capitulo tratar d'esse assunto, notando que me regulei muito na sua elaboração pelas tradições locais, que ainda correm no sitio.

Os *Furadouros* distam aproximadamente quatro quilometros da villa e por este sitio passava a antiga estrada de Loulé para Faro, como ainda hoje passa a moderna, que corre paralela á antiga e pelo mesmo sitio.



## O combate

### II

Em um dia de primavera do anno 1249 perceberam os christãos dos arredores de Loulé grande arruido de armas e vozes na parte interior do castello. Os vigias corriam pelas ameias, os chefes cabildas empunhavam as suas cimitarras, os atabales e anafis soavam ferozmente por entre a mais estrondosa algazarra. No meio de todos, o governador do castello, com o seu turbante verde, distintivo manifesto de que estava revestido das honras de xarife inherentes ao mouro que por tres vezes visita Meca, dava ordens precisas, e corria a todos os logares, onde a sua presença era necessaria, com uma prontidão de pasmar.

Era o governador do castello um mouro valente e arrojado. Nascera em Tanger, onde de criança começara a exercitar-se nas armas, sem prejuizo dos estudos profundos das sciencias do seu tempo. Conhecia os segredos dos combates como os misterios da magia: era um soldado invencivel e um crente convicto. Na manhã d'este dia chegara ao castello das bandas de Faro um adail com más novas: Affonso 3.<sup>o</sup> tomara o castello de Faro e commettera a D. Paio Peres Correia a missão de atacar com a maior presteza o castello de Loulé.

Não fôra difficil aos christãos dos arredores ter conhecimento d'estas novas, que os enchiam de jubilo, pois que os mouros, não obstante o que d'elles escreveram os nossos escritores dos primeiros seculos da monarchia, eram de extrema benignidade para os christãos, a ponto de muitas vezes succeder que em quanto o almuadden chamava os moslens à oração, o sino annunciava aos christãos a hora das solemnidades do seu culto, e uns e outros encontravam-se e cruzavam-se nas ruas tortuosas das suas cidades, sem que os christãos experimentassem qualquer afronta.

O governador do castello, reunindo os seus soldados mais aguerridos, resolvera, em conselho, sair ao encontro de D. Paio, e dar-lhe combate. Esse o motivo porque no castello era tão grande o arruido. (1)

Pelas dez horas da manhã saíram do castello os serracenos e seguiram a estrada de Faro. Alguns christãos, de longe, e occultos pelas franças das arvores e pelo matto exposito, seguiram o exercito mouro, atravessando campos incultos, saindo fôra da estrada, e indo occupar as iminencias de um outeiro de onde podiam avistar, sem receio, os campos do sitio dos

*Furadouros.* Chegados ali divisaram lá em baixo os dois exercitos, um em frente do outro.

O sol subia no horizonte e os seus raios refletiam-se nas armaduras das duas hostes. Soavam de cada lado os sinais indicadores do proximo combate. Segundo o velho costume, do campo serraceno rompia um infernal estrondo, produzido pelos gritos e alaridos dos soldados, acompanhados dos sons agrestes e desafinados das trombetas, atabales e anafis. Envolvidos nos amplos albornozes e montados nos seus ginetes, os soldados serracenos pareciam de longe fantasmas horríveis.

Do campo christão as tubas guerreiras animavam os soldados e incutiam-lhes aquelle valor e aquella ousadia que os tornavam invenciveis e incomparaveis nas luctas.

D. Paio Peres, á frente dos seus cavalleiros, vestidos de aço e empunhando suas espadas em fórmula de cruces, avançava a passo firme e seguro contra o inimigo : o governador do castello, arrojado como o leão e sagaz como o tigre, animava as suas gentes e procurava encontrar no seu olhar de lince o ponto vulneravel do corpo de aço que o atacava.

Embora n'esta epoca as discordias entre os musulmanos tivessem tomado proporções extraordinarias, e a morte do dominio do islamismo pairasse por sobre as terras de Chencir; embora Cacella e Tavira podessem ser consideradas duas sentinellas, que isolavam do resto da Hespanha arabe a nova provincia do Algarve, sentinellas poderosissimas e fortemente defendidas pelos freires hospitalarios commandados por Afonso Peres Fariña, e pelos spatharios sob o mando de Paio Peres Correia, todavia os serracenos de Loulé,

como se estivessem no apogeu das suas glórias de outros tempos, e como se uma só ideia os dominasse, pareciam leões resolvidos a morrer, preferindo a morte no campo da honra á vergonha do desastre.

Foi terrível o combate. Os dois exercitos, como duas enormes serpentes, accometiam-se com furia. Por algum tempo esteve indeciso o duello entre milhares de combatentes; proximo porém do sol-posto, uma d'essas serpentes, com as escamas de ferro quebradas, começou a fraquejar e a retirar para o seu covil. Os ser-racenos não poderam rezistir ao embate das forças christãs e retiravam-se em ordem.

Não custara barata a victoria dos soldados da cruz; e tanto que D. Paio preferiu ficar no campo da peleja a seguir o inimigo, que pôde entrar no castello sem opposição.

N'essa noite o governador mouro, alentando uns com elogios, e animando outros com esperanças, preparou uma dura defeza. Quasi á meia noite desceu aos seus aposentos pela escada interior do castello e foi abraçar as suas tres filhas, que o esperavam: Zara Lydia e Cassima.

— Está ferido, meu pai? perguntou Cassima, a filha mais nova.

— Não, minha filha. O profeta não quer ainda o meu sangue.

— São verdadeiras as noticias que nos trouxe o adail?

— Verdadeiras! O rei Affonso entrou no castello de Faro e é o seu Senhor. Fez já doação a Esteves Annes, seu chanceller-mór, de todos os herdamentos que Abusala, governador de Faro, e sua mulher Zaforena, possuiam em todo o Al-Faghar.

As tres filhas do governador pizeram-se a chorar.

— Não chorem, minhas filhas, observou o governador extremamente commovido ; o grande profeta nunca se esqueceu dos seus crentes. Se os meus soldados não poderem levar de vencida o perro christão, e o nosso castello fôr tomado à força, nem por isso devem desanimar. Felizmente possuo os segredos da magia, e quando reconheça a impossibilidade da defeza, eu saberei defender a honra de minhas queridas filhas. Vão descansar... é já bastante noite.

As filhas retiraram ao seu quarto, beijando as barbas de seu extremoso pai, onde a furto se achava depositada uma lagrima, que dos olhos do velho tinha caído.

O governador despiu apenas uma vestimenta de aço, semelhante a uma cota de armas, e deitou-se sobre um catre a descansar. E em vez de pegar no somno poz-se a refletir!...

Em que pensaria o pobre velho?!...

Pelas duas horas da noite o ministro dos crentes, no alto da torre do Almadena, chamou tres vezes os fieis à oração, dizendo:

— *Allah achar!* (Deus é grande).

Passado algum tempo a mesma voz pronunciou tres vezes as seguintes palavras:

— *La allah ella allah Mohammed rasut allah!* (não ha Deus senão Deus e Mahomet o seu legado).

Então o governador ergueu-se do catre, vestiu novamente a cota de armas, poz na cabeça o turbante, collocou à cintura o alfange, escondeu no seio um famoso punhal com embutidos de ouro no cabo, e preparou-se para subir ao castello. N'esta occasião o ministro dos crentes—o almuadden—repetiu por tres vezes, em voz alta, as seguintes palavras:



— *Hai ala essalab, essalab achiar menennaum.* (Vinde para a oração, a oração aproveita mais que o dormir).

— São horas, disse consigo o governador.

E subiu ao castello e foi postar-se no ponto mais alto, voltado para nascente. A escuridão era impenetravel.

O governador continuou a passear pelas ameias, parando a cada momento, voltado para nascente. Todo o seu desejo era penetrar a escuridão com os olhos. Passado algum tempo tornou a parar. Momentos depois disse:

— Estão além, bem os distingo.

E não se enganara. Por entre a escuridão, um pouco destruida pela alvorada, o governador enxergara, sobre o *Cabeço do Mestre*, os soldados de D. Paio. De longe, e quando o sol ia rompendo, o exercito do Mestre parecia o dorso de um corcodilo gigante a espreguiçar-se aos raios do sol.

O governador mouro deu a voz de alarma; todos pegaram em armas e vieram occupar os seus respectivos logares. Entretanto o exercito christão descia o outeiro mui vagarosamente e foi collocar-se em frente do castello. Os mouros, adargados a seu modo, animavam-se mutuamente com as trombetas e os alaridos.

D. Paio Peres Corrêa fizera-se acompanhar da sua gente mais aguerrida. N'este combate batalharam sob o seu commiando D. João Affonso, alferes-mór, seu irmão D. Affonso Telles, seus primos D. Mem, D. Gonçalo, D. João, D. Fernando Guarcia, D. Martim Peres da Vida, com os tres illustres irmãos D. Gil Martins, D. Fernando e D. Affonso Lopes.

Do lado dos mouros não faltavam tambem heroes: só o governador valia um exercito.



Foi rude e feroz o ataque, heroica e gigantesca a defeza. Descrever aquelle e esta não está nas minhas forças. Como bem disse o fallecido escritor Pinheiro Chagas «n'uma batalha da idade media, desde o momento em que os combatentes vieram às mãos, cessou o mister do historiador, e a não ser que elle vá, como o velho Homero, descrever as pugnas individuaes cujo conjuncto fôrma o duello gigante, em que as duas hostes, verdadeiras serpentes de ferro, se estorcem, se revolvem, arquejam.... o historiador só tem de se limitar a dizer o resultado final.»

Limitar-me-ei tambem a descrever o resultado final, sem determinar o tempo que durou o cerco. Os historiadores, como em quasi todos os assuntos que se prendem com a conquista do Algarve, não concordam na duração do combate. Se uns dizem que durou semanas, outros affirmam que apenas dias. O cronista, já por mim citado, quasi deixa ver, contra a commum opinião e contra todas as tradições, que o combate durou sómente horas. Diz elle:

«Depois que El-Rei tomou a villa de faraó logo d'ahi a poucos dias partio o mestre com sua companhia e foyce lançar sobre Loulé e não esteve o cerco munto sobre elle que logo o não tomarem.»

Ora as palavras *munto* e *logo* são suscetiveis de varias interpretações, e podem, na verdade, significar uma ideia de tempo mais ou menos longo. Por isso interpretal-as-ei aqui *por dias*, que é a interpretação que encontro auctorizada pelas tradições locais.

Em um dia de madrugada, depois de alguns de cerco, quando os christãos se aproximaram do castello, não viram nas ameias nenhum combatente. Foram immediatamente dar parte ao Mestre, receiosos de alguma

armadilha. O Mestre deu todas as providencias que o caso exigia e mandou proceder ao arrombamento da porta que abria para nascente. Não havia traição: a villa estava deserta. Nem um velho ou uma criança: tudo desamparara a villa quasi completamente devastada e arruinada. Esta solidão que amargurou El-Rei e o Mestre foi causa de se criar na imaginação popular a ideia de que na villa tinha ficado gente encantada. Não sabendo explicar a possibilidade de uma fuga tão rapida e de tanta gente recorreram ao maravilhoso. Foi sempre assim o povo.

Na tarde d'esse dia foram os soldados christãos informados de que na noite anterior o governador do castello e a sua gente, abrindo a porta *babelhacar*, sem que fossem presentidos pelo exercito christão, tinham por ella saído, encaminhando-se todos para Quarteira, onde já eram esperados por alguns barcos, que os conduziram a Tanger.

N'esse mesmo dia D. Paio Peres Correia entrou no castello á frente dos seus freires e tomou posse da villa.

Em nome de quem tomou posse?

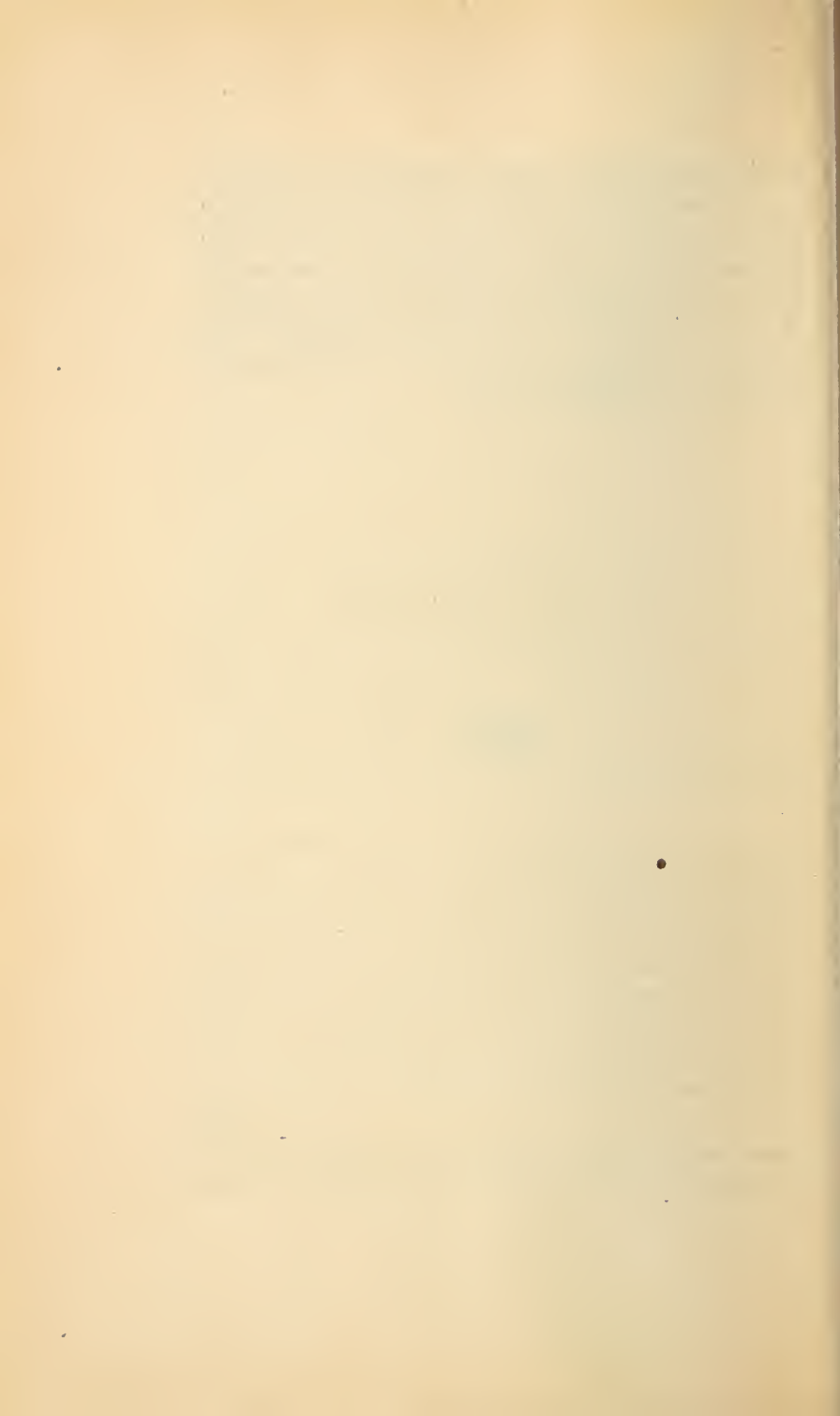
È para o historiador um caso de difficil resolução attenta a opinião que affirma ter D. Affonso 3.<sup>o</sup> assistido a esta posse, e a opinião de alguns historiadores que sustentam ter a posse do referido castello sido entregue tres annos depois pelo rei castelhano a D. Affonso 3.<sup>o</sup>. Parece que D. Paio n'esse tempo fazia as suas conquistas em nome do rei castelhano, o que a maior parte dos nossos historiadores fortemente contesta. (2)

No dia seguinte era já publico e sabido que as tres filhas do governador do castello não tinham acompa-

nhado seu pai na fuga. Onde tinham ficado escondidas?

Então appareceram varias versões, sobresaindo a todas a que as davam por encantadas em uma fonte próxima da villa, em um sitio agradavel e ameno. Como esta lenda chegou até hoje, atravez de centenares de annos e de milhares de gerações, vou transcrevel-a, tal como a encontrei nas memorias tradicionais dos louletanos, no seguinte capitulo.





## A moura Cassima

### III

Era o governador do castello de Loulé um homem dotado do dom da magia. Depois dos duros combates feridos em frente do castello, reconheceu que a villa seria brevemente invadida pelos soldados de D. Paio. Na penultima noite, quando todos descansavam, abriu uma das portas do castello, e, sem que o presentissem, saiu acompanhado de suas filhas e encaminhou-se em direcção de uma fonte, a nascente da villa, aberta junto de um viçoso cannavial.

Alguns christãos, moradores em um aduar proximo, conheceram o governador e suas filhas; presenciaram então o governador aproximar-se da fonte e entoar

umas preces tristes e monotonas, um pouco abafadas pelos soluços das tres filhas. A musica do canto era pausada, piedosa e de uma doçura angelical. Em seguida afastou-se elle da fonte, sosinho, com a cabeça inclinada sobre o peito, extremamente commovido. Na noite seguinte desamparou o castello, acompanhado de toda a sua gente, e foram todos embarcar em Quarteira para Tanger, na dôce esperança de que voltariam brevemente, acompanhados de grandes forças armadas, a retomar o castello e a villa.

Deegraçadamente para o governador, as discordias da sua raça tinham tomado maior incremento. A dinastia almuade estava em plena decadencia combatida pelos Benes Mennes, nova dinastia, que ameaçava substituir-lhe como aquella substituíra a dos almoravides. Emquanto, pois, o governador não conseguia os esforços desejados, passeava, triste e pensativo, pelas praias de Tanger, de onde alongava os seus olhares saudosos em direção da pequena fonte, asylo das suas filhas encantadas.

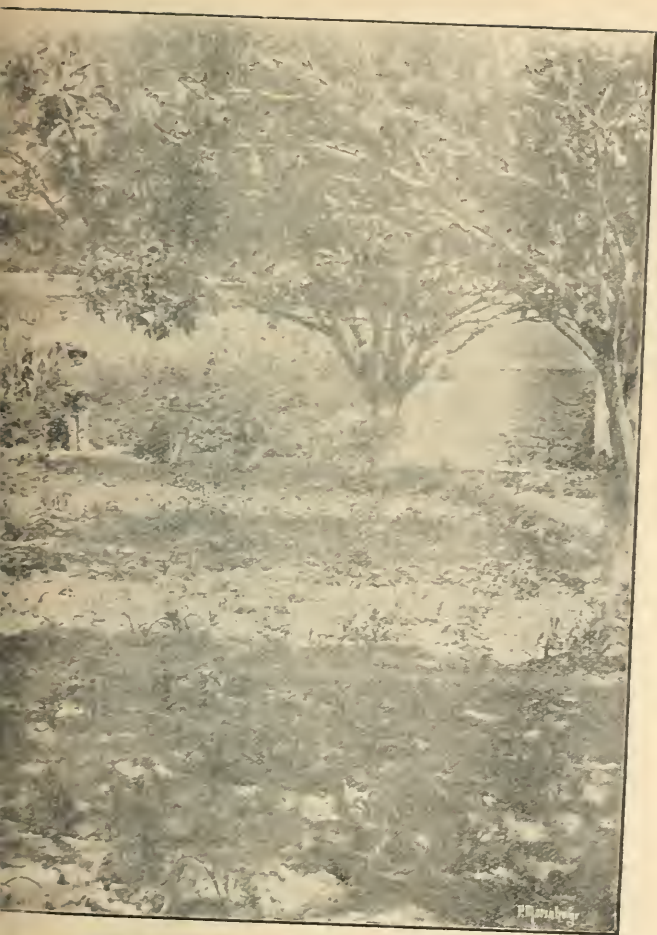
Em certo dia chegaram a Tanger alguns christãos, cativos dos mouros, e entre estes um carpinteiro de Loulé. Vendidos em praça publica foi o louletano adjudicado ao governador.

Ao primeiro relancear de olhos conheceu o artista o velho governador; fingiu porém não o conhecer. Em certo dia aproximou-se o governador do carpinteiro e pediu-lhe noticias de Loulé.

— Quando d'ali saí, falava-se muito do encantamento das filhas do governador do castello, respondeu o carpinteiro.

— Conheceste-o ?

— Não.



A Fonte Cassima





— O que se dizia d'esse encantamento, e como souberam que essas desditosas estavam encantadas?

— Alguns christãos viram o governador sair do castello com suas filhas, ouviram as tristes psalmodias, e notaram que elle recolhera sósinho.

— Era eu esse pai.....

E o velho poz-se a chorar.

-- O meu amo e senhor dispõe de mim como lhe parecer.

O governador, sem responder, recolheu-se ao seu quarto.

No dia seguinte, ao sol posto, entrou no cubiculo do cativo e disse:

— Estás resolvido a prestar-me um grande serviço?

— O meu amo e senhor manda e eu obedeço.

— Preciso de que vãs ao Algarve desencantar minhas filhas.

— Por terra não sei o caminho, por mar nunca aprendi a guiar uma almadia ou uma zabra.

— Acompanha-me ao meu quarto.

O carpinteiro acompanhou o amo, e viu no quarto sobre um catre um par de alforges, e no meio do quarto um alguidar cheio de agua. -

O governador fechou por dentro a porta, olhou fixamente o artista, e disse-lhe:

— Antes de tudo quero que jures pelo teu Nazareno cumprir à risca tudo que te ordenar.

— Juro, respondeu o carpinteiro resolutamente.

Então o governador tirou de uma caixa tres pães e disse:

— Em cada um d'este pães está escrito o nome de cada uma das minhas filhas. Na vespera de S. João, à meia noite, abeira-te da fonte onde estão encantadas,

lança-lhe dentro um d'estes pães e diz: *Zara*; depois este e diz: *Lydia*; e afinal o terceiro: *Cassima*. Ditas estas palavras, retira-te para tua casa.

O carpinteiro examinou os pães e seus respectivos sinais, marcados pelo mouro, e em seguida este metteu os pães nos alforges e pol-os sobre os hombros do artista.

— O mais penoso é o que segue, disse o governador com a voz tremula.

— O que é? perguntou o carpinteiro a tremer.

— A jornada.

— D'aqui ao Algarve deve ser muito longe.

— Vês aquelle alguidar cheio de agua?

— Vejo.

— Para chegar ao Algarve basta-te sómente a prudencia acompanhada de diligencia.

O carpinteiro não respondeu.

— Colloca-te d'aquelle lado do alguidar e dá um salto para traz. Se o salvars de um pulo, encontrar-te-ás immediatamente ás portas da tua villa; se o não salvars cairás afogado no mar.

Se as saudades dos filhos e esposa o não atormentrassem cruelmente, o carpinteiro pediria que outrem, mais ousado, desempenhasse tal missão, mas era pai e esposo, e por isso respondeu immediatamente:

— Estou pronto: serei prudente e diligente.

— És um homem, disse o mouro.

E o carpinteiro aproximou-se do alguidar com os alforges ás costas e mediu com os olhos a sua largura.

— Espera um pouco. E' necessario que o grande astro se encontre na devida conjunção. Faltam apenas dois minutos. E agora te digo que se desencantares as minhas filhas receberás a satisfação condigna por intermedio de muitas vias.

-- Andarei pelo ar muito tempo ? perguntou o carpinteiro, visivelmente incommodado.

— Em breve o saberás.

O artista aproximou-se mais do alguidar e segurou com energia os alforges e os pães.

-- Salta ! ordenou o governador n'uma voz cava e accentuada, que perfeitamente imitava o estertor de um moribundo, nos ultimos momentos de agonia.

O carpinteiro deu o salto e desapareceu.

Em seguida o velho governador dirigiu-se para a Mesquita e foi ajoelhar em frente do nicho que existe em todas as Mesquitas e que corresponde à porta do templo de Meca, chamada—*alquella*.

Conservou-se ali por muito tempo em profundo recolhimento de espirito.

Os mouros passavam-lhe ao lado e diziam entre si, com profundo respeito :

— Está em oração o *Çala ben Çala* (o justo dos justos).

Quando o governador se afastou do lugar, todos se curvavam à sua passagem. E' que o governador era muito respeitado pelo seu valor, pela sua fé e pela sua infelicidade.

E entretanto o carpinteiro atravessava como uma aguia os ares e salvava os mares, chegando às portas da villa, ao romper da manhã.

Sentou-se a tomar folego, esperando que fossem abertas as portas, e não sei se chegou a penitenciar-se de ter emprehendido tão grande travessia por um processo menos catholico.

Rompeu o sol no horisonte ! Como é bello o nascer do sol na nossa provincia ! que encantos lhe não encontraria o pobre artista com os braços livres das algemas do cativoiro !...

Encaminhou-se para uma casa e bateu á porta. Quando lhe appareceu a mulher e ambos se abraçaram n'um mutuo amplexo, estavam já cercados de muitas pessoas da villa, avidas de noticias.

O carpinteiro, porém, depois de abraçar a mulher e beijar os filhos, subiu ao sótão e foi guardar os tres pães dentro de uma arca usada, onde estavam as velhas alfaias, que de nada serviam.

N'esse dia fartou-se de mentir para responder ás perguntas impertinentes dos seus patricios.

E' escusado dizer que nas suas respostas fez sempre sobresair a crueldade dos mouros, que se entretenham, dizia, em cortar aos cativos a pelle das costas com uma faca.

E não andou mal, porque se elle dicesse que tinha atravessado os ares por intermedio dos sortilegios, talvez que uma fogueira lhe queimasse as carnes e os ossos.

\*

\*

\*

Nas tardes dos domingos e dias santificados, saía o carpinteiro da villa em passeio á fonte e ali se conservava, horas inteiras, com os olhos fixos na agua da fonte, esperando, a cada momento, lobrigar lá no fundo alguma das desditosas encantadas. Quando começava a escurecer, voltava para casa, e ia observar os tres pães escondidos na arca.

Tantas vezes abriu a arca que a esposa, na ausencia do marido, foi ver o que a arca continha. Viu os tres pães e ficou surprehendida. Conteriam os pães algum dinheiro? ou algum segredo do esposo apaixonado? Resolveu pedir informações ao marido.

— Não lhes toques, respondeu o marido visivelmente incommodado, quando a mulher o interrogou.

Esta resposta simples e formal maior desconfiança despertou na mulher. Em uma tarde de domingo, na ocasião em que o marido, debruçado na fonte, espreitava as mouras, subiu a mulher ao sótão, abriu a arca e deu, com uma faca, grande golpe em um dos pães. Immediatamente começou a sair sangue pela cutilada. Amedrontada, a mulher curiosa escondeu o pão entre os outros e fechou a arca á pressa.

Nesse mesmo momento o marido, debruçado na fonte, ouviu distintamente um enorme grito saído do interior e da parte mais funda das aguas. Sentiu arripiarem-se-lhe os cabellos e não soube explicar aquelle phenomeno.

A mulher nada contou ao marido.

Chegou afinal a noite da vespera de S. João, noite igualmente festejada por mouros e christãos. Apenas começou a escurecer, dirigiu-se o artista para a fonte, levando nos alforjes os tres pães.

Estava limpida a athmosfera e a lua percorria o horizonte no seu trono de marfim.

O carpinteiro sentou-se ao lado da fonte e esperou que desse a meia noite. Logo que deu a hora marcada, tirou dos alforjes um pão, lançou-o dentro da fonte, e disse em voz alta :

— Zara !

Ergueu-se immediatamente do fundo da fonte um globo de espuma, tomando a fôrma de um veo branco de rainha em dia de nupcias, subiu, subiu, e desapareceu com a velocidade do relampago.

— Lydia ! exclamou o carpinteiro, no mesmo tom de voz, lançando o pão á fonte.

Repetiu-se o mesmo phenomeno.

— Cassima! disse no mesmo tom e pela mesma fórma.

Souo um grito, repassado de dôr, e as aguas permaneceram quietas.

— Cassima! repetiu o artista, n'um tom de vez forte e energico.

Então as aguas da fonte marulharam estrepitosamente entre uns queixumes de pessoa aflita, e quasi ao mesmo tempo viu o carpinteiro segura pelas duas mãos ao gargalo da fonte, uma formosissima mulher.

— O que significa isto? perguntou o carpinteiro atemorizado.

— Significa que estou condenada a passar seculos e seculos n'esta fonte, respondeu a moura, soluçando.

— E de quem é a culpa?

— De tua mulher, que me cortou de um golpe a perna direita.

— Minha mulher... naturalmente não teve a consciencia do mal que fez.

— Nem a culpo. Os fados foram-me adversos. Foi tua mulher o instrumento de que se serviram contra mim. Se tua mulher não fosse curiosa ou ciosa...

— E todavia está innocente, apressou-se o marido...

— Bem sei. Não lhe quero mal. Eu sei que dentro de poucos dias ella ha de soffrer as dôres da maternidade, e para te provar que lhe não desejo mal, offereço-te este cinto com o qual a cingirás no memento das dôres.

E segurando-se com uma das mãos aos bordos da fonte, com a outra offereceu ao carpinteiro um riquissimo cinto bordado a ouro e coberto de pedras preciosas,



O carpinteiro acceitou a valiosa offerta, e a infeliz Cassima desceu ao fundo da fonte, dando dois angustiosos gemidos que até cortavam os mais duros corações.

Ficou o carpinteiro extremamente penalizado com a triste sorte da filha mais nova do governador, mas nem por isso deixou perder a occasião de experimentar o brilhante effeito que a lua produziria refletindo os seus raios nas pedras preciosas do cinto. Aproximou-se, pois, do tronco secular de uma carvalheira gigantesca, e cingiu-o com o cinto, indo postar-se a certa distancia para melhor observar os effeitos da reflexão.

Fenomeno espantoso! Apenas acabou de cingir o tronco, ouviu-se como um grande ronco saído das entranhas da terra, e a arvore, arremessada ao ar com todas as raizes e ramos, subiu, subiu até desaparecer para sempre.

O carpinteiro fez o sinal da cruz e dirigiu-se de corrida para casa.

Esperou o carpinteiro durante muitas semanas a retribuição que lhe fôra promettida pelo pai das mouras; debalde, porém.

Passados alguns mezes seguia o carpinteiro o largo da Praça, em uma tarde de chuva, viu no alto, em frente do actual predio da camara, uma mulher, encostada á porta, do lado esquerdo, que lhe acenava. Não a conheceu, e aproximou-se-lhe, saltando a valeta que ia cheia de agua. Immediatamente sentiu-se arremessado ao ar, como se fôra arrastado n'um tufão, e foi cair, sem perigo, na praça de Tanger. Julgou-se perdido quando se viu agarrado por diversos mouros, que o conheciam e o levaram á presença do velho governador.

Só então o carpinteiro se recordou das feições de Cassima e conheceu ser ella que lhe acenara na Praça !

O velho governador, logo que viu o carpinteiro, empallideceu horrorosamente ! Despediu os mouros e ficou só com o artista.

— O que fizeste da minha querida Cassima, infeliz ?

— Não fui culpado, senhor ! respondeu o carpinteiro.

— Bem sei, bem sei ! Os fados foram-lhe contrarios. Tinha de ser, tudo estava escrito. Zara e Lydia casadas, e na opulencia, ao passo que a minha pobre Cassima passará eternamente os seus dias, dentro dos apertados ambitos d'uma fonte ! Felizmente, ainda assim, não se encontra lá só.

Esta resposta esclareceu um ponto em que o carpinteiro andava intrigado. Elle sabia perfeitamente que só Cassima ficara encantada, e todavia constantemente ouvia dizer ás suas vizinhas que diversos mouros existiam encantados nas proximidades de Loulé.

— Então, disse o louletano, ha mais desditosos encantados em Loulé ?

O governador, sem responder directamente ao carpinteiro, entrou como em extasis e disse profeticamente :

— Emquanto Al-Faghar existir, n'elle palpitará um mundo de corações serracenos.

Disse estas palavras, e exclamou :

— Saí da minha presença !

— Para onde ir, senhor ? ! Sabeis que os meus pobres filhos vivem lá sem mim, e não teem valores com que me resgatar. As estradas estão povoadas de facinoras, nem sei o caminho... sou extremamente pobre...

— Tens razão. Contraí contigo um compromisso, e não será um velho crente que faltará á sua promessa.



N'essa noite, por ordem do governador, embarcou o nosso carpinteiro em um barco veneziano, que o levou directamente a Faro. Conta-se que foram tão importantes as riquezas que o pai das mouras lhe offerecera que elle chegara a comprar todo aquelle terreno occupado pela fonte e hortas circumvizinhas. Outros affirmam que desde que a carvalheira foi arrancada pela raiz nunca mais ninguem viu o carpinteiro junto da fonte.

Seja o que fôr, o que é certo e se acha confirmado pela tradição constante de centenares de annos, é que a moura Cassima ainda hoje, nas noites frigidias do inverno, ou nas amenas de verão, pranteia tristemente o seu encantamento; e diz-se tambem que são muitas as encantadas por aquelles arredores.





## Outras mouras encantadas em Loulé

### I V

Procedendo na investigação da lenda da moura Cassima, notei que outras lendas, menos importantes, andavam ligadas áquella; e no intuito de as colligir, dirigi-me á Fonte da Cassima, nas proximidades d'esta villa, sitio onde residem diversos moradores, entre os quais uma velhinha, considerada a mais competente para me dar as devidas informações.

Bati á porta de uma casa de fraca apparencia e appareceu-me uma velha quasi cega.

— O que quer?

— Sou um pouco curioso e desejo que me conte alguns episodios referentes á moura Cassima, respondi.

— Naturalmente tem pouco que fazer e...

— Illude-se a meu respeito : desejo simplesmente consignar n'um livro essas tradições de tempos antigos conservadas até hoje atravez de innumeradas gerações. Ouvi, ha pouco, narrar a lenda das tres mouras, filhas do governador do castello de Loulé, e contaram-me cousas extraordinarias.

A velhinha pareceu reformar o seu juizo e disse-me, abrindo a porta :

— Entre.

Entrei e não esperei que me mandasse sentar. Sentei-me n'uma cadeira de tabúa tão velhinha como a dona da casa.

— Dizem-me que a moura Cassima tem apparecido a varias pessoas.

— Nunca a vi de dia e ainda que de dia a visse não podia affirmar que fosse a filha mais nova do governador. Creio que ha outras mouras por estes sitios.

— Que provas tem ?

— Era eu muito criança, ouvi contar a minha avó que, em certo dia de junho, aproximou-se seu avô da fonte e viu dentro d'esta, sentada em uma cadeira de prata, uma senhora a pentear os seus cabellos de ouro com um pente que parecia um grande brilhante. O avô da minha avozinha ficou muito assustado, mas não se atreveu a afastar-se d'ali.

— Talvez fosse illusão...

— Minha avó repetiu-me muitas vezes o que o avô lhe contara e que elle affirmava com uma espantosa convicção. E seu avô nunca mentira, segundo a opinião da minha santa avozinha. Em outra occasião, continuou a velhinha quasi cega, andavam uns meus vizinhos trabalhando na eira, muito perto da fonte da moura...

— A fonte Cassima ?...

— Não, senhor. A fonte Cassima fica ahi em baixo, a uns cincoenta metros, a fonte da moura fica ao lado e tem a apparencia de um bajanco... Como ia dizendo, um dos trabalhadores veio buscar agua á fonte Cassima e passou defronte da fonte da moura a uns cinco metros. Viu então expostos ao sol n'uma esteira bellos figos. Extranhou que em junho já houvesse figos ao sol e aproximou-se da esteira para se certificar. Apanhou uns cinco e mettem-os nos bolsos. N'este momento reparou então que á entrada da fonte estava uma mulher vestida de moura, que lhe disse : *apanha, apanha...* O meu vizinho assustou-se e poz-se a correr em direcção da eira, onde contou aos companheiros o que lhe succedera. Como duvidassem, elle tirou dos bolços os figos, mas só encontrou cinco carvões.

— E' notavel ! observei na minha ingenuidade.

— D'elle foi a culpa, porque se occultasse o que tinha visto, em vez de carvões encontraria cinco peças de ouro.

— E isso ha muito tempo ?

— Teria eu uns cinco annos, e eu tenho setenta e nove. Em uma noite, continuou a velhinha, estava minha mãe deitada com meu pai, que chegara de Faro, e eu dormia no berço. Pela meia noite ouviu minha mãe bater á porta da rua. Receiosa de que continuassem a bater, e acordassem-nos, ergueu-se da cama e foi á porta. Abriu o postigo e viu tres mulheres.

— O que querem a estas horas ?

— Amanhã, antes do sol nado, diga a seu marido que allugue duas cavalgadas e as traga para aqui. Quando seja meia noite, conduza a senhora as cavalgadas á fonte da moura e carregue-as com o ouro que

encontrar á entrada da fonte, e que ali está em monte como um monte de trigo. Depois de carregadas traga-as para sua casa, podendo então contar tudo ao marido.

— Quem são as senhoras ? perguntou minha mãe.

— Somos as tristes encantadas.

E desapareceram immediatamente. No dia seguinte contou minha mãe o que lhe succedera. Então meu pai respondeu :

— Parva ! Se te calasses seríamos muito ricos.

No entanto o meu pai foi alugar as duas cavalgaduras, minha mãe conduziu-as á fonte da moura, mas o monte de ouro tinha desaparecido. Se minha mãe se tivesse calado, seria eu hoje muito rica.

— Pelo que me conta ha por aqui mais de uma moura...

— Mouras e mouros. Aqui bem perto ha a fonte das *Romeirinhas*, onde têm apparecido mouros e mouras. Quando eu tinha os meus dezeseis annos, foi vista á meia noite uma formosa moura a pentear-se com um pente de ouro. Na villa não são poucas as mouras e mouros encantados.

— Nunca ouvi falar d'isso na villa.

— O mundo finge-se hoje muito desprendido d'estas cousas, e os que acreditam n'estas verdades não ouzam contal-as com receio das linguas malevolas. Pois creia que ha muita gente que o senhor pôde consultar e que sabe de tudo tão bem como eu.

Pedi á velhinha que me contasse a lenda da moura Cassima, ao que ella se prestou, narrando-a inteirinha sem se esquecer do mais insignificante episodio.

— Visto saber de alguns mouros encantados em Loulé, peço-lhe mais o obsequio de me informar a esse respeito.





A Fonte da Moura





— Hoje não posso. Creia que me faz grande mal o falar d'estes assuntos. Não estou á vontade e sinto-me incommodada.

E a velhinha não me deu nenhuma novidade. Tinha já notado n'ella uns certos estremecimentos, que bem revelavam que não se sentia bem. Não quiz insistir, e por isso apenas lhe pedi me indicasse qualquer pessoa da villa que me podesse dar informações detalhadas.

— Na villa tem muitas pessoas que o informem. Não se incommode por isso.

— Não duvido, mas não me atrevo a dirigir-me a qualquer pessoa, sem primeiramente ter a certeza de que serei bem succedido.

A velhinha pensou por um momento e perguntou-me se conhecia a senhora Maria do Carmo.

— Onde mora ?

— Na villa ; é a mãe da actual rodeira : é uma velhinha da minha idade e quasi tão cega como eu.

— Conheço : bem sei quem é.

— Dirija-se a ella, que tambem lhe pôde indicar outras pessoas.

Agradei á boa velhinha as suas informações e despedi-me propositadamente ao pé da Fonte Cassima.

Realmente o velho governador não podia escolher, proximo da villa, logar mais adequado ao encantamento das suas tres filhas. A fonte abre junto de um viçoso cannavial e está cercada de plantas odoríferas e de mimosas flores. Quando a aragem, nas bellas noites do verão, faz balouçar as tenues folhas das arvores, e o rouxinol, descantando amores, rompe o silencio dos bosques, sentindo-se e ouvindo-se a cada momento o correr da agua por entre as pedrinhas e os pequenos

seixos, parece-nos ouvir conjuntamente de dentro da fonte uns lamentos tristíssimos e misteriosos, que as proprias aves respeitam. A fonte Cassima não offerece n'essas noites esses momentos de alegria, que a mocidade procura, mas faz-nos recordar d'esses logares procurados pelos mysticos e contemplativos, no desejo intimo de conversar sosinhos com a sua consciencia. Só conheço um sitio similhante: é o Penedo da Meditação, em Coimbra, com a differença de que a Fonte Cassima nos desperta ainda mais recordações... e mais saudades!

\*

\*

\*

No dia seguinte dirigi-me a casa da senhora Maria do Carmo, uma velhinha quasi cega e mãe da actual rodeira. Expuz-lhe sem rodeios o fim da minha visita e consegui convencer-a da seriedade dos meus intentos.

— Visto que deseja saber tudo para bom fim, sempre lhe direi que ha mais do que suppõe. Aqui bem perto, no predio do sr. Assis, da Goncinha, está encantada uma formosa moura, e lá mais abaixo no predio do sr. Luiz Assis está encantado um joven mouro. São primos. Seus pais, que eram irmãos, queriam que elles se casassem um com o outro, mas nem elle nem ella estiveram pelo contracto, e os pais desesperados encantaram-n'os. Ainda hoje ha reuniões de muitos encantados lá em baixo na sala, sete varas sob o predio de D. Victoria Faisca, onde comparecem os dois primos. Falam-se, mas não se amam. Na parte do castello chamada a porta de *Miradela* (?) está tambem encantada uma tia da joven moura, só no intuito de dar companhia á sobrinha, que é a sua unica alegria.

— Quem contou á senhora Maria do Carmo tudo isso ?

— A mesma pessoa que me ensinou o *Padre Nosso*, a minha mãe. Soube-o ella de sua mãe, e esta de seus avós. E isto sabe-o por ahí muita gente, por ouvir também aos seus avós.

— Por essa fôrma estou a ver que em Loulé ha subterraneamente outra villa encantada.

— Loulé e freguezia. Não calcula aproximadamente o que por ahí ha. No Torrejão estão encantados mãe e filho. Em uma occasião passou por ali certa mulher acompanhada de um filho, criança. O pequeno ia um pouco atraz da mãe, e viu uma esteira de figos ao sol, quasi ao pé d'uns restos do antigo casarão. Tirou a criança dois figos da esteira e correu para a mãe, mostrando-lhe os figos. Quando chegou ao pé, os figos tinham-se transformado em peças de bom oiro. A criança contou á mãe o que lhe succedera, e esta acompanhou o filho ao logar. Não viram já nem esteira nem figos.

— E não estava alguem ao pé da esteira ? perguntou a mãe ao filho.

— Estava um menino do meu tamanho com um gorro na cabeça, respondeu a criança.

Ha no sitio do Valle, no moinho da mesma designação, um casal de mouros encantados. Os meus avós não sabiam qual fôra o motivo d'este encanto, e limitavam-se a affirmar que os encantados são riquissimos, mas de difficil desencanto.

— Por que ?

-- Porque para o seu desencanto é mister que haja uma joven que, tendo comido pão amassado em agua tirada da fonte em noite de S. João, a ella offerecido por duas pessoas do sexo feminino e por um cavalheiro

virgem, vá ao sitio desencantal-os ; ora cavalheiros virgens só conheço os padres, e estes..... não acreditam em encantamentos.

— E esses mouros teem sido vistos ?

— A moura, não ha muito tempo, appareceu á filha do José das Almas, e fel-a cair do jumento em que montava.

— Como a fez cair ?

— Caminhava a rapariga no seu jumento, appareceu-lhe a moura, que prontamente enleou as pernas do animal na cauda dos seus vestidos. Em Apra...

— Pois tambem em Apra ha mouras encantadas ? perguntei realmente surprehendido.

— Sim, senhor.

— Isso é impossivel.

— Por que ?

— Toda a gente me diz que as mouras encantadas eram formosas e gentis...

— E então ?

— Toda a gente sabe que Apra é o sitio de Loulé onde ha caras mais feias.

A senhora Maria do Carmo não gostou da minha observação. Mudou immediatamente de assunto e pretextando uma qualquer doença, despediu-me em termos habeis. Conheci que andara mal, mas sem remedio. Saí da sua presença e fui falar á senhora Maria da Gloria, já minha conhecida. Poucas novidades me deu esta velhinha, na sua avançada idade de oitenta e tantos annos. Da moura Cassima contou-me o que eu já sabia.

— Ha vinte annos, ponco mais ou menos, disse, passou junto da fonte das Romeirinhas, quasi á entrada da villa, um homem de Querença, montado na sua

jumenta. Eram dez horas da noite, em um sabado, e dirigia-se para a villa. O animal teimou em aproximar-se da pia, junto da fonte. Já ali, viu uma criança de gorro encarnado sentado no beiral da fonte. Suppondo que era alguma criança da villa, aproximou-se e disse: *anda cá, menino, levo-te á tua mãe*. A criança, sem dar resposta, deu um salto dentro da fonte e mettu-se por um buraco. Era um mourinho encantado. Foi tão grande o susto que apanhou, que, estava já na villa, e não podia falar.

— Como se chama esse homem ?

— Manoel. Não sei se é vivo, se morto.

— Estava convencido de que não havia criancinhas encantadas... observei.

— Quando os christãos entraram em Loulé, muitos mouros foram encantados com toda a familia. Suppunham talvez que não fosse duradouro o encanto e que voltariam em breve á vida real, pois estavam convencidos de que os marroquinos viessem logo reconquistar a villa.

Haverá vinte e cinco annos, um rapaz, Francisco Anjinho, foi, em uma noite, guardar os figos de umas figueiras por seu pai arrendadas no Pombal. A' meia noite viu elle uma criança do gorro mourisco na cabeça. Apanhou tamanho susto, que largou immediatamente as figueiras, e dirigiu-se para a villa, onde chegou mais morto do que vivo.

— Pelo que tenho ouvido ha n'esta villa muitos mouros encantados.

— N'esta villa e em alguns sitios da freguezia. O senhor não calcula. Todos os pontos do castello se communicam subterraneamente. Ha alguns annos quando a camara procedeu a umas escavações na rua da Cor-



redoiira, foram descobertos uns degraus, que communicavam para o interior da terra. Toda a gente ficou surprehendida, mas, por quaisquer motivos, cessaram os trabalhos e foi tudo novamente entulhado. Creia que não ha uma só casa na Corredoiira que não esteja assente sobre uma abobada, sob a qual passam as desditosas encantadas. Uma senhora que ali mora, podia, se quizesse, fornecer-lhe bastos apontamentos.

— Quem é essa senhora ?

— Não lhe posso responder.

— Disse que na freguezia ha tambem mouras encantadas, pode-me contar alguns casos?...

— Hoje não. É já tarde. Aconselho-lhe, porém, que dê alguns passeios por diversos sitios...

— Por quais ?

— Facilmente poderá colher bons apontamentos, dando um passeio até Quarteira, Cabeço de Camara, Gilvrazinho e quaisquer outros sitios. Aconselho-o ainda...

— O que ?

— Prudencia. Difficilmente contâmos estes casos a certas pessoas, porque receamos das aggressões carnavalescas de quem zomba das mouras encantadas e crê nos bruxedos de toda a especie.

E o certo é que a senhora Maria da Gloria tem muita razão. Mais de uma vez notei em certas pessoas uns ares de incredulidade nas mouras encantadas e nos encantamentos, e que passavam as noites, junto do lar, a repetir, cheias de susto, milhares de episodios de bruxas e feiticeiras.

Despedi-me, até á vista, da minha velhinha e resolvi no dia seguinte dar uns longos passeios pela antiga *Carteia* ou Quarteira, por Cabeço de Camara e

pelo Gilvrazinho. Com esta ideia deitei-me, e sonhei durante a noite em mouras encantadas, que me appreciam, a cada momento, em qualquer canto das ruas d'esta villa.

No intimo desejo de colleccionar tudo o que constasse, não me poupei a qualquer incommodo. Tenho a convicção de que tudo apurei.

\*

\*                      \*

Quarteira, ha uns cincoenta annos, era uma pobre aldeia de pescadores, com poucos edificios de pedra e barro, e composta na sua maior parte de cabanas de junco. Hoje tem já alguns predios e ruas, e caminha galhardamente pela senda do progresso.

Ainda assim longe está da sua grandeza primitiva, pois que, segundo os melhores escritores, foi *Carteia* situada no mesmo logar, ondê hoje está Quarteira, ou *Carteira*!

Foi *Carteia* povoação maritima e famosa pelas suas pescarias e marinhas, no tempo dos Fenicios, Carthaginezes e Romanos. N'este porto se refugiou Lelio com a sua armada depois que Scipião Africano tomou Carthagená; e para aqui se retirou o filho de Pompeo, vencido por Cezar, perto de Munda.

Falavam os antigos de uma famosa torre que existia em *Carteia*; talvez que essa torre tão famosa seja chamada hoje a torre da *Vigia*.

Visitei a torre, bem como os sitios que a circundam, e desejei apurar quais as lendas correntes entre os que actualmente habitam aquelle povo. Não encontrei nada.

Ali só se trata do dia de hoje: não tem passado nem futuro. A população de Quarteira não criou ali raizes. Os seus actuais habitantes são de fóra.

Falei ao sr. José Viegas Martins, a unica pessoa que ali tem maiores raizes, e este cavalheiro francamente affirmou que nenhuma lenda de mouras encantadas tem por ali curso. Em Quarteira não ha lendas, ha contos de bruxas com a sua cohorte de feiticeiros.

A nascente de Quarteira, alguns quilometros, ha um sitio chamado o *Loulé Velho*. Nas marés vazias encontram-se vestigios de antiguidades, formados de antiga argamaça, de que Plinio dá noticia.

Não é possivel verificar se *Loulé Velho* seria a antiga *Carteia*. (3)

Como não encontrasse lendas, voltei e fui visitar uma boa velhinha, de Cabeça de Camara, de quem me falavam as outras pessoas idosas com muito respeito.

— Creia o senhor<sup>o</sup> ou não, disse-me, sempre ouvi dizer aos meus pais que n'este serro (Cabeço de Camara) ficaram escondidos grandes thesouros. Diz a tradição que os mouros, quando se retiraram para Marrocos, iam cantando tristemente estes versos:

Adeus Julia e Juliana  
Rocha da Pena e Cabeço de Camara  
Onde ficou a minha dinheirama.

— Julia, era moura bonita ? perguntei.

— Não, senhor, respondeu a velhinha abispinhada da minha ignorancia, Julia é um Serro de Alte, onde tambem ha thesouros occultos.

— E consta-lhe que por estes sitios appareçam mouras encantadas ?



— Nunca as vi nem quero ver; tenho, porém, ouvido falar d'ellas por aqui. Muitas vezes ouvi dizer ao meu pai que no ribeiro de *Quedavai*, que ali corre ao lado do meu monte, teem apparecido mouras encantadas. Um vizinho meu, que Deus haja em sua santa vista, e que eu conheci como as minhas mãos, notou que no momento de passar montado na sua mula por certo logar, aqui proximo, o animal tropeçara n'um objecto duro e resistente. Em uma noite, apeou-se, foi verificar e viu que eram as azas de um tacho. No dia seguinte, quando de enchada em punho ia lançar um golpe sobre o terreno, onde estava enterrado o tacho, appareceu-lhe um mourinho de gorro encarnado.

Foi tão grande o susto do pobre homem, que logo largou a enchada e poz-se de corrida para sua casa, morrendo dois dias depois. Deus lhe fale n'alma. Se quer saber outros casos vá ao Torrejão, Gilvrazinho e outros sitios.

— Então a minha velhinha acredita nas mouras encantadas?

— A Deus nada é impossivel, e muitas vezes permite certos casos para castigo dos homens.

No dia seguinte dirigi-me a Gilvrazinho e falei ao senhor Joaquim Duarte, lavrador d'aquelle sitio. Não nascera ali, porque era natural de Querença, mas chamou as pessoas idosas do sitio, que eu consultei.

— Ha, disseram-me, no sitio da *Canada*, e dentro d'um algueirão, uma moura encantada. Tem apparecido a algumas pessoas, e até houve um rapaz, do tempo dos nossos avós, que tentou desencantal-a.

— Como foi isso?

— Passando em certa occasião por ali proximo, o tal

rapaz, appareceu-lhe a moura e prometteu-lhe riquezas sem conto, se a desencantasse.

— O que devo fazer ? perguntou o rapaz, que era muito corajoso.

— Luctar com um dragão e com um toiro.

— E o dinheiro onde está ?

— Além.

E a moura mostrou ao rapaz uma grande esteira de figos ao sol.

— São figos...

— Parecem-te figos, mas não são : o que ali vês são dobrões em ouro.

E n'este momento ouviu o rapaz o rastejar de um grande bicho : era o dragão.

Não pôde dominar o proprio medo e fugiu para não mais apparecer. Cre-se que morreu lá nos Brazis.

E reduziram-se todas as suas informações ao que fica escrito.

Cheguei a Loulé e dirigi-me a casa da senhora Maria da Gloria, a quem communiquei as minhas ultimas informações.

— Tem muito interesse em colligir tudo o que ha em Loulé e freguezias relativamente ás mouras encantadas e aos encantamentos ?

— Muito.

— Parece-me que estou prestes a fornecer-lhe grandes e importantes apontamentos, que me são subministrados por pessoa, que não quer ser conhecida.

— Eu desejo colligir tudo o que ha na tradição sobre o meu assunto, mas não estou resolvido a publicar quaisquer patranhas, filhas da imaginação popular. Um elemento indispensavel para mim é a antiguidade da narração. Portanto não posso acceitar nada que se

me conte, sem conhecer a pessoa que conta. Não discuto a veracidade, ou antes a natureza dos successos, nem a sua verosimilhança, uma vez que os factos narrados tenham por si a antiguidade e que esta me seja affirmada por pessoas sinceras. Em vista do exposto desejo conhecer as pessoas que me expõem esses factos.

— A pessoa a quem me refiro é pessoa antiga, muito seria e em certa posição social. Não é capaz de contar patranhas nem forjar mentiras.

— A minha velhinha tem essa pessoa em muito boa conta, não duvido; mas sou eu que me encarrego de fazer a publicação d'esses successos, e naturalmente sou eu que os acoberto com a minha boa fé; ora não estou resolvido a publicar cousa, que eu não possa directamente comprovar, chamando a auctoria, se tanto fôr preciso, a pessoa, cujas narrações forem contestadas.

A senhora Maria da Gloria pensou por algum tempo e respondeu :

— Vou falar esta noite com a pessoa a quem alludo, amanhã volte cá.

Despedi-me e saí esperançado de que a minha informadora conseguisse revelar a pessoa, que tanto sabia de lendas, segundo ella me informava.

No dia seguinte fui a casa da senhora Maria da Gloria. Estava deitada. Esperei que se erguesse da cama.

Logo que me appareceu, disse muito risonha :

— Falei com a pessoa.

— E então ?

— Não tem duvida de o receber; poz, porém, uma condição.

— Qual ?

— Occultar o seu nome, emquanto não tiver necessidade de o descobrir.

— De accordo.

— A' noite venha a minha casa. Eu obriguei-me a acompanhá-lo.

Agradei, promettendo-lhe que ás oito horas da noite voltaria.

E á hora marcada não faltei.

— A pessoa que vai visitar tem muitos apontamentos de antigas lendas, avolumados por factos mais modernos, que os seus ascendentes, de longa data, teem registado. E' necessario que se mostre bastante credulo, porque se ella desconfia de que o senhor a quer disfrutar, cala-se.

Agradei o conselho e, acompanhado pela senhora Maria da Gloria, dirigi-me a casa da pessoa, que ainda não sabia quem fosse.

\*

\*

\*

A pessoa que me foi apresentada tinha superior vantagem ás outras que até aqui ouvira: era rica, sabia ler e escrever. Dei por muito bem empregado o tempo da minha assaz prolongada conferencia. Esclareceu-me alguns pontos obscuros da lenda Cassima, subministrou-me noticias muito apreciaveis e até palavras arabes, que me serviram de muito auxilio, pois que as velhinhas por mim consultadas as estropiavam; e finalmente apontou-me muitos factos assaz curiosos, a ella transmittidos por seus avós.

— No sitio do Valle, disse-me, ha um mouro encantado sob a figura de um carneiro môcho. No dia em

que fôr desencantado desencantar-se-ão todos os mouros e mouras encantadas n'esta villa e seus arredores. Diz a tradição que o carneiro representa um mouro poderosissimo, que se suppõe ser o rei de Silves, Aben-Afan.

— Esse morreu ao saltar no seu cavallo o pego...

— E' isso que dizem os historiadores d'esse tempo, e todavia a tradição diz outra cousa.

— O que diz a tradição ?

— Diz que em certos dias do anno se reúnem n'uma sala, sete varas abaixo da terra, sob o predio de D. Victoria Faisca, os mouros e mouras encantadas, entre os quais figura o rei de Silves. E' este quem preside a essas reuniões; todos os mais são seus subditos. No dia em que seja desencantado, todos ficarão livres. Ora para o desencantamento do carneiro do Valle é mister regar a area do terreno em que está encantado com a agua da massa fabricada e manuseada em noite de S. João. Isto, que parece facil, é de grande difficuldade, pois que se não póde precisar qual é a area do seu encanto. Tem o carneiro apparecido muitas vezes no moinho do Valle; mas é sómente ali que está encantado ? Não se sabe.

Parece que na parte do castello, que dá para as bandas de Sant'Anna, e no logar onde havia uma antiga porta chamada *Miradella* (?) está tambem encantada uma moura, senhora já de uma certa idade. E' tia de outra encantada no logar da porta do sul do mesmo castello, onde actualmente existe o predio do sr. Francisco Assis da Goncinha.

No sitio do Valle de Cães apparece uma formosa moura...

— Parece que toda a mourama ficou encantada em Loulé, ousei observar.

— Não foram todos, mas muitos. Dizia meu avó, por ouvir dizer aos seus ascendentes, que só de uma família ficaram encantadas dôze pessoas, dôze irmãs, espalhadas por Loule, Querença, Salir e Faro.

— Também Querença?

— Sim, senhor: lá está uma das irmãs encantada em estatua de pedra.

Sobre o arco do castello, hoje conhecido pelo arco da Senhora do Pilar, muitas pessoas teem visto ao romper da alva joven moura a pentear-se. Também tem apparecido de noite.

— Como soube que os encantados se reúnem em certas épocas?

— Por ouvir dizer ás pessoas idosas. Dizem até que esses seres desditosos, antes da hora da reunião e ao atravessar as veredas subterraneas que para ali os conduzem, passam por tres tinhas cheias de agua, uma de cobre, outra de prata, e outra de ouro. E a este proposito vou contar um caso que aconteceu a minha avó. Em uma noite de agosto, estava minha avó no seu quarto trabalhando em serviço de costura, pareceu-lhe ouvir chover. Ficou admirada, pois que momentos antes tinha chegado á janella e vira a noite clara. Ergueu-se e foi á janella. A noite estava bonita e o ceu limpo de nuvens. Voltou para o quarto, sentou-se e pegou no trabalho. Ouviu novamente chover. Pareceu-lhe o facto extraordinario e dirigiu-se ao quarto de sua mãe, entrevadinha em uma cama. Contou-lhe o que lhe estava succedendo. Então, sua mãe respondeu-lhe apenas:

— Recolhe-te ao teu quarto, fecha a janella e volta para junto de mim.



Minha avó cumpriu as ordens de sua mãe e voltou para o pé da cama.

— Sabes o que ouviste, minha filha?

— Ouvi chover.

— Enganaste-te. Fica sabendo que n'esta noite ha grande reunião de mouras e mouros encantados. Já passaram pelas tres tinhas, e agora os criados procedem ao despejo. Pareceu-te ouvir chover, era a agua das tinhas lançada por mãos invisiveis á rua.

Minha avó contou-me este caso muitas vezes.

Na Fonte do Mouro, freguezia de S. Braz, apparece uma rica moura, que de boa vontade offerece a quem a desencantar dôze sacos de dinheiro em ouro.

— Pasma de que tanta gente, encantada hoje, não appareça a ninguem, observei na minha apparente ingenuidade.

— Isso julga o senhor. Apparece, apparece. Oh se apparecer respondeu a minha interlocutora, dando uma certa expressão ás palavras.

— Já viu alguma moura?

— Olhe bem para mim. Suppõe que serei capaz de o illudir?

— Não supponho.

— Pois bem. Eu e minha filha temos visto muitas vezes um mourinho encantado com o seu gorro na cabeça.

— Onde o viu?

— Aqui mesmo, n'esta casa.

Fiquei suprehendido. Era a primeira pessoa que me affirmava um facto d'esta natureza com o seu próprio testemunho. A velhinha que me acompanhara a esta conferencia conservava-se sentada e silenciosa. Certamente não ouvia pela primeira vez aquella declaração.



— Estou admirado de conservar tantos factos de memoria, disse eu, não encontrando outra coisa que dizer.

-- Se não tivesse os meus apontamentos, não poderia reter na memoria tudo o que lhe tenho contado.

— Não me é licito ver esses apontamentos?

— Não, senhor.

— Desculpe-me a impertinencia do pedido.

— Não posso mostrar esses apontamentos porque para mim representam quasi um legado de familia. Ha n'esses apontamentos muitas e diversas letras de pessoas fallecidas ha seculos.

— Estou realmente convencido de que é numeroso o pessoal crente em mouras encantadas.

— E por que não? Ha alguma coisa a Deus impossivel? Não consultou Saul uma feiticeira? Os magos do Egypto não faziam cousas extraordinarias por intermedio da magia?

Era já noite. Despedi-me e agradeci tão amplas informações. Na rua e quasi á porta da velhinha que me acompanhava, disse-me esta:

— Em toda a villa não ha quem saiba tanto de mouras encantadas.



## Casos modernos em Loulé

### V

E' notavel a serie de *casos* narrados pelos contemporaneos relativos ás mouras ou mouros apparecidos em tempos modernos e que são aduzidos pelos que acreditam em mouras encantadas. Apontarei alguns:

Ha menos de cincoenta annos, residia n'esta villa um cavalheiro do norte, então dono da Quinta do Pombal, nas proximidades da *Fonte das Romeirinhas* e da *Fonte da Moura*, suburbios d'esta villa. Este cavalheiro costumava recolher cedo á sua Quinta; n'uma occasião, porém, descuidou-se na villa e recolheu tarde. Quando chegou proximo da portada do seu predio deu meia noite no sino do relógio da villa. Ao correr do ferro-lho da portada viu sobre a parede da Quinta uma mulher vestida de branco.

— Quem está lá? interrogou em voz alta.

A mulher não respondeu.

— Quem está lá? instou em voz mais alta.

O mesmo silencio.

Então o cavalheiro collocoou a clavina, de que andava sempre acompanhado, em condições de fazer fogo, e ao mesmo tempo correu com força o ferrolho. N'este momento sentiu forte pancada na cabeça e caiu sem sentidos.

O que depois se passou entre o cavalheiro e a mulher ninguém sabe affirmar, nem o cavalheiro contou. Sabe-se que d'ahi em diante andou sempre triste, morrendo pouco tempo depois.

E digam que as mouras encantadas são seres imaginarios...

\*

\*

\*

Em uma noite de agosto certo artista d'esta villa, já fallecido, tomou o caminho da casa de seu pai, em Valle de Cães, seguindo a estrada, que sai em frente da igreja de Sant'Anna, em cujas proximidades a tradição affirma estar encantada uma moura. Teria o artista dado uns cem passos, viu na sua frente uma cabra. Era meia noite. O nosso homem, suppondo fosse algum animal estramalhado do rebanho, quiz agarrar a cabrinha, mas esta escapou-se ligeira como a gazella. Aborrecido e intrigado com os movimentos ligeiros do animal, quiz fazer uso de uma bengala, dando-lhe uma pancada; a cabra, porém, fez-lhe frente e dos seus olhos saíram dois facho de luz radiante como dois archotes em ala. Então conhecen o artista que tinha na sua presença uma moura encantada, que

costumava por ali apparecer segundo ouvira dizer a seus avós.

Pernas para que te quero. Poz-se de corrida para casa do pai, e foi cair entre portas, exausto de forças e sem poder articular palavra. Felizmente acudiram-lhe a tempo.

Nunca mais o artista por ali passou a deshoras, e até morrer contou esta historia a centenaes de pessoas.

\*

\*                  \*

Em um sitio, nas proximidades da Fonte da Cassima, estavam umas mulheres alta noite e á lua fazendo empreita ás suas portas. A' ultima badalada da meia noite viram distintamente na rua fronteira uma criança de gorro encarnado que brincava correndo e voltando pela mesma rua.

Era de verão, tempo em que os lavradores teem os almeixares, onde seccam o figo. Suppozeram por isso as mulheres que era alguma criança dos almeixares proximos, que de noite são guardados por algumas familias do atrevimento dos ladrões. A criança porém repetia os seus passeios e tantas vezes que imaginaram que andasse perdida. Uma das mulheres chamou pela criança, mas esta não accudiu ao chamamento. Então ergueu-se e foi em direcção do menino. Este desappareceu instantaneamente como o fumo.

Foi tão grande o susto que a mulher e as suas companheiras apanharam com o repentino e inexplicável desapparecimento da criança que recolheram immediatamente ás suas casas, fechando por dentro as portas.

No dia seguinte todos unanimemente affirmavam que

era um mourinho encantado a criança que lhes apparecera. Nunca mais foram vistas a fazer empreita ás horas adiantadas da noite, embora no verão.

\*

\*

\*

Annos depois do facto ultimamente contado, estavam algumas mulheres em outro sitio fazendo baracinha com que costumam cerrar ou coser a empreita, seria quasi meia noite, viram que de longe se dirigia para ellas pela estrada um homem. Era extranho o modo por que caminhava: os meios de locomoção a mão e perna direitas. Parava de vez em quando e dava com a mão tres pancadas seccas e rijas no solo.

As mulheres recolheram-se temerosas ás suas casas e fecharam-se por dentro á chave. Uma, mais ousada, poz-se a espreitar pelo boraco da fechadura e viu que o homem parou em frente da sua porta, deu os tres estalos com a mão e desapareceu instantaneamente sem que a mulher visse o destino que tomara. O relógio da villa acabava de dar a meia noite.

\*

\*

\*

Em certa noite de verão, saiu certo rapaz da villa e dirigiu-se a casa da sua namorada, onde havia baile. Era um domingo. Ao sair da villa, pela rua, onde actualmente mora um sujeito, que trabalha em louça de barro, deparou-se-lhe um touro preto, que o quiz accommetter. O rapaz ficou assustado, porque n'aquella rua tortuosa e estreita, não tinha por onde se escapar.

Mais adiante e quasi em frente de uma fonte de alvenaria, por onde passa a agua que corre para o Cadouço, o touro parou e voltou-se para o rapaz na attitude de o querer novamente accommetter.

Mais assustado, o rapaz deu um enorme grito e disse em voz alta :

— Valha-me a Nossa Senhora da Piedade.

O touro recuou e foi cair dentro da fonte, dando um enorme mugido.

O rapaz então voltou para a villa e recolheu-se á cama de onde não mais se ergueu.

Era um mouro encantado em touro, diziam todos os que tiveram conhecimento de um facto realmente tão extraordinario.

\*

\*

\*

Dava meia noite na occasião em que um sujeito, já fallecido, passava sob o arco da Senhora do Pilar, arco este que n'outra epoca fôra uma das portas do castello d'esta villa. O individuo sentiu bater-lhe o coração á ultima pancada do relógio.

De repente viu-se elle no centro de um rebanho de perús com o seu monco escarlate. Inspirado de um mau pensamento pensou que podia facilmente roubar um ou dois perús a seu salvo e sem que niuguem o visse. Correu em direcção do melhor perú, que se lhe escapava ardidmente. Por fim já não escolhia, atirava-se ao que estava mais perto. Nada conseguiu : os perús escapavam-se-lhe. Deixou-os e dirigiu-se para sua casa.

No dia seguinte, uma pessoa, que mora ainda na rua da Corredoura, chamou o sujeito.

— O que me quer ?

— Dar-lhe os parabens : livrou-se hontem á noite de um dezastré.

— Não comprehendo....

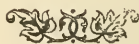
— Julgava que corria atraz de perús... e enganava-se.

— Brincadeira minha...

— Uma brincadeira que lhe podia ser fatal. Julgou que eram perús e enganou-se.

— Então o que eram ?

— Mouros encantados. Dirigiam-se para a grande sala, que se acha sete varas abaixo do predio de D. Victoria Faisca.





## Lenda em verso da moura Cassima

### VI

Publicando a lenda em verso da moura Cassima, devida ao poeta illustre, o sr. J. P. de Sousa Macario, tenho apenas por intuito mostrar a deficiencia d'esta, certamente attribnível á falta de informações.

E' facil demonstrar que a lenda em verso está manca, e, em alguns pontos, em desharmonia com a urdidura de uma lenda.

Um dos pontos que se me offerecem de difficil digestão é aquelle em que o governador do castello de Loulé pede ao carpinteiro que lhe vá desencantar as filhas, mandando-o de Africa á Europa a pé com um par de alforges ás costas. Isto não é possível, e jamais quando o governador era um sabio em magia.

A lenda por mim publicada e que foi rigorosamente apurada, depois de ter ouvido pessoas auctorisadas n'este ponto, é mais conforme com esta qualidade de assuntos.

Realmente parece nm pouco disparatada esta incumbencia do governador, sem ao menos providenciar acerca dos meios de transporte do pobre carpinteiro.

Igualmente me parece pouco provavel que o carpinteiro, em seguida ao desencantamento das mouras Zara e Lydia, as levasse para sua propria casa. Nem as mouras se sujeitariam de bom grado a acceitar aquella offerta, nem o carpinteiro ousaria fazer-lhes esse convite. Não as mouras, porque não poderiam com bons olhos ver a infame, que de um golpe cortara a sua irmã uma perna, forçando-a a viver eternamente encantada n'uma fonte; e nem o carpinteiro ousaria levar para sua casa duas jovens mouras, gentis e formosas, sabendo que tinha uma esposa extremamente desconfiada e cioza.

A lenda em verso suppõe dois factos quasi impossiveis: a ignorancia do governador e a extrema confinça de uma mulher casada, em demasiado cioza.

Quem acredita que a mulher do carpinteiro consentisse que o marido fosse a Africa, um paiz inimigo, simplesmente por acompanhar duas bellas mouras?

Seria primeiramente necessario que ella se deixasse morrer, quando quatro desmaios e as lagrimas dos filhos o não demovessem do intento.

Embora a lenda seja um conto puramente fantastico tem de obedecer na sua urdidura a uns certos principios, que não podem ser postos de parte. E por isso, quando me resolvi a publicar a lenda da fonte Cassima, empreguei todos os esforços, humanamente pos-

siveis, para lhe dar o seu character primitivo. Para obter esse resultado não só consultei as pessoas idosas d'esta villa, mas do sitio onde a Fonte está situada, e n'este trabalho muito me auxiliou o meu velho amigo, o ex.<sup>mo</sup> sr. José Francisco Cassima, escrivão do juizo de direito e natural da Cassima, onde foi buscar o appellido.

Não quero com estas minhas observações tirar o merecimento á poesia, e apenas lamento que o illustre poeta não tivesse conhecimento da verdadeira lenda, porque então teria mais valor o seu bello trabalho.

Segue-se a lenda em verso.

\*

\*

\*

.....  
 ..... , .

Agora que seguimos para Faro  
 E de Loulé passamos não distante  
 Ao espirito é justo darmos treguas  
 Tomando distração mais deleitante.

Dos meus tempos da bella mocidade  
 Vou contar-te uma historia ali passada  
 D'uma formosa moura muito jovem  
 Que, em Loulé 'está em fonte transformada.

E esta que vou contar-te foi contada  
 Por gente de Loulé e mesmo a mim  
 E affirmam que 'inda a moura ali existe  
 Ora presta attenção, a historia é assim.

Quando inda aqui no Algarve a moura gente  
 Tinha o seu predomínio bem firmado  
 Um mouro muito rico, e já viuvo  
 Era alcaide em Loulé, mui respeitado.

Tinha esse mouro trez formosas filhas  
A quem presava como a luz do dia  
Por ellas era todo o seu disvello  
Qual d'ellas mais presava, nem sabia.

Era Zara a mais velha, e tinha apenas  
Cinco lustros não mais, bella em figura  
E depois Lydia e Cassima. ambas jovens  
De peregrina e bella formosura.

Possuia este mouro, dos encantos,  
O dom aprimorado da magia  
Arte que no Alcorão tinha estudado  
E de Mafoma em leis que possuia.

Quando Peres Correia sobre o Algarve  
Em continua conquista ia avançando  
E os mouros em derrotas successivas  
Iam por toda a parte fraquejando.

Tão rapido Loulé fôra atacado  
Com tão audaz e extranha valentia  
Que o pobre mouro, o alcaide, p'ra salvar-se  
Co'as filhas retirar-se não podia.

Para a salvar da morte e dos maus tratos  
Crente de que mui breve ali voltava  
Lembrou-se dos recursos da magia  
Estrema garantia que encontrava.

Com ellas marcha tremulo e apressado  
Fazendo-lhes saber que p'ra salvar-as  
Preciso era, no valle que possuiam  
Da villa, um pouco fôra, ir encantal-as.

Ellas choravam lagrimas sentidas!  
Chorava elle tambem sua sorte!  
Mas o momentourgia e mais demora  
Era a vida trocarem pela morte.

|                       |                       |                      |
|-----------------------|-----------------------|----------------------|
| Já perto da villa     | Signal era aquelle    | E o mouro precisa    |
| Nas serras fronteiras | P'ra luta sangrenta   | Fugir apressado      |
| Retumbam os echos     | Mas nem de a acceitar | As filhas contempla  |
| Das tubas guerreiras  | Alguem ali tenta      | Chorando a seu lado. |

Vamos ! coragem, filhas da minha alma  
É chegado o cruel triste momento  
Preciso é sujeitar ao sacrificio  
Dando o final adeus do apartamento.

Brevemente virei desencantar-vos  
Não vos perturbe aqui da morte a ideia  
Que o nosso q'rido lar ha de ser nosso  
Não ficará entregue a mão alheia.

E dando o extremo abraço, em despedida  
Um beijo em cada uma deu na fronte  
C'oa vara do condão n'ellas tocando  
Tornou-as transformadas n'uma fonte.

E curvou-se, escutando, e nem ao menos  
O mais leve gemido ali ouviu  
E como alucinado, espavorido,  
P'ra Tanger sem demora se evadiu.

---

As lagrimas das tres castas donzellas  
Formando tão somente uma corrente  
Que no valle entre as flores mais singelas  
Passa branda e subtil, mansa e dolente.  
São aguas tão subtis, frescas, tão bellas  
Que por mnito que seja o sol ardente  
Todo o espaço que banham com doçura  
Se conserva coberto de verdura.

Fica a fonte ao sopé de um lindo outeiro  
Em frente a um valle formoso e amenizado  
Onde, em camaradagem, o vimeiro  
Vejeta da nespreira e o olmeiro ao lado.  
Ali, a amendoeira e o pecegheiro  
E o chorão sobre a relva recurvado  
Tudo forma um jardim ás trez donzellas  
Regado com o licôr que lhe vem d'ellas.

Ali, na primavera e sobre as flores  
As abelhas zumbindo o mel apanham  
E os rouxinoes, suavissimos cantores  
D'outras aves os côros acompanham !

E as borboletas mil, de varias côres,  
 Das flores doce nectar desentranham  
 E tudo assim nas ledas madrugadas  
 Dão delicias ás mouras encantadas.

|                    |                   |                   |
|--------------------|-------------------|-------------------|
| Um dia morre       | E o mouro chora   | Mas em Loulé      |
| Outro amanhece     | Sentido pranto    | Não pode entrar   |
| E o pai das mouras | Por ter as filhas | Para as donzellas |
| Não apparece !     | Inda no encanto ! | Desencantar !     |

Que todo o Algarve  
 Foi conquistado  
 E por christãos  
 'Stá occupado.

Um dia quando em novas correrias  
 Os mouros outra vez no Algarve entraram  
 E que, posto que em vão de retomal-o  
 Foi apenas loucura o que tentaram.

Como refens levaram prisioneiros  
 E em Tanger os venderam como escravos  
 Uns eram de Loulé, e outros de Silves  
 E até alguns de Faro, outros de Lagos.

O mouro, o pai das jovens encantadas  
 Quiz ter em seu poder um de Loulé  
 Que n'elle, de salvar as suas filhas  
 Poz toda a sua esp'rança e a sua fé !

Começou por tratál-o com carinho  
 Do christão toda a estima cultivando  
 E se bem de Loulé elle sabia  
 Também foi cautamente investigando.

Entre diversas cousas que indagava  
 Não se esqueceu de ver se conhecia  
 Um valle junto a Loulé arborizado  
 E a fonte que no valle também havia.

De tudo o prisioneiro, seu escravo  
 Cabal conhecimento lhe mostrou  
 E o mouro no christão bem confiando  
 Contento d'esta sorte lhe fallou .

Amigo, foi Loulé a minha patria  
Ali nasci, e dias venturosos  
Gosei entre carinhos e delicias  
Da infancia e a juventude os doces gosos.

Ao lado ali da minha companheira  
Passei annos d'amôr e ventura  
Mas a morte roubou-a dos meus braços  
Nem sempre o bem na vida assim nós dura.

Ficaram-me trez filhas mui formosas  
Que não pude trazer para aqui comigo  
Deixei-as em Loulé, e só tu podes  
Vir-m'as aqui trazer, meu bom amigo.

Se juras bem cumprir o alto serviço  
De que preciso muito encarregar-te  
Além de te dar plena liberdade  
Um cofre de riquezas juro dar-te.

— Ao teu dispôr me tens, por vida minha  
Juro de bem cumprir o teu pedido  
E de voltar aqui, dando-te provas  
De que foi com esmero bem cumprido.

— Pois bem vou revelar-te um meu segredo  
Conheces bem a fonte dos encantos  
Ali 'stão minhas filhas encantadas  
Da fonte as aguas puras, são seus prantos.

Só tu podes lá ir desencantal-as  
E trazel-as aqui acompanhadas  
Com isso me darás toda a alegria  
Quando as vir juntas a mim resgatadas.

Cumpre, livre serás e muito rico!  
— Cumpro, juro a fé de bom christão  
Podes afoutamente confiar-me  
A vara da magia, do condão.

— Pois bem, toma estes pães, são tres, atende :  
Cada qual tem um nome em si gravado  
Cada nome pertence a cada uma  
Cada qual de por si, scri chamado.



Guarda-os bem, que ninguem possa tocar-lhes  
 Se os perdesse seria o meu tormento  
 De S. João na vespera, á meia noite  
 É a hora de quebrar-se o encantamento !

Vae, parte, juro aqui por vida minha  
 Que se cumprires bem o meu pedido  
 Alem de te ficar sempre obrigado  
 Saberei bem cumprir o promettido.

— Hei de cumprir. prometto e tambem juro  
 Pela Cruz, pela Fé, e pelo meu Deus  
 Que desejo salvar as tuas filhas  
 E até á volta, eu parto, adeus, adeus.

\*

\*

\*

De Tanger para o Algarve sem demora  
 Livre o christão tomou logo o caminho;  
 A seus olhos surgiu nova aurora  
 Ao ver da escravidão quebrado o espinho.  
 Da esposa que idolatra e muito adora  
 Vai de novo gosar todo o carinho  
 E louvando ao senhor a f'licidade  
 Promette dar ás mouras liberdade.

E dia e noite sempre caminhando  
 Em Loulé pôde entrar sem nenhum p'rigo.  
 E a esposa entre os seus braços apertando  
 Bem dizia o seu lar, seu leita amigo;  
 Depois, por toda a casa procurando  
 Onde esconder os pães que traz consigo  
 Tanto se preocupou na sua empreza  
 Que excitou á mulher toda a estranheza.

E assim dias passaram d'alegria  
 Dourando dos consortes a existencia  
 Mas a mulher sentia, dia a dia  
 D'alta curiosidade a impaciencia  
 Desejando saber o que seria  
 Que o marido com tanta diligencia  
 N'uma caixa fechou, e, em seu criterio  
 Quiz devassar alfim, esse mysterio.

E assim o fez, um dia que o marido  
Foi passear á fonte dos encantos  
E ali se demorava condoido  
Das mouras, escutando os ternos prantos  
Ella pôde afinal ter conseguido  
Abrir a caixa, remexer-lhe os cantos  
E ao encontrar os pães n'um só pegando  
Um galpe c'o uma faca lhe foi dando.

Ficou cheia de susto, surprehendida  
Quando viu do pão sangue escorrendo  
Da sua indiscripção arrependida  
Dos outros dois, no meio o foi mettendo ;  
Na fonte a linda Cassima ferida  
Com dôr profunda ouvia-se gemendo  
Porém o homem, que as mouras escutava  
De qual fosse o motivo nem pensava.

Chegou de junho o destinado instante  
A noite estava linda e socegada !  
E a lua, em pleno azul, com luz brilhante,  
Que em cheio tinha a fonte illuminada  
E quando o *sete-estrellos* scintillante  
Marcava meia noite na apumada  
Prompto, com os tres pães, que bem guardou  
O homem, cada moura assim chamou :

Lydia... surge d'ahi... quebre-se o encanto...  
Bateu com o pão na fonte, e a moura bella  
Qual magica visão, cessando o pranto  
Sem estrondo ou rumor saiu d'ella !  
Zara veio tambem, Cassima no entanto  
Por muito que chamou, gritou por ella,  
Não lhe pôde quebrar o duro fado  
Porque o pão do seu nome foi manchado !...

Era Cassima linda, a mais formosa  
Das tres mouras que estavam n'este encanto  
E ali ficou para sempre a desditosa  
A fonte alimentando com o seu pranto  
Zara e Lydia, qual d'ellas a mais chorosa  
A fonte investigavam com espanto  
Por Cassima chamando, só ouviam  
As lagrimas na fonte que gemiam.

Por fim, tristes, chorosas e magoadas  
 Por deixarem ali a irmã querida  
 Mas no poder do pai ainda esperançadas  
 Não julgando de todo a irmã perdida  
 Do seu libertador acompanhadas  
 Para casa d'elle foram ter guarida  
 Té que p'ra Tanger postas em jornada  
 Do pai na habitação deram entrada.

Ali as recebeu o pai choroso  
 Opposta impressão elle sentia  
 Por ver as filhas, uma, era de goso,  
 Por Cassima não ver, elle gemia  
 Ora, para o christão falava iroso  
 Ora por gratidão lhe agradecia  
 Té que afinal contou-lhe o seu captivo  
 Qual foi do mal de Cassima o motivo.

Sabia-o, revelou todo o segredo  
 O crime da mulher ter golpeado  
 De Cassima o pão, que bem seguro  
 Julgava tel-o em sitio resguardado

Então reconhecendo o pai de Cassima  
 Do seu leal captivo a fidelidade  
 Deu-lhe todo o thesouro prometido  
 E a carta de alforria e a liberdade.

E o christão regressou á sua terra  
 Comprou a fonte e o lindo valle ao pé  
 E de Cassima a historia foi contando  
 A todos que viviam em Loulé.

|                     |                 |                   |
|---------------------|-----------------|-------------------|
| E ainda agora       | E a bella fonte | E ha quem afirme  |
| Da moura a historia | D'agoa gelada   | Com fé leal       |
| Todos a guardam     | Por muita gente | Ter visto Cassima |
| Bem na memoria.     | E visitada      | Por entre o val ! |

E ha mais inda quem diga com firmeza  
 Que nas formosas noites do luar  
 De S. João na vespóra á meia noite  
 Ouve-se a linda moura a suspirar.

|                  |                   |                  |
|------------------|-------------------|------------------|
| Junto a Loulé    | E o valle ostenta | Relvas viçosas   |
| Inda hoje dura   | Por mui formoso   | Frescas boninas  |
| Da moura Cassima | Risonho aspecto   | Nadam em aguas   |
| A fonte pura.    | E deleitoso.      | Bem cristalinas. |

Arvores frondosas  
O estão orlando  
Mimosos fructos.  
Alimentando.

Quem a Loulé  
Fôr algum dia  
Verá do valle  
Essa magia.

E se fôr á fonte  
Água beber  
Tambem se illude  
Ouvir gemer.

Canto amoroso  
Das ternas aves  
Onde erguem cantos  
Meigos, suaves.

E se tiver  
Bem de memoria  
Da linda Cassima  
Sabida a historia.

Por isso a crença  
Que inda hoje dura  
Dá o nome «Cassima»  
A' fonte pura.

E' já tempo de deixar a villa, e seguir no mesmo  
estudo pelas freguezias do concelho.





## A mōura de Salir

### VII

Salir é povoação muito antiga. Razões de grande pezo me convencem de que o seu nome, no tempo dos serracenos, e talvez antes, fôra *Castalar*.

No Roteiro de um *cruzado*, que assistiu á conquista de Silves, em tempo de D. Sancho I, ha o seguinte periodo.

«De Silves até o rio Guadiana são tres dias de marcha, no decurso dos quais estão situadas as povoações de Faro, Loulé, *Castalar*, Tavira, Mertola e Serpa.»

Pela *ordem* observada n'aquelle periodo vê-se que a povoação de *Castalar* estava collocada entre Loulé e Tavira; ora não se encontra hoje, e nem consta pela tradição ou por quaisquer monumentos ou ruínas, que

entre estas duas povoações existisse ou exista outra acastellada, a não ser Salir.

Como explicação ao *Roteiro* ha uma *nota* em latim, que attribuo a Constancio Gazzera, secretario da real academia de Turim, a cujos desvelos e cuidados se deve a publicação de tão util versão, que diz :

« *Castalar—locus quondam situs in pocalta rupe ad flumem Alcaria, cujus rudera adhuc appellantur Castellos.* »

Esta descrição accommoda-se perfeitamente aoouteiro, onde, n'aquelle tempo, estava fundada Salir, a uns cem metros do lugar em que hoje se ergue a mesma povoação. O rio *Alcaria*, hoje uma ribeira com a mesma designação, os *castellos* e a *alta rocha*, ainda ali existem para atestar a minha affirmação. A fotografia do local fornece a sua melhor prova.

Baptista Lopes, benemerito algarvio, chegou a convencer-se de que a velha *Castalar* estivera situada em um sitio, chamado *Castello*, na freguezia da Conceição de Tavira; mudou porém de opinião logo que verificou que em tal sitio não existiam vestigios de povoação antiga, nem torre ou castello. Se o receio dos guerrilhas, que então infestavam os campos de Salir, não tivesse obstado a que o nosso patricio illustre visitasse esta povoação, teria certamente verificado com os seus proprios olhos que fôra ali o lugar occupado pela antiga *Castalar*, memorada pelo *cruzado*.

Houve quem pensasse que o *cruzado* se queria referir a *Cacella*, mas esta opinião não só vai de encontro á *ordem* indicada no *Roteiro*, que collocou *Castalar* entre Loulé e Tavira, mas oppoe-se á propria historia antiga, que sempre den a *Cacella* o nome—*Hisn Kastala*.

Sabe-se perfeitamente que nos ultimos tempos do dominio serraceno gosava Salir ou *Castalar* de subida







importancia. Quando, em tempo de D. Sancho II, D. Paio Peres Correia tomou Tavira e notou que Aben-Fabilla, governador da cidade, desaparecera com os seus melhores soldados, pensou logo que se tivessem acolhido ao castello de Salir, considerado pela sua situação inexpugnável. Foi-lhes no encalço, atacou fortemente o castello, que, afinal, foi tomado.

O modo por que foi tomado o castello deu origem a uma das mais bonitas lendas de mouras encantadas.

Consta pela tradição que em um dia de manhã, depois de outros em que sitiante e sitiados tinham obrado verdadeiras proezas, notaram aquelles que nenhum mouro apparecia sobre os muros. Receiosos de cair em qualquer cilada, participaram os christãos a D. Paio este facto. O valente cabo de guerra tomou as devidas providencias e ordenou o escalamento do castello. Então viram que este estava completamente abandonado. Durante a anterior noite, reunidos os principais mouros em conselho resolveram desamparar precipitadamente o castello, não só porque lhes era impossível a sua defeza, mas porque nas alturas do Serro da Pena ainda podiam por alguns dias sustentar-se até que chegasse o reforço dos seus soldados de Paderne e Silves, que, a cada momento, esperavam.

Tão precipitada foi a fuga, depois de muito á pressa aguardarem os seus thesouros no fundo da cisterna, que até se esqueceram da filha do governador, que costumava passar horas no mais alto muro do castello em oração.

Não andaram de todo desasistados em escolher o *Serro da Pena* para ponto de sua defeza, pois que este lhes offereceu occasião a uma seria resistencia.

O fallecido Estacio da Veiga descreveu um alqueirão, que ali existe, pela seguinte fôrma:

«A caverna ou alqueirão denominado Poço dos Mouros, Caverna dos Mouros ou Buraco dos Mouros, é a mais profunda da provincia e merece especial menção. Acha-se a sua entrada sobre o plan'alto do Serro da Pena, que, n'este logar, descai um tanto para o sul. Não se descobre a sua abertura senão quando se está junto d'ella. A montanha, em razão das muitas convulsões por que tem passado, está cheia de amontoamentos de pedra (4); a sua altitude junto á entrada da caverna é de 455 metros, medindo uns vinte metros de circumferencia, sobre 5 de profundidade, mas só pelo lado do nascente se póde descer... Tendo-se descido, acham-se muitas fendas, e para o nascente duas aberturas, uma á esquerda de 7 a 8 palmos, e outra mais pequena, á direita, por onde uma pessoa, de grossura mediana, póde passar e descer a uma profundidade de 12 a 15 palmos, onde se encontra uma camara illuminada pelas frestas do solo ondulado e escorregadio, com 30 palmos em todas as suas dimensões.

«Esta caverna é assunto de superstições entre os habitantes dos arredores, que só se lhe approximam com certo terror sem que todavia se attrevam a visitá-la... O nome de Poço dos Mouros provém (referem os habitantes dos arredores) de ter sido habitado pelos mouros, que se bateram sobre a montanha no tempo da sua expulsão do Algarve.

«A este respeito colheu Carlos Bonnet uma lenda que não reproduziu na sua *Memoria*.»

Encontra-se este alqueirão na parte mais elevada do Serro da Pena, e dizem as tradições locais que ali descansavam os mouros nos intervalos do combate.

E' tempo de mencionar as lendas que ainda ali correm referentes ás mouras encantadas.



O governador do castello de Salir tinha uma filha, que era o seu enlevo. Não havia nos arredores mulher mais gentil. No seu olhar percebia-se a innocencia dos anjos.

Era a formosa moura em extremo affecta ás suas crenças e odiava de morte os nazarenos. Todas as noites subia os muros do castello e no mais alto elevava ao ceu os seus formosos olhos e implorava de Allah as benções para o seu povo. Conservava-se voltada para o oriente horas esquecidas em profunda meditação nas memorias sagradas de Meca. Seu pai depositava n'ella tanta confiança, que, muitas vezes, recolhia ao quarto de dormir, deixando nos muros do castello a sua virtuosa filha.

Na noite em que o conselho formado pelos serraceiros resolveu desamparar precipitadamente o castello, mandou o governador avisar sua filha que escondesse á pressa os thesouros na cisterna e que acompanhasse até o Serro da Pena as mulheres mouras, que saiam adiante. Infelizmente, occupados todos em esconder os seus thesouros, a moura gentil não recebeu o aviso paterno; e enquanto todos saiam d'ali, na calada da noite, sem fazer o mais pequeno arruido, a filha do governador fazia oração no mais alto muro do castello.

Quando o governador chegou ás alturas do Serro da Pena e não encontrou entre as agarenas a sua filha querida, teve a profunda comprehensão da sua des-

graça: ficara sobre os muros em oração porque não recebera o seu aviso!

Correu por sobre o *Serro da Pena* e foi collocar-ee no ponto de onde podia ver os muros. N'esse momento subia a lua no horisonte e o velho distinguio lá ao longe, sobre o castello, um vulto de mulher: era a filha!

Chamal-a? Não a ouviria; ir buscal-a? impossivel. Então o velho em um extremo de dôr disse: antes encantada do que deshonrada!

E voltando-se para o oriente, e em seguida para o castello, ergueu ao ceu os olhos, fez com a mão direita uns sinais cabalisticos, traçou com o dedo indicador o signo *Samão* sobre o vulto da filha e entoou uns canticos mysticos e umas palavras incomprehensiveis... até que caiu no chão sem sentidos.

Já a este tempo elle estava cercado dos seus soldados, que correram a amparal-o nos braços. Transportaram-n'o para o algueirão; onde o pobre velho abriu os olhos no centro dos seus fieis soldados e das formosas filhas de Islam. Então correram-lhe as lagrimas, lastimando-se da sua desgraça!

Pobre pai!

Foi a gentil moura chorada por muito tempo não só pelo pai, como pelas suas amigas; e muitas vezes o pobre velho exclamava:

— Não chorem, não chorem! Se Allah quizer, em pouco tempo a veremos dentro do castello e a minha filha será salva.

D'ahi até hoje tem a pobre moura esperado que a redimam do seu captiveiro, e ainda lá se conserva n'essa doce esperanza e se conservará por todos os seculos.

Em todas as noites apparece a encantada sobre os muros do castello. Muita gente a tem visto e ouvido





Um dos muros de Salir visto de perto





lamentar a sua triste sorte. Ha occasiões, quando as noites correm agrestes, e o vento sibila por entre as franças das arvores, produzindo notas musicais e formando canticos repassados de tristeza horriavel, que se nos parece assistir ao desempenho real de uma tristissima canção. Um amigo, que, em criança, brincou admiravelmente com as musas, reduziu a fôrma metrica os versos que encontrou entre o povo, conservando as assoantes, e offereceu-me esses versos para os reproduzir no meu livro; outro amigo, habilissimo regente da philharmonica *Marçal Pacheco*, d'esta villa, impressionado com a descripção que lhe foi feita por quem, em certa noite, ouviu os queixumes da moura, modelados pelos *canticos* do vento em noites de tempestade, compoz uma preciosa canção, que me offereceu. Uma e outra serão aqui publicadas, agradecendo penhorado as valiosas offertas.

Seguem-se os versos. Antes, porém, devo advertir que a tradição constante affirma que existe tambem encantado nos muros um leão pronto a saltar sobre o profano que ousar aproximar-se da moura ou que tentar apossar-se dos thesouros escondidos na cisterna.

Seguem-se os versos :

Nas ruinas de um castello  
Muito perto de Salir  
Um phantasma todo bello  
Muitas vezes vem carpir.

Em hora adiantada  
Lá nas noites de luar  
P'la muralha arruinada  
Vê-se tambem caminhar.

É a moura encantada  
A moura gentil e bella  
Que dos seus abandonada  
Foi alem na cidadella.

De mansinho e ao de leve  
E quasi sem respirar  
Parece que não se atreve  
O silencio a quebrar.

Quando a noite é bem escura.  
Quando ha forte temporal  
Quasi sempre a sua figura  
Ali se vê bem ou mal.

Seus olhos bellos e puros  
São de uma triste expressão.  
Os cabellos são escuros  
Mais escuros não ha, não.

Tão meiga e tão formosa  
Aquella flôr das Huris  
É corada como a rosa  
Gentil como a flôr de liz

Se ao longe a sua figura  
Parce mesmo um phantasma  
Ao pé sua formosura  
A todos espanta e pasma.

N'um turbante encarnado  
Traz a cabeça envolvida  
E com um gesto aterrado  
Diz com voz mui sentida.

« Tu, que és grande e forte;  
Allah, poderoso Allah  
Livra-nos da cruel sorte  
Acode ao teu povo já.

« Prestes a serem cercados  
Um punhado de valentes  
Fazei forte o sitiado  
Fazei-o forte e potente.

« Esses perros infames  
Esses malditos christãos  
Juram pelas suas leis  
Toda a nossa perdição.

« Gritos de nossos irmãos  
Acolá resoam já  
Sêde contra os christãos  
Allah, poderoso Allah ».

N'isto rompe a soluçar  
Que faz mesmo dó ouvir  
É a gemer e a suspirar  
De joelhos vai cair.

Depois d'estes lamentos  
E com a fronte no chão  
Alivia os seus tormentos  
Em profunda oração.

Por espaço de uma hora  
A moura assim permanecee  
Em seguida vae-se embora  
E depois . . . . desaparece.

No seu meigo e bello rosto  
Veem todos estampado  
O signal de grão desgosto  
D'aquelle ente desgraçado.

Mas ai! não foi attendida  
Sua fervorosa oração  
Sua prece foi esquecida . . .  
E venceu o christão.

Pois o castello cercado  
Por soldados aguerridos  
Foi dentro em pouco tomado  
E os mouros confundidos.

Dizem que estes com medo  
E por caminho ignorado  
De manhã, mas muito cedo  
Já haviam retirado.

E o christão ao dar o assalto  
( Contam isto como certo )  
Nem um só viu lá no alto  
Pois tudo estava deserto.

\*

\*

\*

Além d'esta lenda outras ha na freguezia de Salir  
respeitantes a outras mouras tambem encantadas. Não

muito distante da povoação, ha um sitio chamado a *Fonte do Ouro*, antigamente cognominado a *Fonte do Mouro*, onde, segundo a tradição de muitos seculos, existem encantadas duas irmãs, duas mouras, que teem apparecido a diversas pessoas. Ha muitos annos passava casualmente por este sitio um mancebo, viu sentada a pentear-se com um pente de ouro uma formosa mulher. O rapaz quedou-se pasmado para o pente e para a mulher.

— O que queres ? perguntou-lhe a mulher.

— Nunca vi pente tão bonito e tão rico, respondeu o mancebo.

— Dou-te riquezas de muito mais valor se me prestares um pequeno serviço.

— Que serviço ?

— Eu e minha irmã estamos aqui encantadas. Se nos desencatares, dou-te dinheiro para comprares muitos pentes.

— O que devo fazer ?

— Amanhã, antes do sol nado, vem aqui e encontrarás dois touros bonitos e bellos. Junge-os ao arado e tira um rego da igreja de Salir até os Palmeiros: um rego sem curvas, o mais direito que possas. Deves, porém, ter em consideração que te não distraias com o que encontrares pelo caminho, ainda que a chapa do arado levante peças em ouro. Se te distraires não ganhas o que te prometti e redobras o nosso encantamento.

Prometteu o rapaz cumprir á risca a condição proposta.

No dia seguinte, antes de nascer o sol, voltou o mancebo ao sitio e encontrou dois bellos touros. Jungiu-os ao arado que ali encontrou e tomou o caminho de Sa-

lir, começando o rego á porta do templo, que então era a capella do castello. Tirou o rego, seguindo a direcção dos Palmeiros, com os olhos fixos na canga para se não distrair. A cem metros dos Palmeiros encalhou a chapa do arado em uma pedra, que rebentou ao impulso dos touros, saltando para o ar uma grande porção de dobrões em ouro. Esquecido da promessa ou convencido d'aquelle *anexim mais vale um passaro preso do que dois voando*, o rapaz largou a rabiça do arado e foi encher os bolços de dobrões. Quando voltou para o arado não o encontrou, nem os bois; apalpou os bolços e os dobrões tinham desaparecido!

Não podia ser maior o castigo!

No *Serro da Pena* tem sido vista, á meia noite, ao meio dia, e antes do sol nado, uma formosa moura a passear á beira do precipicio, no ponto em que é mais ingreme o rochedo. Certa mulher da Penina, a quem perguntei se em alguma occasião vira a moura, respondeu-me:

— Vi, sim senhor. Parece uma somnambula a andar. A's vezes anda tão rente do precipicio que parece cair e não cai.

— E a moura viu-a?

— Viu-me perfeitamente. Quando olhou para mim até a cara resplandecia. Depois... desapareceu!

Quando não ha muito tempo me occupava em tirar informações d'estas lendas, encontrei um lavrador da aldeia da Pena, tido e havido como o melhor informador. Perguntei-lhe o que sabia de mouras encantadas.

— Contava-me meu avô que na occasião em que o senhor rei D. Afonso Henriques esteve no *Serro da Pena...*

— D. Affonso Henriques não, talvez D. Affonso III, observei-lhe.

— Pois sim... um rei chamado Affonso... como ia dizendo: quando D. Affonso chegou a Salir, onde o esperava o grande D. Paio, mostrou desejos de visitar o algueirão do *Serro da Pena*. Encaminhou-se para lá na companhia de D. Paio e de outros officiaes valentes, no intuito de ver as fortificações dos mouros e visitar a caverna onde elles e suas mulheres costumavam descansar. Pelo caminho apresentou-se ao rei um rapaz, cá do sitio, e pediu que o alistasse no seu exercito.

— Que idade tens? perguntou o rei.

— Desesete annos.

— E's muito criança e não tens ainda barbas em que segures o pente.

O rapaz curvou-se respeitosamente e desviou-se do caminho.

Na volta do serro tornou o rapaz a apparecer diante do rei e fez-lhe o mesmo pedido.

O rei tornou-lhe:

— Já te disse: és muito criança, e ainda não seguras um pente nas barbas.

Então o rapaz, tirando dos bolços um pente com os dentes de ferro, fincou-o no queixo dizendo: está o pente seguro.

D. Affonso III, pasmado do procedimento do mancebo, perguntou-lhe como se chamava.

— Gil, real senhor!

Ordenou o rei que o mancebo fosse immediatamente alistado, e foi tão grande o valor que revelou no primeiro combate, que, mandando que o chamassem á sua presença, exclamou:

Ah Gil, Gil  
Quem de ti  
Tera mil.

E o bom do meu informador da Pena proferiu aquellas palavras com um entono admiravel.

Não sei se esta historia tem alguns visos de verdadeira; não posso porém duvidar de que D. Affonso estivesse em Salir, á vista das seguintes palavras de um velho escritor :

«..... quando ho mestre dom payo correia, que era vassallo de ElRei dom affonso soube que ia lho focho aguardar entre loule e almodovar e na villa de *sallir* e alli se viu ElRei com elle e as gentes todas juntas forão cercar farão.» .

Na *Fonte Mourena*, outro sitio da mesma freguezia de Salir, e que fica ao norte dos Palmeiros, quasi nas margens de uma ribeira, teem tambem apparecido mours encantadas, segundo uma constante tradição.

Perguntando ao meu informador da Pena o que sabia a tal respeito, respondeu prontamente:

— Ainda ha bem pouco tempo existia ali uma pedra, que pertenceu a uma casa de mours. Essa pedra está hoje em poder do nosso paroco.

— Engana-se, respondi. Essa pedra fazia parte de um dolmen, e por tanto remonta a uma epoca anterior.

— Anterior aos mours? perguntou o meu homem muito espantado.

— Certamente.

— Isso não póde ser.

— Por que?

— Anterior aos mours só houve os hebreus lá na Asia...

Não me causou espanto esta resposta, pois que o



nosso povo não vai além do dominio dos serrace-nos.

Estou convencido de que a região hoje occupada pelas freguezias de Alte, Salir e Querença fôra em tempos longinquos séde de antigas civilisações. Salir, principalmente, offerece ainda hoje evidentes documentos de que a sua freguezia fôra séde importante das civilisações paleolithica e neolithica. Encontram-se ali dolmens, machados de pedra polida, restos de uma antiga e tosca ceramica, flexas de ponta de silex, e outros instrumentos d'aquelles tempos.

Como o meu informador, o senhor José João, da Pena, se prestava a satisfazer a tudo que lhe perguntava, desejei ouvil-o acerca do credito que elle ligava ás lendas de mouras encantadas.

— Acredita em mouras encantadas ? perguntei-lhe.

— Para lhe dizer a verdade, antigamente não acreditava ; hoje, porém, acredito.

— Que razões o demoveram ?

— Em uma noite de trovoadas é que a gente se convence. Da minha casa ao castello não fica muito perto, pois não obstante, quando é rijo o vendaval, ouve-se, ali o barulho que a moura faz sobre os muros do castello. Então não ha motivo de duvidar. Além d'isto, se meus avós e meus pais acreditavam, devo tambem acreditar. Sempre que passo de noite perto dos muros, os cabellos da cabeça espetam-se como sovelas, e até me parece que o leão encantado vem em minha perseguição.

Deixei o sr. José João com a paz de Deus e fui em procura de informações por outros pontos.

Encontrei uma velhinha muito corcovada e falei-lhe com agrado.

— De onde é, tiaziuba ?

— De Penina, meu senhor.

— Tem ouvido falar em mouras encantadas ?

— A gente antiga falava muito n'essas criaturas.

— Diz-se que nos muros do castello apparece todas as noites á meia noite uma formosa moura.

— Diz-se, mas eu nunca a vi. O meu pai viu-a n'uma noite de outubro.

— Conte-me essa historia, se lhe não causa incommodo.

— Com verdade lhe digo que não gosto de falar nas vidas alheias. Se a pobre moura anda de noite a carpir, não foi sua a culpa. No entanto, como deseja saber o que se passou com meu pai, vou contar-lhe em poucas palavras.

Haverá uns cincoenta annos morava meu pai em Martim Ennes, no ponto mais elevado e descoberto do sitio de onde se avista os muros do Castello.

Foi meu pai á feira da Guia vender uma junta de novilhas no intuito de comprar um bocado de terreno que pegava com o seu monte de residencia. O que vou contar passou-se ha cincoenta annos.

Vendeu meu pai as novilhas e saiu da feira meia tarde. Demorou-se mais do que devia pelo caminho e quando chegou ao sitio era noite escura e chovia rijo. Os trovões e relampagos eram tantos que a noite parecia um inferno. A vinte metros distante da morada olhou em direcção do povo e viu sobre os muros um vulto de mulher com um archote accezo na mão. A luz que irradiava era azulada e deitava um fedôr a enxofre que trasandava. Meu pai entrou em casa pallido como um defunto. Contou a minha mãe o que vira e ambos fecharam á pressa a porta da rua. N'esse tem-



otografia geral de Salir e muros do castello



po já eu tinha casado e morava na Penina. Quando minha mãe me contou esta historia, dois dias depois, ainda tremia de medo.

— Talvez seu pai tivesse bebido algumas pingas a mais . . .

— Meu pai só bebia agua, e, como sabe, a agua não tira o juizo a ninguem.

— E pode contar-me mais alguma lenda succedida em outros sitios d'esta freguezia ?

— Pouco sei. Já ouviu contar a lenda das duas irmans encantadas na *Fonte do Ouro* ?

— Já.

— Com referencia a esse mesmo sitio ouvi aos meus avós falar de um poderoso mouro que tambem encantara ali uma sua filha.

— Por que razão ?

— Parece-me que já não sei dar essa explicação. Estou velha, os annos e os trabalhos fazem a gente esquecida. Parece-me que ouvi dizer que o pai encantara a sua filha por esta não querer casar com um mancebo, seu parente. No *Serro da Pena* está tambem encantada uma gentil moura . . .

— Já ouvi contar essa lenda.

— Então nada mais sei dizer. Antigamente falava-se muito de mouras encantadas; hoje quando fallamos d'isso põem-se a rir. Gosta-se mais do bruxedo : achasse-lhe mais graça.

E a velhinha disse as ultimas palavras com um sorriso desdenhoso que bem traduzia um modo de sentir contrario ás bruxas. E affirmo que lhe achei muita razão. Conheço muita gente que zomba das mouras encantadas e dão todo o credito ás bruxas. Parece que estes seres são mais da moda ; ora a moda é hoje uma

senhora muito caprichosa, que exige dos seus adeptos *grandissimos* respeitos . . .

\*

\*

\*

No sitio das *Cortiçadas*, pertencente á mesma freguezia de Salir, existem vagas referencias nas tradições populares, respeitantes á passagem de D. Affonso III, quando este desceu ao Algarve por occasião de tomar os castellos de Faro, Loulé, Albufeira.

O cronista, já citado, refere-se expressamente a esta jornada do monarca portuguez, nas seguintes palavras :

«... ElRei D. Affonso... mandou loguo aparelhar suas gentes e foice loguo á grão preça ao Alguarve e foi por beja e dahi a almodovar do campo de ourique e passou a serra pelas *cortiçadas* e encaminhou direito...»

Chegado el-rei a Salir abi já o esperava o seu vasallo D. Paio Peres Correia, como acima fico dito.

Nenhuma lenda de mouras encantadas consegui apurar n'este sitio. Tudo quanto ali consta relativamente a este assunto prende com o que deixamos já exposto relativamente a outras localidades da mesma freguezia.

Como mais de uma vez terei de notar, o não ter encontrado alguma lenda não quer dizer que não exista ou existisse. Uns por se terem esquecido, outros pelo receio de incorrer em uma falta, que a *moda* não perdoa, não ousam contar o que sabem ou negam-se a isso. É possivel que depois da publicação do presente livro se torne facil conseguir informações mais amplas.

\*

\*

\*

No sitio do *Ribeiro Secco*, apparecia antigamente um encantamento. Era uma grande cobra. Certa rapariga sonhou que a cobra dormia sobre um grande deposito de dinheiro em ouro. Muita gente a esse tempo tinha visto o encantamento, mas ninguem sabia de que meios podia usar para o desencantamento da moura. Infelizmente a rapariga contou a diversas pessoas o sonho que tivera, o que certamente contribuiu para o desaparecimento da cobra.







## As mouras de Alte

### VIII

Alte é povoação antiga, situada á beira serra. A sua posição em anfiteatro, sobre um monte cercado de quatro mais altos, deu origem aos versos populares cantados pelas raparigas da freguezia nos seus bailes campesinos :

Quatro serros tem Alte  
Que o cercam ao redôr  
Galvana, Francilheira  
Castel, Rocha Maior.

Encontram-se a cada passo n'esta freguezia vestígios manifestos de antigas raças, que, em remotas épocas, ali dominaram.

A trez quilometros da povoação, ha uma grande caverna denominada a *Igrejinha dos Soidos*, cuja orige

se prende talvez ao tempo em que foi habitada pelos troglodistas.

Carlos Bonnet, engenheiro notavel, escreve d'esta caverna o seguinte :

« A *Igrejinha dos Soidos* é uma caverna grandiosa, de forma circular, de abobeda muito elevada, á feição de cupula. As stalactitas, assaz grossas e separadas umas das outras, formam com as stalagmitas columnas semelhantes as das igrejas. Em razão de tal conformação deram os habitantes das localidades proximas a esta caverna o nome de *Igrejinha*, considerando a grande sala como nave central e as camaras contiguas como capelas. Segundo as lendas a *Igrejinha dos Soidos* foi habitada pelos mouros. »

E effectivamente diz-se de longa data que teem sido vistos ali mourinhos encantados. (5)

Existem a alguns quilometros de Alte dois grandes buracos, sempre cheios de agua. Dizem as tradições locais que o buraco do lado do nascente se communica sobterraneamente ao castello mourisco de Loulé, e o do lado do poente á cisterna arruinada de Silves ; e por estes conductos subterraneos se communicavam os mouros, quando ambos os castellos lhes pertenciam.

Segundo as lendas dos sitios que cercundam a povoação, cada um dos serros que a cercam está minado e nas habitações interiores ficaram encantadas familias mouras por occasião da sua expulsão d'esta provincia. Ainda hoje conservam de memoria os versos que os infelizes serracenos entoavam a chorar, quando foram forçados a sair :

Adeus Julia e Juliana  
Rocha da Pena, Cabeço de Camara  
Onde ficou a nossa dinheirama.

*Julia* é um serro, que fica perto da povoação, a *Rocha da Pena* na freguezia de Salir; *Cabeço de Camara* fica na freguezia de Loulé. Creio que o nome *Juliana* é a corrupção de *Galvana*, outro serro da freguezia de Alte.

Aquelles versos significam, no dizer do povo, que no seu interior deixaram os mouros escondidos os seus thesouros. E esta crença está tão arreigada que, ha poucos annos, alta noite, foi na *Julia* encontrado um sujeito a cavar sob uma rocha, em procura dos dobrões mouriscos!

No sitio do *Farrobeirão*, não longe do povo d'Alte, apparece varias vezes, á meia noite, e ao meio dia, uma formosa moura encantada. Affirmou-me um amigo que certa senhora chegara a ver a moura. Fui falar a essa senhora.

— Não creio em bruxas nem em mouras encantadas — disse-me — é certo, porem, que vi debaixo de uma alfarrobeira, no sitio a que se refere, uma senhora, mui formosa e gentil.

— Falou-lhe?

— Não lhe falei. A senhora que vi estava vestida de preto; era alva como a neve, e de uma apparencia extremamente agradavel e insinuante.

— Aproximou-se-lhe?

— O bastante para a ver. Sabia porém por ter ouvido dizer á minha avó que ali costumava apparecer uma moura encantada e por isso puz-me de corrida para casa da minha avó, que não ficava muito distante.

— Contou a sua avó o que vira?

— No momento em que lhe contava, appareceu o meu pai, que se informou do caso e me obrigou a acompanhá-lo. Ainda dei alguns passos, mas possuí-me

de tal susto, que me puz a chorar e o meu pai não instou mais comigo.

— E nunca mais viu a moura?

— Nunca mais me aproximei de tal arvore, apesar de então ter apenas quatorze annos e hoje ter cincoenta.

No sitio de Santa Margarida, tres quilometros a nascente de Alte, tambem ha muitas referencias á epoca dos mouros. É tradição ali que n'aquelle sitio em epochas antigas estava fundada uma grande villa chamada a *Villa Verde*, nome que ainda hoje designa vasto terreno, onde têm sido encontrados restos significativos da civilisação neolithica, como machados de pedra polida.

No sitio dos Braganços, na parte mais aspera da serra d'aquella freguezia, ha poucos annos, havia um predio urbano, cujo portal da entrada estava formado por uma pedra, onde havia uma inscrição, cujo alfabeto era completamente desconhecido. Os vizinhos diziam que eram letras de mouros, porque não conhecem outra raça anterior aos serracenos. Tambem por ali se fala do apparecimento de mouros encantados.

No serro denominado o *Castel*, onde não existem actualmente ruinas de fortificações, diz o povo que existia no tempo dos mouros uma grande fortificação. Creio effectivamente que ali houvesse algum castello, mas em epoca muito anterior.

Em Benafim, aldeia da freguezia de Alte, encontrei muitos restos e vestigios de lendas de mouras encantadas. Esta aldeia offerece, a quem pela primeira vez a visita, uma apparencia que impressiona. Parece que as suas casas, embora pobres e de uma fabricaçoão muito ordinaria, traduzem uma antiga nobreza. Desejei investigar da origem do seu nome actual e só encontrei um nome que se lhe parece *Abin-Afan*.

LANÇÃO DA MOURA DE SALIR

Cant. 1. *Allegro*  
 1. *Allegro*  
 2. *Allegro*  
 3. *Allegro*  
 4. *Allegro*  
 5. *Allegro*  
 6. *Allegro*  
 7. *Allegro*  
 8. *Allegro*  
 9. *Allegro*  
 10. *Allegro*  
 11. *Allegro*  
 12. *Allegro*  
 13. *Allegro*  
 14. *Allegro*  
 15. *Allegro*  
 16. *Allegro*  
 17. *Allegro*  
 18. *Allegro*  
 19. *Allegro*  
 20. *Allegro*  
 21. *Allegro*  
 22. *Allegro*  
 23. *Allegro*  
 24. *Allegro*  
 25. *Allegro*  
 26. *Allegro*  
 27. *Allegro*  
 28. *Allegro*  
 29. *Allegro*  
 30. *Allegro*  
 31. *Allegro*  
 32. *Allegro*  
 33. *Allegro*  
 34. *Allegro*  
 35. *Allegro*  
 36. *Allegro*  
 37. *Allegro*  
 38. *Allegro*  
 39. *Allegro*  
 40. *Allegro*  
 41. *Allegro*  
 42. *Allegro*  
 43. *Allegro*  
 44. *Allegro*  
 45. *Allegro*  
 46. *Allegro*  
 47. *Allegro*  
 48. *Allegro*  
 49. *Allegro*  
 50. *Allegro*  
 51. *Allegro*  
 52. *Allegro*  
 53. *Allegro*  
 54. *Allegro*  
 55. *Allegro*  
 56. *Allegro*  
 57. *Allegro*  
 58. *Allegro*  
 59. *Allegro*  
 60. *Allegro*  
 61. *Allegro*  
 62. *Allegro*  
 63. *Allegro*  
 64. *Allegro*  
 65. *Allegro*  
 66. *Allegro*  
 67. *Allegro*  
 68. *Allegro*  
 69. *Allegro*  
 70. *Allegro*  
 71. *Allegro*  
 72. *Allegro*  
 73. *Allegro*  
 74. *Allegro*  
 75. *Allegro*  
 76. *Allegro*  
 77. *Allegro*  
 78. *Allegro*  
 79. *Allegro*  
 80. *Allegro*  
 81. *Allegro*  
 82. *Allegro*  
 83. *Allegro*  
 84. *Allegro*  
 85. *Allegro*  
 86. *Allegro*  
 87. *Allegro*  
 88. *Allegro*  
 89. *Allegro*  
 90. *Allegro*  
 91. *Allegro*  
 92. *Allegro*  
 93. *Allegro*  
 94. *Allegro*  
 95. *Allegro*  
 96. *Allegro*  
 97. *Allegro*  
 98. *Allegro*  
 99. *Allegro*  
 100. *Allegro*  
 101. *Allegro*  
 102. *Allegro*  
 103. *Allegro*  
 104. *Allegro*  
 105. *Allegro*  
 106. *Allegro*  
 107. *Allegro*  
 108. *Allegro*  
 109. *Allegro*  
 110. *Allegro*  
 111. *Allegro*  
 112. *Allegro*  
 113. *Allegro*  
 114. *Allegro*  
 115. *Allegro*  
 116. *Allegro*  
 117. *Allegro*  
 118. *Allegro*  
 119. *Allegro*  
 120. *Allegro*  
 121. *Allegro*  
 122. *Allegro*  
 123. *Allegro*  
 124. *Allegro*  
 125. *Allegro*  
 126. *Allegro*  
 127. *Allegro*  
 128. *Allegro*  
 129. *Allegro*  
 130. *Allegro*  
 131. *Allegro*  
 132. *Allegro*  
 133. *Allegro*  
 134. *Allegro*  
 135. *Allegro*  
 136. *Allegro*  
 137. *Allegro*  
 138. *Allegro*  
 139. *Allegro*  
 140. *Allegro*  
 141. *Allegro*  
 142. *Allegro*  
 143. *Allegro*  
 144. *Allegro*  
 145. *Allegro*  
 146. *Allegro*  
 147. *Allegro*  
 148. *Allegro*  
 149. *Allegro*  
 150. *Allegro*  
 151. *Allegro*  
 152. *Allegro*  
 153. *Allegro*  
 154. *Allegro*  
 155. *Allegro*  
 156. *Allegro*  
 157. *Allegro*  
 158. *Allegro*  
 159. *Allegro*  
 160. *Allegro*  
 161. *Allegro*  
 162. *Allegro*  
 163. *Allegro*  
 164. *Allegro*  
 165. *Allegro*  
 166. *Allegro*  
 167. *Allegro*  
 168. *Allegro*  
 169. *Allegro*  
 170. *Allegro*  
 171. *Allegro*  
 172. *Allegro*  
 173. *Allegro*  
 174. *Allegro*  
 175. *Allegro*  
 176. *Allegro*  
 177. *Allegro*  
 178. *Allegro*  
 179. *Allegro*  
 180. *Allegro*  
 181. *Allegro*  
 182. *Allegro*  
 183. *Allegro*  
 184. *Allegro*  
 185. *Allegro*  
 186. *Allegro*  
 187. *Allegro*  
 188. *Allegro*  
 189. *Allegro*  
 190. *Allegro*  
 191. *Allegro*  
 192. *Allegro*  
 193. *Allegro*  
 194. *Allegro*  
 195. *Allegro*  
 196. *Allegro*  
 197. *Allegro*  
 198. *Allegro*  
 199. *Allegro*  
 200. *Allegro*  
 201. *Allegro*  
 202. *Allegro*  
 203. *Allegro*  
 204. *Allegro*  
 205. *Allegro*  
 206. *Allegro*  
 207. *Allegro*  
 208. *Allegro*  
 209. *Allegro*  
 210. *Allegro*  
 211. *Allegro*  
 212. *Allegro*  
 213. *Allegro*  
 214. *Allegro*  
 215. *Allegro*  
 216. *Allegro*  
 217. *Allegro*  
 218. *Allegro*  
 219. *Allegro*  
 220. *Allegro*  
 221. *Allegro*  
 222. *Allegro*  
 223. *Allegro*  
 224. *Allegro*  
 225. *Allegro*  
 226. *Allegro*  
 227. *Allegro*  
 228. *Allegro*  
 229. *Allegro*  
 230. *Allegro*  
 231. *Allegro*  
 232. *Allegro*  
 233. <

[illegible]

Handwritten musical score for "L'Espresso" by J. S. Bach, BWV 1052. The score is written on five staves. The first staff is the treble clef, and the second is the bass clef. The music is in G major and 3/4 time. The lyrics are written below the staves: "L'Espresso", "L'Espresso", "L'Espresso", "L'Espresso", "L'Espresso". The score is signed "J. S. Bach" at the bottom right.





Quem pôde negar ou afirmar que o rei de Silves, escolhendo aquelle sitio agradável, fundasse ali uma aldeia, aonde fosse descansar das labutas da administração e lhe desse o seu nome?

O que ninguém pôde negar áquella aldeia é a sua apparencia afidalgada, o aspecto de um rico arruinado.

Ha tambem em Alte o sitio dos *Mortorios* onde têm sido encontradas muitas sepulteras com objectos de barro dentro. Existe ali um forno de cal e ali apparece uma moura encantada, segundo a lenda da localidade.

Ao sul de Alte está o sitio do *Esteval dos Mouros*, denominação que traduz a existencia de mouros, quando estes aqui dominavam. Este sitio não fica muito longe do Castello de Paderne, onde os mouros se fortificaram e se defenderam brilhantemente, quando foram accommettidos pelos freires de D. Paio.

No sitio da *Soalheira*, tambem no amago da serra, como o dos Braganções, ha vestigios de ter sido, em epochas remotas, theatro de mui antiga civilisação. Certo proprietario do sitio mandou deitar uma azinheira abaixo. Os trabalhadores, arrancando a arvore, encontraram uma sepultura. Na supposição de que ali estivesse escondido algum thesouro, destruíram tudo. Não encontraram o que desejavam e antes ficaram convencidos de que a cova não passava de um ninho de mouros; tão extravagantes e dezusados eram os objectos que ali encontraram!

— Que objectos eram? perguntei.

Nem souberam contar o que tinham visto.

E de tudo posso concluir que se a freguezia de Alte se torna curiosa pelas suas referencias ás mouras encantadas, é possível que mais curiosa se tornasse se algum paleonthologista a estudasse e a visitasse.



## A moura do Ameixial

### IX

O Ameixial é a sêde de uma freguezia da mesma designação e está situado em serra fragosa e aspera.

Differentes designações em diversos sitios accusam a civilisação serracena. Proximo do sitio do *Pego dos Cavallos*, ha outro conhecido pelo da *Moura*. Affirmam as tradições locais que ali ainda hoje está uma moura encantada.

Diz a lenda que semanas depois da expulsão dos mouros, passou por aquelle sitio um rapaz de vinte annos, filho de abastado proprietario d'aquella freguezia. Viu elle sentada á beira do caminho uma formosa mulher, alva como a espuma do mar, e de cabellos fartos e tão louros que pareciam madeixas de ouro. A

mulher formosa *costurejava* (costurava) tendo ao seu lado uma tesoura de ouro.

O rapaz quedou-se pasmado para a mulher e para a tesoura. Então ella, sorrindo-se agradavelmente para o mancebo, perguntou-lhe:

— De qual gostas mais ?

O rapaz mostrou não comprehender a pergunta.

— Sim, repetiu ella, de qual gostas mais: de mim ou da tesoura ?

Esta pergunta fez estremecer o rapaz que logo pensou que a mulher não era *cousa boa*. Por isso respondeu immediatamente:

— Gosto mais da tesoura.

A dama carregou a viseira e disse carrancudamente:

— E's um parvo: perdeste a tua fortuna.

Disse estas palavras e desapareceu repentinamente, deixando o rapaz estupefacto.

N'essa noite contou elle a diversas pessoas o que lhe succedera e todas á uma concordaram que o rapaz estivera em grande perigo de perder a alma pois que a dama era certamente uma moura encantada.

E era. Por muitos seculos foi ali vista, e ainda hoje á meia noite em ponto, ou ao meio dia, muita gente a tem visto, ora costurando, ora chorando, e algumas vezes na attitude de pensar profundamente, mostrando-se estranha a tudo que a cerca e rodêa.

Em um sitio proximo da *Portela*, onde ha um lagar de moer azeitona, existem quatro ou cinco grandes pedras, collocadas perpendicularmente, com pequenos intervalos, que a tradição affirma terem sido ali postas pelos mouros. Outros, porém, melhores depositarios d'essas lendas antigas, affirmam que as pedras são outros tantos mouros encantados.

Talvez a sciencia dê áquellas pedras outro nome e as julgue restos de um dolmen. E parece que assim é pois que, segundo dizem, aquellas pedras não são filhas do sitio e foram necessariamente para ali transportadas por gigantes.

No sitio da *Corte do Ouro*, talvez a corrupção da *Corte do Mouro*, ha tambem vestigios de antigas lendas de mouros e mouras encantadas, hoje completamente esquecidas. Ha ainda perto d'este sitio outro chamado *Azinhäl dos Mouros*, onde se encontram ainda hoje vestigios d'essas lendas.

No *Valle da Moita* foi encontrada uma grande pedra com uma inscrição em letras completamente desconhecidas. Constando ao paroco d'aquella freguezia que tal pedra ali fôra encontrada, chamou trabalhadores aos quais deu as convenientes instrucções para d'ali a transportar. Succedeu o que era de esperar de gente rude. Partiram a pedra. Agora informam-me de que o illustrado paroco não perdera a esperanza de a fazer transportar, partida, para o museu de Faro.

Esta freguezia fez antigamente parte da freguezia de S. Clemente de Loulé, e então tinha o nome de *Maxial*.





## A moura de Querença

### X

Nas tradições orais do povo e freguezia de Querença encontram-se algumas curiosas referencias á epoca dos mouros.

Correm dentro dos limites d'esta freguezia duas ribeiras que mais adiante se unem e formam a ribeira chamada da Tôr, muito caudalosa. Ainda mais adiante a ribeira da Tôr perde o nome e é denominada a ribeira de *Algibre*, junto da qual chegou D. Paio Peres Correia, quando, em seguida á traição das Antas, partiu de Tavira á frente dos seus freires spatharios e, foi atacar o castello de Salir.

É sabido que o Mestre, na supposição de que o governador do castello de Tavira, Aben-Fabila, segundo



uns, Aben-Falula, como outros opinam, se tivesse acolhido ao castello de Salir, lhe viera no encalço e fôra atacar o referido castello, tomando-o á força.

D'esta travessiaprehendida por D. Paio por a freguezia de Querença ha vestigios nas lendas populares.

Perguntando eu a uma velhinha da freguezia de Querença se ouvira falar aos seus antepassados no combate do castello de Salir, respondeu-me immediatamente :

— Ouvi, ouvi, sim, senhor. Passaram os christãos montados nos seus cavallos, armados de espadas em fôrma de cruz, pela minha freguezia e foram expulsar os mouros do castello de Salir.

— E quem diziam os seus antepassados que era o commandante d'esses christãos ?

— O rei D. Sebastião, respondeu-me a velhinha.

N'esta resposta ha muito que aprender, embora pareça enorme tolice, como é. Na freguezia de Querença a ribeira de que acima falei fazia enormes prejuizos aos seus moradores. A ribeira, extremamente caudalosa, cercava a povoação e d'esta fazia uma ilha. Chegavam a ficar insepultos os cadaveres por mais de oito dias por que não havia meio de communicação com a igreja e cemiterio. Ora el-rei D. Sebastião ouviu os justos queixumes dos habitantes de Querença e mandou construir a famosa ponte da Tôr. D'este facto resultou que o povo de Querença, commemorando a epoca grandiosa da expulsão dos mouros a confundisse com a epoca tambem famosa da sua libertação da caudalosa ribeira. Reuniu os dois factos e formou a lenda que hoje corre.

N'esta freguezia andam dispersos uns restos de lendas de mouras encantadas. Com bastante trabalho apu-

rei que não muito distante da séde da freguezia, em uma propriedade actualmente dos herdeiros do fallecido e chorado proprietario d'esta villa, Marianno da Costa, existe uma cova, conhecida pela *Cova dos Mouros*, onde a tradição affirma existir encantada uma formosa moura e um mourinho. Proximo da cova ha uma pedra de fôrma regular, que, a muita gente, se afigura uma estatua de mulher. Diz a lenda que a estatua representa effectivamente uma bella moura, a qual, com mais onze irmãs, espalhadas por Faro e Loulé, foram tambem encantadas por occasião da expulsão da sua raça.

Affirmam as pessoas que habitam nas proximidades da estatua que esta, á meia noite em ponto e ao meio dia em pino, abre os olhos, e n'esse momento ouve-se chorar uma criança no fundo da cova.

O povo da localidade, tendo-se esquecido da lenda, na sua mais completa urdidura, e desejando explicar o phenomeno, diz que por occasião da expulsão dos mouros, muitos d'estes, não perdendo a esperanza de voltar, como em outras occasiões acontecera, encantaram aqui as suas familias. O encantamento da moura em estatua e da criança na *cova* realisou-se ás 12 horas, e só, portanto, a estas horas, exactamente n'este momento, á mãe e ao filho é permittido entrar na vida real; d'onde resulta que só a estas horas a mãe abre os olhos e a criança chora.

Além d'esta moura, outra existe tambem encantada, a meio caminho da Fonte do Philippe, no lugar da *Amen-doeira*, um dos sitios da mesma freguezia.

Consta da lenda que em certa occasião, ha muitos annos, foram dois rapazes buscar agua á alludida Fonte. Quando iam já afastados da mesma Fonte com os seus

cantaros cheios, appareceu-lhes repentinamente uma formosa mulher de louras tranças estendidas sobre os hombros. Pareciam madeixas de fios de ouro.

Ficaram os dois rapazes surprehendidos com o subito apparecimento de tão formosa dama. Esta, porém, n'um sorriso que lhe bailava nos labios, com uma ingenuidade pasmosa, aproximou-se dos rapazes e convidou-os a servir-se de uns figos, estendidos a seccar em uma esteira de palma, em que elles ainda não tinham feito reparo.

O mais velho dos rapazes, por desdem ou por qualquer outro motivo, não accedeu ao convite e seguiu o seu caminho; o outro, o mais novo, aproximou-se da esteira e tirou a mão cheia de bellos figos, agradecendo á mulher a gentileza do offerecimento. Esta quedou-se a olhar para o rapaz, que apressava os passos no intuito de alcançar o seu companheiro, que já ia distante. Quando o mais novo quiz mostrar os bellos figos e se encontrou com outras tantas peças de ouro, ficaram ambos muito surprehendidos. Então o mais novo disse:

— Não quizeste mais perdeste.

— Quem te deu essas peças? perguntou o mais velho.

— São os figos que tirei da esteira.

Maravilhado o mais velho e pezaroso de não ter sido mais delicado com tão rica dama voltou immediatamente pelo mesmo caminho até chegar ao sitio onde encontrou a dama. Esta então n'um rizo azedo e zombeteiro disse ao rapaz:

— Queres figos? queres figos? *Levando-os (?)* quando t'os offereci.

E o rapaz ficou pasmado, sem dizer palavra. A mu-

lher desapareceu n'este momento com a velocidade do relampago.

Horas depois era sabido de toda a gente que ali apparecia uma formosa moura encantada. Ha centenas de annos que a moura apparece e desaparece. Muita gente a tem visto. Não consta que tenha feito algum mal, não obstante todos evitam passar pelo sitio nas horas adiantadas da noite ou ao meio dia. Diz o povo, na sua linguagem singela, que o caldo de galinha nunca fez mal aos doentes, e por isso evitam encontrar a moura.

Em outros pontos da mesma freguezia existem ainda varias denominações de origem arabe, que accusam a existencia de lendas antigas, hoje completamente esquecidas.

Em uma das margens da ribeira denominada *Benamola* ha uma fonte do mesmo nome, muito tosca, do tempo dos mouros. Em redor d'esta fonte tudo parece impregnado de uma athmosfera de mouras encantadas.

No sitio da *Castelhana*, para o lado da Tôr, havia em tempos passados uma casa de pequeno lavrador, onde apparecia todos os dias ao meio dia em ponto uma formosa dama que pedia á lavradora lhe desse a provar do seu jantar. A lavradora, extremamente cortez para a dama, satisfazia-lhe sempre os seus desejos. Tantas vezes se repetiram aquellas visitas que se resolveu perguntar quem era, d'onde vinha e onde morava. A dama respondeu-lhe simplesmente :

— Moro aqui bem perto. Venho convidal-a a visitar minha casa.

A lavradora, muito curiosa, acceitou o convite e acompanhou a dama. Teriam andado um quilometro, metteu-

se a dama por uma furna seguida pela lavradora. Momentos depois viu-se esta á porta de um palacio, e n'elle entrou impellida pela dama. Encontrou-se cercada de diversas pessoas d'ambos os sexos, que se ergueram á sua chegada, encaminhando-se para a lavradora e a pedir-lhe um beijo. Conheceu a boa mulher pelos trajos que tinha na sua presença mouros e mouras encantadas, dispostos todos a roubar-lhe os santos oleos por intermedio do beijo fatal.

Negou-se por tanto a dar o beijo, e como mais e mais d'ella se approximassem, gritou :

— Valha-me a Santa Virgem da Piedade.

E afastou com os braços a cafila dos mouros.

O impulso dos seus braços foi tal que fez cabir no chão os que lhe estavam mais proximo. A mulher correu para a rua. Ao transpôr a porta olhou para traz e viu que todos os mouros e mouras se tinham transformado em diversos animais. A dama que lhe fazia visitas ao meio dia estava convertida em uma bezerrinha gorda e nedia.

A mulher encontrou-se então em uma estrada e por ella se dirigiu para sua casa.

Este acontecimento foi logo sabido por toda a freguezia e não ha muitos dias m'o foi contado por pessoa, que reside em Querença.

Toda esta freguezia me parece o theatro de mouras encantadas e para isso concorrem as suas cavernas, os seus poços, as multiplicadas fontes de agua ferrea, a tonalidade imprimida pelas frondosas azinheiras, desde o Barranco do Velho até á Tôr, e finalmente a propria historia que nos ensina os sitios atravessados pelos freires de D. Paio em caminho do castello de Salir e a voz publica transmittida de muito longe que dá por ali encantados muitos mouros.

Estou certo que importante seria a colheita d'estas lendas, se os que as sabem não estivessem convencidos de que a sua narração a pessoas curiosas redobra os encantamentos.

A uma velhinha d'aquelles sitios, a quem contei a historia da moura transformada em estatua de pedra, no intuito de a animar a contar-me outras lendas, ouvi as seguintes palavras:

— Não sei que gôsto o senhor possa ter em fazer mal a esses infelizes.

— Não é meu intuito fazer-lhes mal, respondi.

— Pois sim!... e contou-me essa historia que eu sei de muito criança.

— Que mal lhes faço contando esta historia?

— Não se faça ignorante. O senhor sabe perfeitamente que contar-se a historia d'uma d'essas infelizes sem intuito de a salvar é o mesmo que redobrar-lhe o encantamento.

E por esta razão é ainda hoje muito difficil formar-se uma boa colleção de todas as lendas de mouras encantadas no nesso Algarve.







## Referencias de Boliqueime

### XI

Boliqueime é o nome da sêde de uma freguezia da mesma denominação pertencente ao concelho e comarca de Loulé. Embora a actual povoação occupe logar diverso da antiga, tudo me convence de que a primitiva fôra fundada depois do seculo quatorze.

Talvez se possa affirmar que o nome d'esta povoação derive da palavra italiana, que designa os *olhos de agua dôce*, junto dos quais se criou uma aldeia quando n'aquella epoca os navios italianos vinham constantemente pescar a baleia nas aguas de Lagos. Por carta de 3 de julho de 1410 foi concedido aos moradores de Lagos o privilegio de não pagarem siza do que comprassem ou vendessem aos venezianos que ali iam em

suas. galês. Do mesmo modo os Sicilianos, Milanezes e Genovezes, andavam constantemente na derrota d'aquelle porto, abundante de pescado. Ora o caminho marítimo pelos mares do Algarve tinha, nos ainda hoje conhecidos *olhos de agua*, aos quais elles chamam *Bulicame* logar onde os seus navios se refizessem de boa agua potavel.

Envidei os maiores esforços em apurar alguma lenda de mouras encantadas n'aquella freguezia e nada conseguí. Perguntando ao senhor Manoel Martins Mogo, do sitio de Alfones, pessoa de idade avançada, se conhecia na sua freguezia alguma lenda de mouras, respondeu-me afoutamente que nada lhe constava a tal respeito.

— No meu sitio, disse-me, ha uma fazenda chamada *As Alcarias*, onde teem sido encontradas sepulturas do tempo dos mouros; mas não conheço nenhuma lenda que lhes diga respeito.

— E porque affirma que essas sepulturas são do tempo dos mouros?

— Nas sepulturas dos christãos só mettemos o cadaver, e n'aquellas encontram-se *botijinhas* de barro.

— Acredita em mouras encantadas?

— Não acredito.

— E em bruxas?

— Acredito piamente. Infelizmente não posso deixar de acreditar.

— Já as viu?

— Nem as desejo ver.

E despediu-se sem me dar a razão porque acreditava n'ellas. Mais tarde informaram-me de que n'aquella freguezia, quando uma criança apparece raquitica e enfesada dizem que está embruxada, e se succede morrer accusam as bruxas de a ter morto.

Dizem que é curioso ouvir aos velhos falar á lareira de certas mulheres accusadas de bruxas e ás quais imputam a morte de todas as crianças. Isto tem dado o resultado de os mais crentes, a quem morre um filho, saírem a campo e espancarem alguma pobre mulher acoimada de bruxa ou feiticeira.

É notavel a differença de conceitos entre o povo de Alte e o de Boliqueime, seu vizinho. Emquanto em Alte se fala de inouras encantadas e se repetem aquelles versos :

Adeus Julia e Juliana  
Rocha da Pena, Cabeço de Camara  
Onde ficou a nossa dinheirama.

em Boliqueime repetem-se outros versos, attribuidos ás bruxas :

Por cima da silva  
Por baixo da oliva ! (6)

Em Alte fala-se das mouras da *Igrejinha dos Soidos*, das mouras de Benafim, dos mouros encerrados nos grandes serros que circundam aquella povoação; em Boliqueime ouve-se constantemente tratar das bruxas de Alfones, das bruxas da Parreira Ladeira, e dos lobis-homens de Estella Montes.

A povoação de Quarteira, onde estava situada a antiga *Carteia* dos romanos, está assente, em parte, na freguezia de Boliqueime.

Consultei a opinião de um cavalheiro esclarecido, meu velho amigo, acerca das lendas de mouras encantadas n'esta freguezia, e respondeu-me immediatamente que, apezar de ali residir para cima de vinte annos, nunca lhe chegara aos ouvidos uma lenda n'esse sentido.

— Fale-me em bruxas, terminou elle a sua carta, e então lhe direi o que por cá consta. É um louvar a Deus!

Desisti de continuar ali nas minhas investigações pois tive a certeza de não colher resultado algum.



## Referencias de Almancil

### XII

De Almancil, freguezia da comarca e concelho de Loulé, nenhuma noticia ha respeitante ás mouras encantadas. Não a mencionaria aqui se o seu nome não fosse de origem sarracena. Almancil vem de Almançal, termo sarraceno, que significa estalagem.

Almancil é o nome da séde de uma freguezia da mesma denominação. De uns sessenta annos atraz a séde d'esta freguezia era outra: São João da Venda.

Por uma coincidencia notavel a séde antiga e a moderna são designadas pela mesma denominação: Venda, Estalagem, que, na linguagem vulgar do nosso povo, se confundem.

N'esta freguezia, ao sul e proximo do mar, ha um sitio conhecido pelo *Loulé Velho*, a trez quilometros de Quar-teira, onde estava situada a antiga *Carteia*.

A proximidade de duas importantes povoações, em epocas remotissimas, surprehende-me.

No local onde se diz estivera fundado *Loulé Velho*, hoje quasi inundado pelas agoas do oceano, notam-se ainda hoje, nas grandes vazantes da maré, indicios grandiosos de uma vastissima povoação.

Enormes alicerces, que entram pelo mar, grandes blocos, em alguns dos quais existem inscrições, que os maritimos não sabem decifrar, estendendo-se por tão grande espaço, levam-me a suppôr que a antiga Loulé era uma povoação importantissima.

É possivel que tão perto uma da outra coexistissem estas duas importantes povoações?

Dever-se-á antes acreditar que estas não coexistiram mas se succederam? E n'esta hipotese qual é a mais antiga? Não ousa emittir uma opinião completamente desautorizada em tal assunto.

Concordam os mais antigos geografos em affirmar que *Carteia* era cidade importante no tempo dos romanos; affirmam os mesmos auctores que a velha Loulé fôra fundada pelos Celtas: mas não se sabe qual d'ellas morreu primeiro, e nem se sabe se quando *Carteia* florescia *Loulé Velho* já tinha caído.

Em 1565, quando em Loulé estiveram os visitadores de Mestrado de S. Thiago, notaram que a capella de Farrovilhas, a pouca distancia do sitio de *Loulé Velho*, era a mais bem conservada e florescente. Diz-se na alludida visita que ao poente da referida capella existia uma torre, de onde se vigiam os mouros. Com relação a *Loulé Velho* nem uma palavra, o que faz crer que já

n'esse tempo a velha povoação estava completamente submergida pelo oceano.

Como simples curiosidade e no intuito de despertar as atenções dos competentes, ahí deixo consignados estes apontamentos, já que nenhuma lenda de mouras encantadas ali encontrei.

Nas povoações á beira mar foi-me sempre difficil apurar quaisquer lendas; parece que os homens, que se entregam á faina do mar, se esquecem facilmente das tradições que vogam em terra.







## Os mouros de Albufeira

### XIII

Albufeira é uma villa antiga e sêde de um concelho da mesma designação. Supponho que o seu primitivo nome, pelo menos entre os arabes, fosse *Alfarere*. Parece que a esta villa se refere o auctor da *Relação da derrota naval dos cruzados para a Terra Santa*, quando diz:

«*Alfarere* entregou-se ao rei (D. Sancho I) com medo de nós, cujo recheio transferiu para Silves.»

Ora o *cruzado* citou *Alfarere*, depois de ter mencionado os castellos que caíram em poder do rei, em seguida á conquista de Silves.

Se effectivamente Albufeira caiu em poder de D. Sancho I, foi mais tarde retomada pelos mouros, pois que todos os historiadores affirmam que D. Affonso III, em

seguida á conquista de Faro, mandou sitiar o castello de Albufeira.

Na conquista d'esta villa deu-se um episodio que La Clede conta assim:

«Tinha quasi sido tomada a praça de Albufeira, quando El-Rei D. Affonso III chegou. Não tardou muito que se fizesse a capitulação, ficando os christãos senhores do logar, e parte dos mouros a despejou. Ficou El-Rei morrendo de amores pela filha do commandante da villa, e sua formosura, e graça natural era tanta que enchia de admiração a todos, mouros e christãos. Suspirou algum tempo por ella, até que por fim vencida não do logar, que elle occupava, mas do grande amor, que lhe tinha, renden-se aos seus desejos e deu-lhe um filho, que se chamou Martim Affonso Chichorro, pai e chefe da familia dos Souzas d'este nome.»

Não ha todavia uma lenda em Albufeira de mouros ou mouras encantadas. O meu particular amigo, o senhor Francisco Correia de Mello Leote, cavalheiro muito estudioso e investigador de cousas antigas, respondendo a uma carta, que lhe escrevi sobre este assunto, diz que nenhuma lenda ali encontra de mouras encantadas. Se alguma lá existiu foi esquecida, como outras muitas, piedosas e profanas, que jazem no olvido.

Não ha effectivamente em Albufeira uma lenda, mas apenas uns restos dispersos, sem urdidura e sem nexo, que o senhor Honorio Moura me narrou e que elle ouviu quando andava na escola e visitava com as crianças da sua idade as furnas da praia.

Diziam-lhe os seus companheiros, naturalmente por ouvir a seus pais, que na furna do Xurino appareciam mouros que ali ficaram encantados por occasião da conquista do castello de Albufeira; e diziam-lhe mais

que estes mouros vinham fugidos de Faro e que não tinham podido já entrar no castello da villa, pois que os sens se arreceiaram de lhes abrir as portas com medo dos christãos que lhes vinham no encalço.

A um velho, do sitio do Patan, e que fôra soldado, perguntei se em Albufeira havia mouros encantados.

— Eu sei, senhor, que na casa da guarda do castello, apparecia um carneiro, que todos diziam ser um mouro encantado. O tal carneiro dava-nos que fazer e que temer. A' meia noite dava uns *berros* de metter medo. Não havia alma christã que o esperasse. Fizemos *parede* e pedimos ao nosso sargento que nos desse outro logar para fazer a guarda.

— E o sargento que respondeu?

— Que nos aguentassemos; e nós, á meia noite, lá o esperavamos, com os cincoenta cartuxos da ordenança. O alma do diabo parecia que adivinhava: n'essas noites não apparecia!

D'esta resposta e do que o meu amigo, o senhor Moura me contou, devo concluir que embora antigamente houvesse uma lenda completa, todavia d'essa lenda apenas restam factos isolados, que, ainda assim, comprovam a existencia da antiga lenda, hoje completamente esquecida e obliterada na memoria do nosso povo.





## As mouras de Paderno

### XIV

Paderne ou Paderna, freguezia do concelho de Albufeira, comarca de Loulé, gozava no tempo dos mouros de grande importancia. Um escritôr quasi contemporaneo d'aquella epoca, historiando as façanhas de D. Paio, escreve :

« ... e então foi o mestre (D. Paio Correia) cercar paderna que he um castello forte e mui bom de grão comarca em de redor entre Albufeira e a serra e estando sobre elle mandou gente ao termo de Silves que fossem tomar a torre de estombar que d'antes fôra sua.»

Depois da conquista de Silves voltou D. Paio sobre Paderne e tomou o castello depois de um combate fortissimo.

Diz a este respeito o alludido cronista :

« . . . e tomada a cidade de Silves se tornou ho mestre a paderna, que antes tivera cercada e tomou a villa e o castello por força . . . »

Antes de D. Paio e no reinado de D. Sancho I era o castello de Paderne de grande nomeada. Um dos *cruzados* que assistiu á tomada de Silves, no tempo d'este monarca, mencionando os castellos que cairam em poder dos christãos depois da conquista da cidade, escreve :

« . . . Estes são os castellos de que os christãos se apoderaram depois da tomada de Silves: Sagres, Lagos, Alvôr, Portimão, Monchique, Montagudo, Carvoeiro, Messines e *Paderna*. »

Naturalmente com a nova tomada da cidade pelos mouros voltou o castello de Paderne para o dominio d'estes, pois que no tempo de D. Affonso III o encontramos em poder dos mouros.

Nas lendas locais encontram-se vagas referencias á tomada do castello. Dizem assim :

Em um dia de manhan da mais poetica primavera tomavam as bellas mouras o seu banho na ribeira que corre no sopé do monte do castello, quando umas crianças que brincavam proximo das margens vieram a correr dizendo :

— Veja minha mãe. Que bonito é . . . !

— O que, filho ?

— As moutas a correr para a castello.

Sahiu a mãe do banho, cobriu o corpo nú com o albornoz do marido e correu a verificar o facto.

Então teve a comprehensão nitida da sua desgraça: Os christãos serviam-se de uma estrategia para se aproximar do castello. Tinham arrancado a distancia gran-



de porção de mato e encobertos com este tentavam entrar no forte castello.

Deu immediatamente a voz de alarma e logo todas as suas companheiras, como as ninfas da ilha dos amores cantadas por Camões, correram núas a entrar pela boca do subterraneo que da ribeira communicava com o interior do castello, em cujas salas se esconderam.

Similhantermente os mouros que trabalhavam em seus campos recolheram ao castello e foram reunir-se aos seus camaradas que pelejavam contra os christãos.

Foi rude e mortifero o combate. Ao primeiro encontro caíram feridos de morte dois freires spatharios, cuja morte foi bastante sentida pelo Mestre D. Paio.

Depois de algum tempo foram expulsos do castello os sarracenos, entrando os christãos na sua posse.

Affirma a lenda que no subterraneo do castello ficaram encantados mouros e mouras, que ali defendem os seus thezouros até que a sua raça se resolva a vir desencantal-os.

Nunca saem d'ali a não ser á meia noite ou ao meio dia. Algumas pessoas dos arredores os teem visto áquellas horas.

Ha mais de cem annos foi uma pobre mulher chamada Carlota ao castello. Viu ella sentada sobre uma pedra uma criança de barrete encarnado. Era meio dia. A criança chamou a mulher pelo seu nome, mas Carlota receiosa de que lhe roubassem os santos oleos, em vez de se aproximar do mourinho, safou-se do lugar, de corrida. A criança ficou muito triste.

Em outra occasião o mesmo mourinho saiu dos seus palacios subterraneos e foi a casa de um moleiro, proximo do castello. Ficou a mulher surprehendida. Nunca

vira por aquelle sitio criança tão linda e tão garridamente vestida.

— O que quer, meu menino ? perguntou.

— Quero um bôlo, respondeu a criança.

— Vou cozel-o na lareira. Espere um pouco.

— Coza depressa porque é para meu pai que está doente. Eu vou esperal-a lá em baixo junto da ribeira.

A mulher foi preparar o bôlo.

— Não diga a ninguem que eu lhe pedi o bôlo, disse a criança ao sair de casa.

Quando a mulher saio com o bôlo cozido, encontrou o marido.

— Aonde vais ?

— Vou levar este bôlo a uma criança que tem o pai doente.

— Quem é essa criança ?

— Não conheço: é um menino muito bonito, bem vestido e traz um barrete encarnado na cabeça.

O marido percebeu immediatamente que menino era e disse:

— Vai, mas acautela-te.

— Do que ?

— Não consintas que te toque com um dedo que seja.

A mulher riu-se da recommendação do marido, comprehendendo mal a sua intenção, e levou o bôlo á criança.

Com grande pasmo da boa mulher, a criança não acceitou o bôlo, dizendo á maneira das crianças amuadas:

— Leva-o ao teu marido. Ah tyranna que perdeste a tua fortuna ! Vai para casa, sempre serás desgraçada !

A este tempo ainda a mulher não sabia quem era

a criança, que assim a mal tratava. Por isso respondeu :

— Eu não sei quem é o menino, mas percebo perfeitamente que é muito mal criado. Pediu-me o bôlo e agora recusa acceital-o ! Fiem-se lá em garotos !

N'este momento desapareceu a criança, sem que a boa mulher podesse saber que destino tomara. Lembrou-se então de ouvir falar os seus avós em mouras encantadas no sitio do castello. Apanhou tamanho susto que se poz a correr para caza, aonde não chegaria se o marido, que a espreitava de longe, não viesse recêbê-la nos braços.

— Então já sabes quem era a criança ? perguntou-lhe o marido, quando a viu mais restabelecida.

— Já sei, já sei ; um mourinho encantado !

E' a lenda muito espressa em mencionar os thesouros escondidos na cisterna do castello, convertida em palacio encantado. E o povo ainda crê n'essa lenda, que parece confirmada com o som metalico produzido por uma pedra atirada de cima para dentro da cisterna.

Um individuo, cujo nome não menciono, sonhou com o dinheiro escondido na cisterna. Deu noticia do sonho a uns amigos, que resolveram em certa noite explorar o fundo da cisterna. Para o que desse foram convenientemente preparados com enxadas alferces, barras, luzes e... agua benta.

Sairam ao anoitecer. A' proporção que se aproximavam do castello ia arrefecendo o ardor dos empresarios. Um d'elles, que levava uma espingarda de fuzil ou pedreneira, largou-a quando começou a subir a ladeira do castello. Ia na frente o que levava a agua benta.

Começaram os trabalhos, colhendo umas moitas secas que obstruiam a boca da cisterna. Este serviço, na

calada da noite, produziu-lhes certa commoção ; por isso, quando quizeram amontoar os ramos seccos, fizeram estes uma *ramalhada* tal que parecia uma cousa horrivel. O da agua benta largou a caldeirinha e poz-se a correr em carreira aberta serro abaixo ; os compa-nheiros imitaram-n'o, e quando se reuniram em certo ponto estavam convencidos de que o som da *ramalha-da* era nem mais nem menos o ranger dos dentes dos mouros encantados !

E vejam como o nosso povo está muito adiantado !



## A moura de Faro

### XV

Faro é hoje a capital do Algarve. No tempo em que os sarracenos dominavam n'esta provincia era Faro de pouca importancia, comparada com Silves ou Tavira.

D. Affonso III tomou o castello de Faro em 23 de fevereiro de 1249.

Um cronista antigo, referindo-se a este successo, diz o seguinte :

« Puzerão dom affonso e o mestre da ordem ho arraial sobre farão e repartirão seus combates d'esta maneira ho combate de El-Rei dom Affonso foi no castello e hum lanço da villa athe uma porta que ora chamão das freiras e ho combate do mestre d'este lanço athe á porta da villa e mandou ElRei hum rico homem

que havia nome dom pero asquerenho com otro lanço do muro athe uma torre que depois chamarão de João de boim e este João de boim tinha outro lanço da torre ate ho combate do alcacere de ElRei afora estas capitánias erão ahi otros com elle conven a saber dom fernão loppes prior do hospital e ho mestre de aviz e ho chanceller mór dom João soares e egas lourenço e por esta guiza tinha ElRei combatido a villa mui fortemente de dia e de noite e mui poucas vezes lhe davão lugar e tomoulhe ElRei o mar com a frota e atraveçou lhe no caminho do rio navios grossos mui bem armados e ancorados da parte de fora excontra o mar porque se algumas gallés de móros viessem que lhe não podessem fazer nojo e lhes fosse embargada a parte do rio e asi ficou o loguar todo cercado ao redôr. »

Em virtude d'este bloqueio reconheceram os mouros que lhes era impossivel o soccorro por mar e por isso resolveram fazer avença com el-rei, obrigando-se este a respeitar-lhes as cazas, as vinhas, as herdades e bem assim a defendel-os dos seus inimigos tanto estrangeiros como mouros, e obrigando-se aquelles a pagar ao rei o mesmo fôro que em todas as cousas pagavam ao Miramolim de Marrocos.

E' assim que a historia nos relata a tomada de Faro; a lenda, porém, encarrega-se de criar um novo elemento que principalmente contribuiu para o feliz exito do nosso monarca.

Diz a lenda :

✱

✱

✱

Parte das forças, que atacaram o castello de Faro, fôra collocada no largo actualmente chamado de S.

Francisco, e estas forças eram commandadas por um brioso official, robusto e formoso rapaz, solteiro. Este official pôde vêr em certa occasião a formosa e gentil filha do governador mouró e d'ella ficou namorado. A presença agradável e o aspecto belicoso do nosso official não passaram despercebidos à moura, e esta, em breve tempo, estava em relações amorosas com o valente official, por intermedio de um seu escravo, também mouro, e que conhecia perfeitamente as linguas portugueza e sarracena.

Em certo dia conseguiu o official que a sua namorada o recebesse em curto *rendez-vous* dentro do castello, combinando-se que o mouro intermediario lhe abrisse, alta noite, a porta, hoje da Senhora do Repousa. Antes da noite dirigiu-se o official a alguns dos seus camaradas e disse-lhes:

— Espero entrar n'esta noite dentro do castello pela porta do nascente. Se não voltar, depois de pequena demora, é porque caí n'um laço bem urdido; e então peço-lhes que se o castello fôr tomado e lhes venha às mãos a filha do governador a poupem e a não maltrattem. Certamente ella não contribuiria para tal traição.

Prometteram-lhe os camaradas cumprir as suas ordens, depois que reconheceram a impossibilidade de o demover da sua empreza.

A' hora marcada entrou o official no castello e ahi em dôce colloquio se entreteve com a dama dos seus encantos. A' hora de sair, acompanhou ella o seu querido namorado até à porta do castello, levando consigo um irmão, criança de oito annos.

Quando se aproximaram da porta, disse-lhes o escravo, que da parte de fóra estava muita gente, pois



que mais de uma vez lhes chegavam aos ouvidos vozes abafadas. A gentil moura estremeceu.

— Não tenhas medo: respondo pelos que estão de fóra, disse o official á moura, dando-lhe o beijo da despedida.

N'este momento o criado destrancou a porta, fazendo pequeno arruido. Então foi a porta impellida de fóra para dentro com muita força e um grupo de soldados christãos, n'uma vozeria de estontear, começou a gritar pelo seu official. A este impulso gigantesco, o official recuou um passo e susteve nos braços a sua gentil moura, collocando-a sobre os hombros e dizendo em voz alta:

— Para traz, para traz: estou aqui.

Já a este tempo soava por todo o castello a voz de alarma. Armados até aos dentes affluiram os defensores á porta do nascente. O official, segurando nos braços a moura gentil, viu-se em imminente perigo. Avançou para fóra com a moura, e, quasi ao transpôr a porta, hoje conhecida pela da Senhora do Repouso, notou que tinha nos braços não uma formosa joven, mas apenas uns farrapos, que se desfaziam á mais pequena e leve aragem. Olhou ao lado pela criancinha e não a viu. Então teve a profunda e tristissima comprehensão da sua desgraça. Caiu no chão sem sentidos.

Passadas horas tornou a si o official e viu-se deitado na sua cama sob a barraca de campanha. Tinha ao seu lado um camarada, de quem era amigo intimo.

— Quem me trouxe para este logar? perguntou.

— Não fales porque te faz mal. O físico prohibiu que falasses.

— Eu estou bom, disse o official, erguendo-se de um salto. Quem me conduziu para aqui?

— Eu e os nossos camaradas. Estavas caído entre a porta do castello.

— E a filha do governador?

O amigo nada lhe soube dizer da filha do governador. Contou-lhe que, tendo esperado com alguns camaradas a sua saída do castello, tinham resolvido entrá-lo á força, suppondo que o teriam morto, e que o governador ousado acudira com suas numerosas forças a rechassara a pequena força portugueza. N'esse momento acudiram as forças do Mestre e de D. João de Aboim e os mouros tinham sido forçados a entregar o castello, mediante uma avença com o rei D. Affonso.

O official saiu da barraca e pediu ao amigo que o deixasse. Dirigiu-se á porta do castello. Ao entrar pelo Arco da Senhora do Repouso viu do lado esquerdo a cabeça de uma criança que se assomava por um boraco.

— O que fazes ahí, menino? perguntou o official, conhecendo o irmão da sua namorada.

— Estamos aqui encantados: eu e minha irmã.

— Quem vos encantou?

— O nosso pai. Soube por um espia que levavas nos braços a minha irmã acompanhada por mim, e, invocando Allah, encantou-nos aqui, no momento em que transpunhas a porta. Por atraçoarmos a santa causa do nosso Allah aqui ficaremos encantados.

— Por muito tempo?

— Enquanto o mundo fôr mundo.

O official, um valente, não pôde sustentar as lagrimas. Quiz ainda perguntar á criança pela irmã, mas a criança desaparecera.

Nunca mais ninguem viu o official rir. Terminado o cerco, pediu licença ao rei e recolheu-se a um convento, onde professou, adotando outro nome.

\*

\*

\*

Nem todos os mouros acceitaram de boa vontade a avença feita entre o rei D. Affonso e o governador do castello: uns, intransigentes em materia de religião, auxiliados pelos que se achavam possuidos do odio de raça, largaram o castello e foram reforçar os defensores dos castellos de Loulé e de Albufeira; outros fingiram transigir, emquanto não conseguiam meios de se transportar para Marrocos; outros ainda ficaram em Faro, não por amor da avença, mas porque ali tinham as suas propriedades e todos os seus gados. Os que foram reforçar os dois castellos, esperançados n'um melhor futuro, dependente dos auxilios que esperavam do Miramolim de Marrocos, encantaram as suas familias em Faro, esperando a monção do seu desencantamento.

Além do mourinho que por muitos seculos tem continuado a apparecer no Arco do Castello da Senhora do Repouso, e da moura, sua irmã, muitos outros mouros tem apparecido n'outros logares.

No baluarte chamado a *Meza dos Mouros*, ao sair da porta falsa do castello, tem sido vistos á meia noite esses seres desditosos, que, ao mesmo tempo que inspiram compaixão aos mais doridos, causam medo aos mais fracos e supersticiosos.

Em uma casa da rua da Parreira apparecem á meia noite, que é sempre a hora fatal, mouros encantados, que tem dado que fazer aos vizinhos e moradores da mesma rua.

Em S. Antonio do Alto tem sido vistos mouros e mouras, tambem encantados, como mais adiante terei occasião de referir.

Em certa occasião de uma bonita manhã de primavera, ha já muitos annos, dirigia-se uma pobre lavadeira com a sua trouxa de roupa para o lavadouro, viu duas esteiras de bellos figos de *comadre* expostos ao sol. Não se espantou a lavadeira de ver figos ao sol, porque em Faro e em todas as mais terras do Algarve é isso muito vulgar, mas estranhou realmente vel-os ali em epoca que não era a propria. Cubiçou-se dos bellos figos e tirou da esteira alguns que metteu n'um bolço, sob o vestido, por cima do saiote, a que o povo deu o nome de *patrona*.

Concluida a lavagem da roupa, voltou a lavadeira para sua casa e não mais se lembrou dos figos durante o dia. Ao deitar-se lembrou-se dos figos, e tirou-os da *patrona*. Ficou então profundamente surprehendida: em vez dos bellos figos encontrou-se com ricos dobrões em ouro. Não dormiu durante toda a noite, pensando que ali andava o poder occulto da moura encantada. Logo que amanheceu, ergueu-se da cama e resolveu ir ao lugar onde vira as esteiras com os figos. Já os não viu. D'ahi em diante, a todas as horas do dia e da noite, ali ia na esperanza de encontrar os apetecidos dobrões e nunca mais se repetiu o feliz encontro.

Em outra occasião certo marítimo, morador em uma das ruas de Faro, ergueu-se da cama muito cedo, para entrar numa barca, que estava no rio junto da velha porta, embora hoje conhecida pela Porta Nova, ao lado do Seminario. Teve de passar ao Arco da Senhora do Repouso. No momento em que caminhava em frente da capella da Senhora viu elle um rapazito, vestido á moura e com um gorro encarnado na cabeça.

Ficou o marítimo assustadissimo com este encontro.

Lembrou-se então de ter ouvido falar constantemente no apparecimento de mouros encantados.

O mourinho, porém, de aspecto insinuante, chamou o marítimo.

— O que me queres ? perguntou o marítimo n'aquelle tom de voz rude e franco, proprio dos homens do mar.

— Mostrar-lhe o meu palacio, respondeu a criança.

— Por onde se entra para o tal palacio, pois que não vejo a porta ?

— Por esta, respondeu a criança, apontando para o baixo do altar da Senhora, e apparecendo então uma porta aberta.

O marítimo ficou tão assustado que poz-se de corrida, pedindo mentalmente o auxilio de todos os santos da corte celeste. Quando chegou á Porta Nova caiu sem sentidos.

Effectivamente corre pela tradição que o referido mourinho tem por costume convidar os transeuntes a entrar no seu palacio. Uns approximam-se, mas não ousam acompanhar a criança, logo que a porta se abre ; outros, mais atrevidos, acompanharam o mourinho, entrando pela celebre porta, e, seguindo um corredôr subterraneo, chegaram afinal a um palacio, que é verdadeiramente um palacio encantado. Tudo ali é de ouro, a começar logo pelos degraus, que lhe dão entrada. Nunca ainda fôra vista criança tão franca. Instava constantemente que tirassem d'ali o que quizessem. Alguns contentavam-se apenas com algumas peças de ouro, e outros até trouxeram cá para fôra boas barras do mesmo metal. Causa notavel ! quem ali entra uma vez, não torna a ser convidado a entrar segunda vez. O mourinho lá tem as suas razões.

E a noticia do apparecimento d'estes seres a diversas pessoas tem sido transmittida de longa data até hoje. Quando estudei preparatorios no lyceu de Faro, rara era a pessoa a quem eu falava de mouras encantadas que a proposito me não contasse um grande numero de casos. De muitos me esqueci completamente, de outros apenas conservava poucas reminiscencias, hoje avivadas por alguns amigos d'aquella cidade.

Não é porém sómente na cidade que ha mouros e mouras encantadas.

\*  
\*                  \*

Ao nascente de Faro ergue-se um outeiro onde se acha erecta a capella de Santo Antonio do Alto.

Não é para aqui fazer a descripção do lindo panorama que se admira do alto d'aquella capella. O «deslumbrante panorama em que resalta o relevo de todos os matizes do pittoresco» é trabalho de pulso mais firme. O illustre escritor, que empreheendeu esse trabalho, de que se desempenhou com a habilidade de um mestre, seria o primeiro a levar a mal que um *desconhecido* o viesse substituir em tal faina.

A nascente do outeiro de Santo Antonio do Alto, e logo em baixo, ha uma funda planura, por onde em epochas remotas deslisou um rio, hoje denominado o *Rio Secco*. Por este rio entrava a maré quasi até Estoy, e n'elle havia grandes esteiros, aos quais *Rasis* ou *Rhas*ses, escritor notavel do seculo X, e que, pelo seu muito estudo, chegou a perder a vista, chamava ilhas, e hoje ainda apparecem junto da barra. Ora é exactamente n'este plano occupado actualmente pelo *Rio Secco*, on-



de se acham encantados muitos mouros, que ali ainda existem, preferindo a vida subterranea á vida sobre o nosso planeta. E chego a suppôr que elles tenham razão. O mundo exterior é tão fertil em enganosa ! . . .

Em uma noite de primavera, alguns dias depois da tomada do castello de Faro, passava um christão mui proximo do hoje chamado o *Rio Secco*, ouviu elle umas vozes tristes, proferidas mansamente. Era meia noite e recebeu-se o christão de alguma cilada. Parou e poz-se a escutar, esforçando-se em distinguir uns vultos, d'onde suppoz vinham as vozes. Em poucos momentos percebeu que eram um mouro e uma moura. Aquelle apparentava os seus quarenta e oito a cincoenta annos : a moura era uma jovem, de joelhos, em attitude de quem supplicava. O homem, n'uma expressão de angustia, dizia :

— Não pôde ser, filha minha : aqui ficarás encantada.

— E por muito tempo, querido pai ?

— Até que esta nora, dentro da qual mandei construir o teu palacio, seja esgotada a baldes, successivamente e sem intervalos.

E ao mesmo tempo que proferiu estas palavras, fez uns sinais cabalisticos e levantou os olhos para a lua, que descrevia o seu giro na amplidão dos ceus.

A jovem depois d'estes sinais não proferiu palavra alguma e deixou-se lançar ao fundo da nóra, sem proferir um ai.

O mouro desapareceu em um momento, sem que o christão podesse notar a direcção que elle tomara.

No dia seguinte voltou o christão áquelle logar e viu então a nora, cujo engenho mourisco era muito velho e usado.



Tratou logo de indagar a quem pertencia a nora e o terreno, e comprou-os por bom preço. Mandou construir ao lado uma cabana de junco e para ali transportou alguns moveis. Passados dias começou o homem, convenientemente auxiliado por um grande balde, a trabalhar no esgoto da nora. N'aquella faina trabalhou horas e horas sem interrupção, dia e noite. Quando no fundo da nora era já tão pouca a agua, que nem enchia o balde, descen agarrado a uma corda. Apenas sentou os pés no fundo, appareceu-lhe uma grande serpente, que saíra de um buraco que communicava para a nora. A presença do bixo foi o bastante para elle se encher de horrivel panico e, sem tratar de saber se o animal vinha com más intenções, subiu pela mesma corda, e saltou para fóra da nora. Nunca mais ali voltou; soube, porém, dias depois, que a nora estava completamente intupida, porque as suas paredes tinham caído, e que a cabana, por elle construida, fóra queimada em certa noite.

D'ahi em diante começou toda gente a falar do apparecimento de uma moura encantada n'aquelle lugar, apparecimento que ainda hoje ali se repete, pois que actualmente foi reconstruida a nora que me dizem fazer parte de uma horta do senhor Joaquim Ascenção,

Em outra occasião estava um hortelão á espreita das lebres e coelhos que vinham á sua horta roer nas alfaces, quando ouviu umas conversas de pessoas ali perto. Era tambem noite alta, pois que a esse tempo ouviu as pancadas do sino do relógio da cidade, annunciadoras da meia noite. O facto que vou narrar deu-se ainda no tempo em que D. Affonso III estava em Albufeira em grande namoro com a filha do governador mouro d'aquella villa.

Reparou o hortelão cautellosamente nas pessoas que conversavam e conheceu perfeitamente que eram um mouro e uma infeliz moura.

— Perdoa-me, pai! exclamava a jovem em soluços.

— Não posso, filha minha, e Allah sabe com que pena te aplico tão duro castigo.

E ao mesmo tempo começou a fazer sinais sobre a cabeça da filha, pronunciando umas palavras inintelligíveis e dizendo no fim:

— Aqui permanecerás encantada até que duas pessoas de sexo diverso amassem filhozes com a agoa d'este rio, na vespera de S. João, e aqui as venham comer depois de mutuamente se terem atirado á cara com as mesmas filhozes. (sic.)

E o mouro dizendo estas palavras atirou com a filha ao rio, lançando em seguida uma enorme caixa cheia de dinheiro.

Este rio, do que reza a lenda, é o mesmo hoje conhecido pelo *Rio Secco*, o que faz crer que n'aquella epoca ainda se não tivera seccado de todo.

Na proxima vespera de S. João o hortelão e sua mulher, embora a esta fossem desconhecidas as intenções do marido, amassaram as filhozes com a agua do rio, e junto do logar do encantamento comeram as filhozes depois de se terem mimozado com as mesmas, que mutuamente atiravam á cara um do outro.

Quando acabaram de comer as filhozes, appareceu-lhes uma linda mulher, vestida de moura que lhes agradeceu reconhecidamente o seu desencanto, desaparecendo immediatamente.

Então o homem, que sabia nadar, atirou-se ao rio, e do fundo transpoz para terra uma caixa cheia de dinheiro em ouro.

Estes dois casos, que me foram contados por uma senhora d'esta villa, já eu os ouvira no meu tempo de estudante de preparatorios, embora então não soubesse qual fora o processo do desencanto.

Esta ultima desditosa teve a fortuna de encontrar pessoa que cumprisse á letra os perceitos do desencantamento; quantas, porém, não permanecem ainda hoje encantadas?

Contou-me a mesma senhora que na mesma horta ainda ali permanecem encantadas duas irmãs e o filhinho de uma d'eilas. Uma das mouras chama-se Aliria e a outra Thomasina. Talvez estes dois nomes sejam a corrupção de outros nomes arabes. Estas duas mouras costumam a apparecer sob formas diversas. Já houve quem visse uma sob a figura de serpente e a outra sob a fôrma de uma enguia. Quasi sempre apparecem sob a figura humana, trazendo uma nos cabellos um lindo brilhante. Dizem as pessoas entendidas n'estes asuntos, que o brilhante representa o filhinho encaniado.

Por estes e outros casos semelhantes o *Rio Secco* é hoje tido e havido como a principal séde do mouros e mouras encantadas nos arredores de Faro.

Estas lendas vão desaparecendo da memoria do nosso povo, porque hoje atravessamos uma epoca mais positiva.

\*

\*

\*

O illustre auctor do livro, *O Algarve*, o sr. Julio Lourenço Pinto, mencionando o facto historico da avença feita entre D. Affonso III e os mouros de Faro, por occasião da tomada do castello, continúa:

« A este facto historico, porém, contrapõe-se a antiga tradição de que a tomada resultou da traição de uma moura que, para vindicta de qualquer agravo, abriu de noute uma das portas do castello aos sitiadores. E o certo é que ainda hoje existe na porta da muralha, fronteira ao rio, uma porta falsa, chamada da *Traição*. »

Effectivamente aos mouros e christãos que desconhecaram os factos, se afigurou traição da filha do governador o ter aberto a porta do castello, mas traição não houve realmente, como a lenda affirma.

Não sei explicar o facto de ser chamada porta da *Traição* á fronteira ao rio, quando a lenda affirma ter sido aberta na noite memoravel a porta a nascente, da Senhora do Repouso; mas avanço uma conjectura que talvez exprima uma verdade. D. Affonso III, reconhecido aos serviços prestados pelos christãos que entraram pela porta do nascente, mandou construir junto da mesma porta uma capella com a invocação da *Senhora do Repouso*, e é muito possivel que combinasse transferir o nome odioso para a outra porta, visto que aquella tinha junto de si um monumento religioso, uma capella.

Talvez o guerreiro monarca, na fundação d'aquella capella, quizesse ser agradavel ao seu valente official, dando a este monumento o titulo do *Repouso*, visto que ali repousava encantada, por seculos sem fim, a querida namorada do mesmo official. Quem sabe? Quem pode hoje resolver tão difficil problema?

## O encantamento de Estoy

### XVI

São hoje concordes os nossos escritores em afirmar que a actual povoação de Estoy está construída no local da antiga Ossonoba.

Todos os antigos geógrafos da mais clássica antiguidade que descreveram as margens litorais da Lusitânia dão noticia da velha cidade de Ossonoba na costa da Turditanea. Pomponio Mela, escriptor latino, descrevendo o promontório *Cuneo*, (Cabo de Santa Maria) nomêa, entre as povoações que lhe eram sujeitas, *Myrtilis*, ou Mertola, *Balsa* ou Tavira e *Ossonoba*. Plínio, Ptolomeu, Estrabão e Abrahão Ortolio seguem a mesma opinião. N'este accordo estão ainda diversos autores de nomeada, portuguezes e estrangeiros. (7)

De variado modo escreveram os antigos o nome da velha cidade. E' por isso que nos não deve causar reparo encontrar nos escritores antigos os seguintes nomes: Ossonoba, Exonoba, Ossanaba, Oxonaba, Ossonobaba, Onobia, Listuria, ou Onoba-Listuria, Lisano-bal, Glusanobaal, Exuba, Exubana e Aestuaria. Este ultimo nome, no dizer dos antigos geógrafos, resultou da configuração fisica do grande esteiro mencionado pelo antigo escritor Rasis, medico do decimo seculo, cujo esteiro seguia na baixa do sitio hoje chamado *Rio Secco*, a nascente de Santo Antonio do Alto, por onde entrava a maré até Ossonoba, formando no seu decurso pequenas ilhas. E foi de Aestuaria que se derivou Estoy.

O nosso André de Rezende, copiando Rasis ou Rhases, diz que Ossonoba estava situada em terrenos férteis, abundantes de agoa, e era banhada por um rio, que hoje desapareceu por virtude de alguma revolução geologica.

Em Estoy teem sido descobertos bastos elementos que demonstram ter ali sido a séde da velha circunscrição ecclesiastica antes de Silves. Quando os arabes se estabeleceram na nossa provincia aproveitaram-se das ruinas de Ossonoba, e foram reconstruir com ellas a cidade de Faro, que transformaram em uma florente republica, na opinião do auctor do *Santuário Marianno*.

Expulsos os mouros da nossa provincia, no tempo de D. Affonso III, ficaram em Estoy os sinais do seu dominio representados pelas lendas. Alguns escritores até affirmam que os indícios mais evidentes do dominio mourisco estão representados nas proprias ruinas de Ossonoba, pois affirmam que elles a arrazaram e destruíram.



Entre as lendas que correm na provincia relativas a encantamentos ou mouras encantadas, apurei a seguinte, que me foi transmittida por um cavalheiro de S. Braz de Alportel.

\*

\*

\*

Haverá uns cento e quinze annos residia em S. Braz de Alportel um almocreve chamado José Coimbra. No desempenho da sua profissão, dirigia-se em certo dia para Faro, quando no sitio do Milreu, assaz conhecido pelas preciosas escavações n'elle feitas sob a vigilancia do benemerito algarvio, Estacio da Veiga, lhe appareceu subitamente uma formosa moura, vestida de azul, com os seus cabellos soltos em ondeadas madeixas. No seu olhar dôce e ingenuo manifestava uns olhos azues, que pareciam reflectir o proprio ceo.

José Coimbra ficou surprehendido e não pôde articular uma palavra. Ouvira dizer aos seus pais que n'aquelle sitio, distante de Estoy uns duzentos metros, apparecia uma moura encantada, e elle nunca dera credito a tal apparição.

A moura, de uma bondade extrema, e sob a apparencia de um anjo, convidou José Coimbra a acompanhala.

O almocreve, de boa ou má vontade, acceitou o convite. Então a moura bateu com o seu pequenino pé no solo por tres vezes, acompanhando estes movimentos com a leve pancada da vara magica, e ao mesmo tempo abriu-se uma porta, pela qual ambos entraram, descendo em seguida uma escadaria do mais puro e fino porfido. Em poucos momentos viram-se n'uma ampla sala de paredes e columnas de ouro macisso.



José Coimbra ficou pasmado de tanta riqueza ! E elle então que nunca lera as descrições dos palacios encantados das *Mil e Uma Noites*.

Em breve, porém, saiu d'este pasmo quando viu acorrentados a cada um dos dois cantos da sala um leão e uma serpente. O seu primeiro movimento foi de profundo susto, mas depois pensou que, sendo tudo o que via verdadeiramente extraordinario, devia manter o seu socego de espirito. E ficou socegado.

Então a moura falou-lhe assim :

— Se quizeres trocar essa vida arrastada que levas pela vida da opulencia e ser possuidor d'este vastissimo palacio, onde o ouro é ainda assim o que menos valor tem, só de ti depende.

— O que tenho de fazer ? perguntou o almocreve, prelibando os gosos da opulencia, não desviando os olhos dos bichos.

Sem responder directamente á pergunta, disse a moura :

— Apenas tres condições te imponho : consentires em ser tres vezes engolido e tres vezes vomitado pelo meu irmão : tres vezes serás depois abraçado por minha irmã, ficando o teu corpo ulcerado nos pontos em que ella se enroscar ; e depois de tudo isto consentires ainda que eu te oscule a fronte, tirando-te os santos oleos, que recebeste no baptismo.

José Coimbra, fingindo o socego de espirito que não tinha, limitou-se a perguntar onde estavam o irmão e a irmã da moura. Esta, apontando para o leão disse : é o meu irmão ; e voltando-se para a serpente respondeu : é a minha irmã.

Então o almocreve, sob pretexto de pensar maduramente nas condições impostas, respondeu que breve-

mente voltaria ao lugar, onde se tinham encontrado, a dar-lhe a resposta. A moura não só se não mostrou contrariada com a resposta, mas até o convenceu de levar consigo duas barras de ouro.

José Coimbra accceitou a offerta e saiu do palacio acompanhado da formosa moura.

Quando o pobre homem chegou a casa escondeu as duas barras de ouro onde a mulher nunca as podesse encontrar, e occultou a toda a gente o que lhe tinha acontecido.

E' escusado dizer que o almocreve nunca mais pensou em voltar ao palacio encantado. Muitas noites sonhou que se via engolido e vomitado pelo leão, e outras vezes que se via abraçado pela serpente e beijado pela moura, e então punha-se a gritar, sendo necessario que a mulher o accordasse e o livrasse d'aquillo a que elle chamava o seu *pezadelo*.

Passados alguns annos começou José Coimbra a sofrer os effeitos de uma grande crise economica. Os negocios corriam-lhe mal, longas estiagens tinham arruinado os campos, e a fome com todo o seu cortejo de horrores começou a bater rijo ás portas do pobre almocreve.

Então lembrou-se que podia vender na feira de Villa Viçosa, no Alemtejo, as duas barras de ouro.

Cousa notavel ! A' medida que José Coimbra acariaciava a ideia de vender as barras, ia sentindo offuscar-se-lhe a vista, começando por sentir apenas umas nevoas nos olhos, e a breve trecho estava completamente cego.

Desgraça sobre desgraça : pobre cego !

Consultou o infeliz os medicos mais acreditados, que, infelizmente, não descobriam o remedio efficaz para de-

bellar a horrivel ophtalmia ; consultou os barbeiros, que tiveram a habilidade de aggravar a doença, e, afinal, tendo ouvido dizer que a Faro tinham chegado do estrangeiro dois medicos de fama, resolveu consultal-os.

A mulher do infeliz e alguns vizinhos ajudaram-n'o a montar em uma jumenta, e lá vai o pobre cego, acompanhado de sua mulher, até Faro em procura da vista perdida !

Chegados ao sitio do Milreu, precisou o infeliz de desmontar, e, enquanto a mulher com a jumenta pela arreata se dirigia a uma casa ali proxima, elle saiu da estrada alguns passos. Então appareceu-lhe novamente a moura, que elle conheceu pelo timbre da voz. Increpou-o de falta de palavra, por não ter levado a resposta promettida.

— Por isso, continuou ella com a voz um pouco alterada, estás soffrendo os terriveis effeitos, e sabe mais que se te poupei a vida foi porque não caiste em divulgar o meu segredo e dos meus pobres irmãos.

O almocreve mal ouviu a moura falar nos *seus pobres* irmãos, poz-se a tremer.

A moura, porque nada lucrasse com a infelicidade do almocreve ou porque se condoesse do estado desgraçado d'aquelle pobre, abrandou a voz e disse :

— Vai para casa. Amanhã, antes do sol nado, senta-te á tua porta, porque no momento de nascer o sol, os teus olhos darão dois estalos, como duas amendoas duras, e então começarás a ver : primeiramente as casas fronteiras do padre José Dias e as gaiolas com os seus lindos canarios dependuradas na parede, e depois os bellos campos que circundam a povoação.

Ficou o cego satisfeito com este conselho e poz-se a chamar a mulher, logo que se encontrou sosinho.

Acudiu a mulher e veio acompanhada do dono da casa para a ajudar a pôr o marido sobre a jumenta.

— Resolvi voltar para casa, disse o cego.

— Pois não queres consultar os medicos?

— Não. Quantas mais consultas peor me encontro. Estamos pobres e não quero deitar á rua o ultimo dinheiro que possuo.

E ambos voltaram para casa.

No dia seguinte, muito antes do sol nado, ergueu-se o infeliz almocreve da sua cama e pediu á mulher que o acompanhasse á porta da rua.

— Para que te levantas tão cedo, homem?

— Quero sentar-me sobre o portal, ouvir os cantos dos passarinhos, já que os não posso ver, e aspirar a dôce e suave fragrancia das rozas.

A mulher acompanhou o marido arrumado ao seu bordão, e sentou-o sobre o portal, emquanto ella varria a casa.

Apenas nasceu o sol, foram tão fortes os dois estallos annunciados pela moura que a mulher, na supposição de que o marido andava á bordoada com as pedras da calçada, começou o gritar do interior da casa aconselhando ao marido juizo e prudencia.

Em resposta o marido deu dois enormes gritos, exclamando:

— Vem cá, mulher . . . vejo o sol, as casas do padre José e a gaiola dos canarios.

E era verdade. Cheia de alegria por ver o marido com os seus olhos limpos de nevoa poz-se a abraçal-o.

Não diz a lenda se o almocreve tornou a passar pelo sitio do Milreu, mas muita gente affirma que ainda hoje apparece a moura desditosa á espera de quem a desencante e aos seus irmãos.

\*

\*

\*

Em *Guelhim*, sitio da mesma freguezia, bem como em *Alcaria Velha* e *Nova*, existem varias lendas de mouras encantadas, mas, não obstante empregar todos os meios, não obtive nenhuns esclarecimentos.

A freguezia de Estoy mantem em tanto recato as suas lendas que nem ainda o cavalheiro d'aquella localidade a quem incumbi a missão de descobrir algumas se dignou responder ás minhas cartas.



## Os mouros de Alportel

### XVII

Não obstante a carencia quasi completa de lendas de mouros encantados na freguezia de S. Braz d'Alportel, é certo que esta freguezia tem sitios que se assinalaram no tempo dos mouros, por factos historicos ou por denominações mouriscas, chegadas até hoje.

Entre os sitios de primeira classe mencionarei o do *Desbarato*, entre S. Braz e Santa Catharina da Fonte do Bispo. Houve ali um forte combate entre os sarracenos e os christãos e que um cronista quasi contemporaneo descreve pela seguinte forma :

« ... e loguo os moros forão em hum acordo e todos se trabalharão defender sua terra e quando os moros de farão e tavira e dos termos em redôr souberão que



o mestre (D. Paio) hera sahido de cacella a correr pelo algarve mandarão dizer aos moros de loulé que no dia seguinte focem com elles para todos terem ho caminho ao mestre e pelleijarem com elle e forão dormir a hum luguar onde chamão o *desbarato* contra a serra e o mestre deitou parte e passou de noite por loulé que o não sentiu ninguem e indo pelo caminho direito que vem para tavra as suas escutas que vinhão adiante sentirão os mouros que ali jazião e ali se deteve o mestre e não quiz andar e jouverão ali toda aquella noite... e depois que foi a noite gastada... começa entre elles uma *forte* pelleija e cada um se defendia mui bem que nenhum tornava atraz e durando así a batalha por um grande espaco de tempo os moros não poderão soffrer os Chrisptaons e começarão a fugir morrerão muitos d'elles em esta pelleija. »

Nas tradições dos sitios do *Desbarato* e limitrofes não encontrei referencias a este combate.

Ha na mesma freguezia um sitio denominado a *Fonte do Mouro*. Chamei a attenção de um illustre cavalheiro para a lenda que corre n'esta villa de Loulé referente aquelle sitio, e não obstante envidar os seus exforços nada ali encontrou. A lenda alludida e que me foi contada por uma das velhinhas de Loulé consiste em que ficara encantada no fundo da fonte, onde ha um palacio, certa moura muito rica, que tem ao lado do seu leito de ouro doze alcofas de diamantes e brilhantes.

Na mesma freguezia ha ainda dois sitios, a *Mesquita Alta* e a *Mesquita Baixa*, onde tambem o meu alludido amigo não encontrou vestigios de lendas e o mesmo succede respectivamente a Alportel, nome de origem sarracena.

É possivel que as lendas referentes áquelles sitios



se não achem completamente obliteradas. Notei entre as diversas pessoas que consultei a este respeito uma visível repugnancia em narrar as lendas. Attribuo essa repugnancia a duas causas: o receio de cair no ridiculo, pois que a epoca actual rasga tudo que lhe cheira a antiguidades, e o receio de magoar os desditosos encantados com a revelação das suas infelicidades.

Quando comecei na averiguação das lendas tive momentos de largar da mão este trabalho. Euchi-me de paciencia e fui para diante. Felizmente tive ao meu lado alguns collaboradores que se compenetraram da utilidade do assunto, e um d'estes foi o cavalheiro encarregado de colligir as lendas respeitantes a esta freguezia, freguezia de Estoy e á freguezia de Querença.

No logar competente e quando tenha completa a minha colleção mencionarei individualmente cada um d'esses bons amigos, que muito me auxiliaram n'este trabalho, animando-me a levar a minha cruz até o Calvario.





## A moura de Olhão

### XVIII

A villa de Olhão é muito moderna. Em 1808 conquistou o titulo honrosissimo de *Villa Nova da Restauração*.

No tempo dos mouros existiam espalhadas por todo aquelle sitio muitas cabanas de pescadores. Crê-se que estas cabanas representavam então as ruinas de antiga cidade. Tudo leva a crer que em tempos longinquos, talvez anteriores aos romanos, por ali estivessem construidas grandes povoações. O *Torrejão*, nas proximidades da villa, e as torres erguidas n'aquelle espaço de terreno até Cacella, convencem-me de que a raça dos Cuneos affirmou ali a sua civilisação.

Deixarei de parte o estudo de antiguidades, talvez escondidas para sempre aos olhos dos mortais, para en-

trar na exposição das lendas de mouras que ainda hoje ali correm.

\*  
\*      \*

No sitio do *Moinho do Sobrado*, nas proximidades de Olhão, no mesmo lugar onde hoje existe um armazem pertencente ao senhor Fonseca, havia antigamente, uma casa, a cuja janella apparecia, alta noite, uma formosa mulher vestida de branco.

Não obstante ninguem se atrever a passar por ali, de noite, havia um sujeito, que se embriagava muitas vezes, e então abria a sua porta quasi em frente da outra e deitava-se na rua sem receio. A mulher de branco aproximava-se do bebedo, fazia-lhe meiguices, e até se sentava algumas vezes a seu lado.

Certo individuo animoso quiz um dia, ou antes uma noite, averiguar este caso extraordinario e para esse fim aproximou-se da mulher e perguntou-lhe quem era.

— Sou a desditosa Floripes, respondeu ella n'uma expressão triste.

— O que faz por aqui?

— Sou uma pobre moura encantada. Quando a minha raça foi expulsa da provincia, viu-se meu pai forçado a sair sem poder prevenir-me. Eu tinha um namorado que tambem fugiu, e eu aqui fiquei sosinha, esperando a cada momento a vinda de meu pai para me levar consigo. Em uma noite esperava que algum barco mouro aqui chegasse, vi ao longe uma luz á prôa de uma embarcação. A noite era de tormenta, e a embarcação escangalhou-se de encontro aos rochedos. Não era meu pai que ali vinha: era o meu namorado,

que foi engolido pelas ondas. Soube meu pai em Africa d'este funesto acontecimento e vendo que lhe não era possível vir buscar-me, encantou-me de lá, servindo-se dos preceitos aconselhados pelas artes magicas.

Ficou o homem penalizado d'esta triste historia e logo pensou em pôr ás suas ordens os poucos ou muitos serviços, que elle lhe podesse prestar. N'este intento perguntou-lhe :

— E não ha algum meio de a desencantar ?

— Ha, ha, respondeu a moura.

— Que meio ?

— E' necessario que um homem me dê um abraço, á beira de um rio, e que me fira no braço contiguo ao coração. Logo que isto succeda, irei de pronto para o meu aduar, onde residem os meus parentes. Ha porém uma difficuldade.

-- Que difficuldade ? perguntou o sujeito, quasi resolvido a fazer as vezes de libertador da moura.

— O homem que me abraçar e me ferir tem de me acompanhar até Africa.

— Por muito tempo ?

— Por toda a vida, respondeu a moura, soluçando. Por isso ainda hoje estou encantada : ninguem se atreve a tanto.

O sujeito ouviu atentamente esta resposta e logo pensou que o sacrificio era realmente muito superior á sua boa vontade. Não quiz porém desenganar a moura e disse-lhe que ali voltaria em breve.

Não voltou.

E a moura continúa no seu encantamento. Ainda não ha dez annos que por ali ninguem passava, porque á hora fatal, á meia noite, apparecia a moura vestida de branco com os seus cabellos de ouro soltos aos ventos.

E' formosa a moura, mas o sacrificio exigido de quem a queira desencantar é muito grande.

Já tem sido vista em certas occasiões, sempre de noite, a conversar com um menino de gorro encarnado e olhos grandes. Este menino tem apparecido a muita gente de Olhão.

Seria o menino algum mouro que ali ficasse tambem encantado?

Ninguem sabe responder.

E todavia o menino e a moura apparecem muitas vezes, e toda a villa se sente estremecer, quando tem noticia de tal apparecimento.

Não é porém só este o caso extraordinario de mouras encantadas: ha outro e é o seguinte.

\*  
\*       \*  
\*

Ha em Olhão uma rua chamada de S. Bartholomeu. Passeando por essa rua, ha algum tempo, na companhia de um amigo, disse-me este:

— Anda em procura de mouras encantadas e de encantamentos, segundo me acaba de dizer, pois n'esta rua mora um sujeito que presenciou um encantamento.

— Como se chama esse sujeito?

— Manoel Caleça Branco. É um homem de setenta annos.

— Posso falar-lhe?

— Vamos vel-o.

Dirigi-me com o meu amigo a casa do sr. Manoel Caleça Branco e em breves momentos estava na sua presença. É um bom velho com a barba branca e de aspecto franco e aberto, como facilmente encontramos nos homens da sua profissão de pescador.

— Venho a sua casa no intuito de saber a verdade de um facto que lhe succedeu.

— Que facto ?

— Um encantamento que o sr. viu, quando ainda era criança.

— Bem sei, bem sei : tinha eu oito annos.

— Se não se incommoda, pôde contal-o ?

— Sim, senhor. Tinha oito para dez annos, andava eu brincando com os rapazes da minha idade ao jogo da bola, quando me appareceu um sujeito desconhecido. N'esta occasião os meus companheiros de brinquito tinham já retirado para suas casas.

O sujeito perguntou-me : queres brincar comigo ?

— Quero, respondi, apesar do sujeito ser um rapazola muito mais velho do que eu.

Começamos a brincar, mas vi logo que elle não pescava nada do jogo.

— Você não sabe d'este jogo, disse-lhe.

— Mas sei outros mais bonitos.

— Quais ?

— Põe-te em cima das minhas costas e verás.

Eu era animoso e escanchei-me immediatamente nas costas do sujeito. Não imagina: elle não andava, voava. Quando cheguei ao sitio, onde hoje corre a estrada do ramal novo, proximo á horta do Souzinha, elle parou e abriu-se na sua presença um alçapão por onde desce-mos a um palacio, que era uma verdadeira maravilha. Nunca vi tanto ouro. Ali me conservei por algum tempo até que lhe pedi que me trouxesse para minha casa.

— Sim, levo-te e tem a certeza de que já te não deixo. Andarei invisivel ao teu lado, sentar-me-ei á mesa contigo e contigo me deitarei.

Logo que cheguei a casa, contei tudo a meu pai, que



me disse tivesse cautella porque o tal sujeito não era cousa boa.

— E esse sujeito não lhe disse quem era ?

— Disse-me que era um mouro encantado.

— E não lhe disse de que modo podia ser desencantado.

— Disse-me, mas esqueci-me. Muita gente me tem feito igual pergunta.

— E sabe se elle o acompanhou por muito tempo invisivelmente ?

— Por algum tempo. Se minha mãe me punha ao almoço dois peixes um desaparecia immediatamente : era elle que m'o papava.

Olhei para o sr. Branco e disse-lhe :

— Parece-me que o sr. está brincando . . .

— Juro-lhe que é verdade o que lhe estou contando. Sou um velho e não costumo enxovalhar as minhas barbas brancas com mentiras.

— E essa companhia invisivel andou por muito tempo consigo ?

— Desappareceu, quando fui á confissão e communeguei pela primeira vez. Foi então que me senti desacompanhado; não quero affirmar que fosse exactamente n'aquella occasião.

— E não voltou ao palacio encantado ?

— Só se eu fosse tólo. Não tornei lá.

Sai da presença do pescador. Na rua disse ao meu amigo, o sr. Joaquim Soares Mascarenhas :

— O que diz a isto ?

— Sempre o tenho ouvido contar aquillo mesmo, e sempre com a maior convicção de que viu o que conta. Não sei dizer-lhe mais nada.

## Moncarapacho

### XIX

N'esta freguezia não ha uma lenda completa: tudo se reduz a referencias vagas de mouras encantadas e encantamentos circunscritos a certos logares da freguezia.

No começo do serro da Cabeça, ao lado do mar, existe uma cavidade cercada de pedras, uma especie de pequena sala, que vai communicar para um grande algueirão, denominado o *Abysmo*. Esta grande caverna tem diversas camaras e differentes ramificações.

Como o proprio nome indica, tem uma enorme profundidade, onde não chega a luz do sol, offerecendo a quem a visita um aspecto medonho e horrivel. Se os poetas da Grecia a visitassem, collocariam ali o palacio

da morte : aquillo não é apenas uma caverna é um inferno.

É tradição corrente entre os habitantes dos sitios vizinhos que aquella caverna se communica subterraneamente com o castello de Tavira, communicação de que faziam uso os mouros no tempo em que dominavam a provincia do Algarve.

Junto da caverna têm sido encontrados objectos de uma feição extranha, como machados de pedra polida e outros de origem neolithica, que os habitantes d'aquella freguezia consideram de origem sarracena. Estes objectos apparecidos uma ou outra vez têm sido attribuidos ao trabalho manual dos mouros que ficaram encantados depois da expulsão da sua raça.

No mesmo serro e não distante d'esta caverna, ha mais duas, cujas denominações são caracteristicas — *Ladroeira Grande* e *Ladroeira Pequena*. Não será talvez difficil procurar a origem d'estes nomes, sabendo-se que ali se acolheram em 1833 os faccinoras que assaltavam os pobres moradores dos sitios proximos, servindo aquelles dois antros de verdadeiras cavernas de Caco. No Algôz, povoação do concelho de Silves, ha, no sitio do Guiné, uma similhante caverna, onde por muitos annos se escondeu um grande criminoso conhecido pelo Diogo do Guiné.

Tambem a voz vaga affirma que n'estas estão encantados alguns mouros, fugidos do castello de Tavira, quando este foi tomado pelo grande D. Paio ; assim como tambem se diz que estas duas cavernas se communham subterraneamente com a grande caverna do *Abysmo*.

Existe entre o nosso algarvio a constante tradição que affirma communicarem se todos os castellos da

provincia entre si subterraneamente; e raro será encontrar algum d'esses grandes algueirões, cavernas ou furnas, que os habitantes dos proximos sitios não digam que se communicam com o castello mais proximo.

Como em quasi todas as freguezias do Algarve, onde apparecem tais cavernas, em a freguezia de Moncarapacho ha a opinião de que os mouros as habitaram em tempo, e que ainda hoje ali se conservam encantados. Para confirmar essa opinião contam-se diversas historias de individuos que foram surprehendidos de noite por aquelles misteriosos seres. As cavernas são para o nosso povo uma especie de mappa corografico dos sarracenos. Onde encontra uma cavernaahi lhe parece ver uma antiga residencia mourisca, que ainda hoje conserva como de refens um triste mouro ou uma formosa moura, mas encantados.

Não muito distante de Moncarapacho existe uma ribeira e n'esta um pego denominado o *Bum-bum*. As lavadeiras do povo costumam ir ali lavar a roupa, escolhendo local apropriado. Ha muitos annos foi ali uma lavadeira chamada Maria da Graça. Depois de ter lavado algumas peças de roupa, appareceu-lhe uma criança, vestida de encarnado e com nm gôrro da mesma côr.

A criança em vez de se aproximar da lavadeira foi sentar-se sobre a roupa já lavada. Indignou-se a pobre mulher com o procedimento do garoto e ameaçou-o; elle, porém, em vez de attender aos conselhos da mulher, começou a cuspir sobre a roupa lavada.

Desesperada do procedimento da criança, saiu á pressa da agoa e correu sobre ella. A criança, porém, tinha boas pernas, e safou-se com pasmosa agilidade. Chegada a um ponto qualquer desapareceu, sem que

a lavadeira percebesse o destino que tomara. Voltou para o pego e foi examinar a roupa, que fôra enxovalhada pelo atrevido garoto. Qual não foi o seu espanto, quando, no lugar onde o garoto cuspira, viu dobrões de legitimo ouro! O mourinho encantado recompensara assim os desgostos da mulher.

De outra vez certa mulher, Clara, se bem me lembro do seu nome, passou a um sitio proximo do pego e viu o mesmo mourinho ou outro, que com este se parecia, que a chamava para junto de si. Fazia já escuro, pois que havia tempo que o sol descera no seu occaso, e a mulher resolveu escapar-se-lhe, pondo-se a correr para a povoação.

Em outras occasiões em sitios diversos tem sido vista uma gentil moura, vestida de branco.

Nos contos das pessoas idosas figuram muitas mouras encantadas na freguezia de Moncarapacho, mas essas pessoas, receiosas da troça moderna, sómente os contam ás pessoas da sua intimidade.

No serro de *S. Miguel*, proximo da mesma povoação, tambem teem sido vistos mourinhos encantados. Entre tais lendas corre uma relativa ao nome da séde da freguezia. Corre pela tradição que Moncarapacho tirara o seu nome d'aquelle serro, que realmente é assaz alto, mas talhado a pique, e sem um declive. Este serro é conhecido por *Monte Escarpado*. Diz-se que o primitivo povo ficava junto d'esse serro e por isso conhecido por *Monte Escarpado*, que, com o andar dos seculos, se transformou no actual Moncarapacho como uns escrevem, ou *Monte Carapacho*, como escrevem outros para se não afastar talvez do nome primitivo.

Ha outras versões mais modernas, que attribuem aquelle nome á circumstancia de haver n'aquelle sitio,

antes de mais povoado, uma casa, onde habitava uma velha que trabalhava em capachos, que mandava vender. Dizendo-se portanto no principio *Monte dos Capachos*. Acho, porém, em extremo corriqueira uma tal origem e creio que só á mania de querer explicar tudo se pôde attribuir aquella origem. O muito reverendo prior Simas, fallecido ha annos, e que tinha boa lição dos livros antigos, adotava a primeira origem, naturalmente por a ter encontrado em algum livro.

O serro da *Cabeça*, acima mencionado, tem cinco quilometros de extensão e quasi trez de largura: principia a nascente da povoação no sitio do *Monte do Thesouro* e acaba a poente no sitio da *Jordana*. Diz uma lenda, cuja origem remonta muitos seculos atraz, que, á pessoa que der trez voltas a este serro, pela meia noite, apparecerá uma formosa moura que lhe offertará todas as suas riquezas, guardadas no alludido *Monte do Thesouro*, em recompensa de a ter desencantado com aquellas voltas.

Excusado será dizer que até hoje ainda ninguem ousou realisar tal empreza pois que o medo de andar de noite em terrenos tão povoados de mouros é superior á recompensa prometida. «Para encontrar riquezas trabalha-se toda a vida; a troco porem de perder a alma, nem um minuto, respondem os habitantes, vizinhos do sitio, aos que os censuram por não emprehêder o passeio á meia noite.»







## O abysmo dos encantados

### XX

A *Quinta de Marim*, propriedade importante, pertencente ao ex.<sup>mo</sup> sr. João Lucio Pereira, de Olhão, é hoje regada por abundante veio de agoa, que a fertiliza em toda a sua extensão. Em tempos remotos os terrenos d'esta quinta erão de uma esterilidade pasmosa pois que ali se não encontrava a mais pequena fonte.

Em tempo dos arabes n'esta provincia, era dono d'aquella propriedade um rico mouro, que morava em um predio acastellado quasi no centro. Tinha elle uma filha formosissima, o encanto do pai, e o enlevo dos jovens ricos de toda a provincia.

Em muitas occasiões tentaram os mancebos mais ricos e poderosos conseguir do velho mouro a mão da filha, mas elle, teimoso e cioso, inventava todos os pre-

textos para se negar a quaisquer propostas d'esta natureza. Entre outros havia um mouro, jovem e rico de prendas, que não desistia do seu intento. Alem de ser bastante rico, era dotado de excellentes qualidades morais e artisticas : professava em extremo a poesia e era musico habilissimo. É sabido que n'esse tempo Silves era uma das mais importantes sedes, onde se distinguiram nas suas escolas os primeiros poetas sarracenos. *Condé*, na sua *Historia*, menciona muitos poetas e musicos que floresceram, n'aquelles tempos, entre os mouros. Não era raro ouvir-se, nas bellas noites da primavera, defronte das ventanas dos palacios acastellados, onde palpitavam corações femininos, os sons maviosos do alaude ou da tiorba, acompanhados os bellos versos dos mais ricos namorados.

Não via o velho pai da gentil moura com bons olhos os excessos do pretendente á mão de sua filha, e quando á noite ouvia os cantares do mancebo em frente da ventana do quarto da filha, arrepellava-se e enchia-se de desespero. O mesmo não succedia á moura gentil, que, não duvidava erguer-se da cama, a deshoras, abrir mansamente a janella do seu quarto, e collocar-se ali horas esquecidas enquanto seu amado ali permanecia.

Muitas vezes o velho mouro tentou arrancar do coração da filha o amor que ali imperava, mas debalde : a jovem limitava-se a chorar, quando mais furibundas eram as reprehensões paternas.

Vendo elle que por força nada conseguia, encetou outro caminho, fingindo-se condoido. Ordenou que o mancebo fosse chamado á sua presença.

— O que me queres ? perguntou o mancebo em presença do velho.

— Sei que amas minha filha...

— Por ella dou a minha vida...

— Livre-me Allah de contrariar as inclinações de duas almas, mas eu fiz um voto...

— Que voto?...

— Os meus campos são faltados de agua... só concederei a mão de minha filha a quem, em uma só noite, transportar para junto do meu castello a famosa nascente da Fonte do Canal, a levante...

— Fica muito longe?

— A treze leguas.

O mancebo curvou-se em frente do velho e saiu da sua presença sem dar resposta.

O velho raposo, logo que o mancebo saiu da sua presença, esfregou as mãos e disse consigo:

— D'este estou eu livre.

E na noite d'esse dia deitou-se descansado na certeza de que não seria despertado do seu somno.

Seria meia noite, acordou o velho a um movimento brusco e repentino do seu castello. Sentou-se na cama e poz-se a escutar. Momentos depois chegaram aos seus ouvidos as notas diferidas nas cordas de um alaúde e logo os seguintes versos:

Viva Allah ; foi meu padre um bom mouro

Moura madre me deu de mamar

Moura fada fadou-me um thesouro

Moura virgem me tem de o entregar. (8)

Quando o velho ouviu estes versos e conheceu pelo timbre da voz que o impertinente mancebo não desistia de fazer versos a sua filha, ergueu-se da cama n'um salto e correu á janella do seu quarto. Em frente da janella do quarto de sua filha presenciou um verda-

deiro abismo, de onde jorrava a agoa n'uma imponente catadupa, bastante para regar toda a propriedade. Ao lado do abismo e na beira viu um mancebo com o alaude. Era o namorado de sua filha com os olhos presos na janella do seu quarto.

Fulo de raiva, mas não ousando violar a palavra dada, correu ao quarto da filha, e dirigiu-se para a ventana, onde lá a encontrou. Então pegou n'ella em pezo e atirou-a pela janella sobre o rapaz, que não podendo conservar o equilibrio caiu com o precioso fardo no fundo do abismo.

«Não morreram, affirma ainda hoje o povo em seus versos de uma famosa antiguidade, porque muitas pessoas os teem visto sair do abismo á meia noite. Saem sempre com os braços mutuamente cruzados e passeiam pela Quinta, cantando ao som do seu instrumento favorito. Estão ali encantados não porque o velho mouro os encantasse, mas por especial ordem do proprio Allah, que não consentiu que duas almas repletas de amor desapparecessem da face da terra, onde o egoismo criou um trono.

— E o velho mouro ?

— Esse está tambem encantado, responde o povo, mas no proprio castello. Só sai d'ali em noites de tormenta, cantando orgulhoso e soberbo :

Eu sou o rei D. Diniz  
 Serpa, Moura, Mervim fiz  
 Não fiz mais porque não quiz.  
 Quem dinheiro tiver  
 Fará o que quizer. (9)

E o povo continua a amar os dois namorados, odiando de morte o temeroso velho.

## A torre de Bias

### XXI

Nas proximidades da Fuzêta existem ruínas de diversas torres ou fortalezas, cuja fundação é de uma pasmosa antiguidade. A poente d'aquella povoação, sobre uma cuniada que domja os esteiros de Tavira para Faro, encontra-se uma torre redonda, com um diametro de dez metros e pouco mais de altura, sem sinais ou quaisquer vestigios de escada por onde se possa subir ao parapeito. A distancia de dois quilometros a norueste encontra-se outra torre, chamada da Alfanzia; a egual distancia para oeste existe a torre denominada de Bias e quasi a cinco quilometros fica a torre de Ares.

Varias lendas corriam em tempo, respeitantes ás

torres, mas quasi esquecidas, e das quais apenas existem hoje alguns factos isolados. Os habitantes da Fuzeta, na sua grande maioria, operarios do mar, vivem mais tempo n'este do que em terra, e por isso teem deixado esquecer as tradições da sua freguezia. Algumas recordações que ainda conservam teem ellas sido alimentadas pelos proprios marroquinos com quem mantem muitas relações commerciaes. Em Marrocos fala-se muito das mouras que aqui ficaram encantadas e as lendas ali são aquecidas por uma imaginação exaltada, propria do clima. Tem certa graça a affirmação dos mouros, que attribuem a sua pobreza de hoje a terem ficado os seus thesouros escondidos na nossa provincia sob a guarda das mouras encantadas!

Lembram-se ainda de alguns sitios da freguezia de Pechão, onde possuiram, dizem elles, as mais bellas propriedades, cujos nomes conservam desde aquelles tempos. E' muito vulgar ouvir-se dos seus labios os seguintes versos :

Trez *bellas* tem o Portugal  
 Bella Mandil, Bella Salema  
 E a mais bella das trez  
 E' a nossa Bella-Curral.

No intuito de apurar as tradições que correm na freguezia de Pechão, relativamente ás mencionadas propriedades, escrevi ao muito reverendo paroco, que pastorêa aquella freguezia, pedindo as devidas informações. Respondeu-me immediatamente (distinguindo-se d'aquelles seus collegas que nem ao menos accusaram as minhas cartas) e na sua resposta, delicada e attenciosa, informou-me de que na sua freguezia não correm lendas algumas respeitantes ao assunto da minha car-

ta, mas que, não muito distante da sede da mesma freguezia, existia uma grande furna, que se dizia ter sido aberta pelos mouros, dirigindo-se subterraneamente até o mar, a muitos quilometros de distancia.

Com relação a uma das torres mencionadas enviou-me um amigo illustre uma lenda.

Havia no tempo dos mouros na torre de Bias uma formosa moura que aliava á sua formosura e riqueza um coração diamantino. Uma das suas principais virtudes e que refulge entre as mais era a caridade.

O pai da virtuosa moura, se não era propriamente um rico avarento, não via com muito bons olhos as avultadas esmolos em dinheiro, que ella distribuia aos pobres, e por isso só lhe consentia as offerendas em fructos. E' certo que a virtuosa filha em cousa alguma desobedecia ás ordens paternas, mas Allah fazia constantemente a partida de transformar os fructos em dinheiro. Indignava-se o pai contra a desobediencia da filha, teimava esta em nunca se afastar das suas ordens. Em um dia espreitou o pai e viu que sua filha tinha razão.

Não diz a lenda qual foi o procedimento do velho mouro.

Parece que esta lenda, applicada pelos nossos cronistas á santa esposa do nosso rei D. Diniz, allude talvez a alguma moura que na torre tivesse existido e a quem se lhe attribuisse o exercicio de caridade. É sabido que muitas vezes os mouros copiaram dos christãos os modelos das suas virtudes.

Parece que o sitio onde se acha a torre de Bias foi sede de uma grande povoação, pois que tem sido ali encontradas muitas sepulturas, em cujo interior ap-



parecem uma pedra á cabeceira, outra aos pés e duas de cada lado.

De que tempo datam tais sepulturas?

Não se sabe.



## TAVIRA

### XXII

No tempo dos arabes era Tavila ou Tavira uma importante villa. Por algumas vezes tentaram os mouros da potente villa destruir por completo o pequeno exercito de D. Paio, mas encontraram sempre resistencia nas armas empunhadas por aquelles bravos christãos.

Na occasião em que vou começar a fazer a historia de Tavira, no tocante á origem das lendas que ali correm, descansavam as armas por virtude de umas treguas pedidas aos christãos pelos mouros.

Exprime-se assim um velho *cronista* :

«..... os moros de tavira e dos outros luguares ao redor ouvirão seo acordo e dicerão entre si nos somos ja acerca do mez de julho em que avemos pas-

nhar nossos pains e mais vence chegando o tempo do pellacill e pois que asi somos maltratados do mestre façamos com elle treguas athe são miguel de setembro que vem a apanharemos então nossas novidades e depois garrereamos com elles athe que os deitemos fora da terra. »

Feita esta proposta ao mestre D. Paio, este a acceitou. Succedeu, porem que cinco cavalleiros do Mestre resolveram ir caçar ao sitio das Antas, tendo de passar armados pela villa. Quando os mouros isso presenciaram levaram muito a mal, dizendo « que nenhum homem nascido podia soffrer as couzas e soberbas que esses chrisptaons fazem que asi passarão por aqui e forão pela praça como se a villa fôra já sua e loguo fizerão sua falla que se fossem a elles e os matassem aonde quer que os achassem »

E effectivamente juntaram-se os mouros e foram com grande sanha e palavras soberbas ao sitio das Antas, onde, em lucta muito desigual, mataram os cinco caçadores, o seu commendador mor, e um mercador que foi em seu auxilio.

Avisado D. Paio, que se achava em Caceila, da vil traição dos sarracenos, poz-se á frente de um punhado de heroes e correu em auxilio dos seus amigos. Encontrou-os mortos. Então possnido do desejo de vingança caiu como um raio sobre a villa e tomou o seu castello.

Escreve o citado chronista :

... e os chrisptaons deram com elles, e ho mestre entrou com elles de volta e cobrou a villa e apoderouçe d'ella e foi extranha a mortandade que o mestre e os seos fizerão em os mouros e tambem nos da villa »

Tomada a villa e o seu castelo fez o mestre transportar os martyres das Antas para a villa e collocou

os na Igreja de Santa Maria, mandando ali fazer um *moymento* em que poz sete escudos com as viciras de São Tiago.

Ainda existem no mesmo logar os restos dos sete martires, que, no dizer do citado cronista, se chamavam D. Pero Paes, commendadôr mór, Mem do Valle, Damião Vaz, Alvaro Garcia, Estevão Vaz, Valerio de Ossa e o mercador Garcia Rodrigues. (10)

Até aqui fala a historia.

A lenda, porém, afirma que enquanto nas Antas se feria um rude combate e D. Paio em vingança atacava rudemente o castello da villa, duas tristes scenas se exhibiam em dois logares differentes, scenas que existem perpetuadas pela tradição e que hão de continuar a existir na memoria do povo, por seculos sem fim.

Uma d'essas scenas teve por theatro o Poço de Vaz Varella e por plateia as aves do ceo e os arroios serpando pela terra; e outra desenvolveu-se em ponto mais elevado, entre o ceu e a terra, no castello da villa.





## O Poço do Vaz Varella

### XXII

Era no anno de 1249 e tinha começado já a conquista dos Algarves; a *hostia* (hoste) portugueza, commandada por D. Pelaio (Paio Peres Correia) tinha-se retirado do cerco de Tavira, occupada pelos mouros, para Cacella, por virtude de umas *trevas* (treguas) de 30 dias ajustadas com eiles, então governados por *Calis Caixá Sidra Manuel Adelaide* (Kadi Bachá Sid Mohammed Abdallad?) de muito poder em encantamentos, e que tinha uma filha de dezoito annos, linda como a mais formosa *variz* (houris) do paraizo de *Atafona* (Mafoma) e mais formosa do que as mais lindas rosas do seu jardim de sete fontes. Era ella a luz da luz dos seus olhos e a alegria da sua alma negra de

*fradelho* (escaravelho?). *Catharina* (Fatima?) chamava-se ella.

Os mouros tinham rompido as treguas pela morte á traição dos sete cavalleiros christãos, que, passando o rio *cego* (Sequa), tinham ido em caçaria á cidade das *Prantas* (Antas) e o governador, prevendo um ataque decisivo, tinha preparado tudo para a fugida, já pelas galeras no rio *João* (Gilão), onde estavam accommodadas muitas riquezas, já pelo camiinho por baixo do chão do castello para a fonte da aguada de muitas bicas, hoje denominada Fonte da Praça, completamente desempedida. Instava o governador Abdallad com sua filha a que o acompanhasse, recusava-se, porém, Fatima acompanhar seu pai pelo muito apego que tinha á terra que guardava os ossos de sua mãe e que ella todos os dias regava com as *pedras cristinas* (perolas cristalinas) de suas lagrimas de prata; e como Sid Mohammed não podesse vencer a resistencia de sua filha e temesse que ella caísse nas mãos dos *ferros infieis* (perros infieis) resolveu encantal-a por mil e um annos n'um dos *ares* (aduares?) d'estes sitios.

Para este fim no dia 15 do *armazem* (Moharrem? que corresponde a 9 de julho?), dois dias antes da conquista da cidade, quando a hoste portugueza vinha já de caminho a castigar os mouros, pelo pino do meio dia, dirigiu-se com ella ao poço de *Vaza amarella* (Vaz Varella) e debruçando-se para dentro disse as seguintes palavras de encantamento:

«Louvado seja somente Deus: não ha força nem poder senão em Deus, o alado, o grande.

«Só Deus é grande e Mohammed o seu profeta, *sai-bo* (sabio) e santo profeta, servo de Deus, que se resigna á vontade de Deus, e a elle confia o seu ser e



misterios, o principe dos crentes, filho do principe dos crentes, o principe dos crentes, filho do principe dos crentes (repete-se isto sete vezes) que passa por entre as illustradas cabeças dos grandes capitães, tocando no *alto* (alvo) com *frecha* (flecha) certaíra, o *Cafila de Fezes* (Califa de Fez) o sultão de *Maniquez* (Mequinez?) o *Emilio das Barrocas* (o Emir de Marrocos?) a *magestade Sebastiana Ave de Romã* (Sid Muley el-Kassan Abd-Rahaman?) cujos dias Deus terne grandes e felizes, a Deus encommendem e encommendo a minha filha Fatima Abdalad com o seu encantamento por mil e um annos.

«Que ella não se desencante sem passar os mil e um annos, salvo se alguma alma de ouro e coração de pomba se deixar engolir pelo *Aragão* (dragão) de escamas de prata, que segure nos seus dentes de marfim a tua poderosa *aldraba* (aljava?) e *gomitada* (vomitada) passados trez dias, burrifada que seja com o sangue de galinha preta, o anjo Gabriel, teu espirito de *miar* (teu espirito familiar) a faça voltar á vida, e elle mesmo acompanhe minha filha Fatima Abdalah ao *andar* (aduar) de Sid Mohammed Abdalah, teu servo, ou á porta de seus filhos e parentes junto da porta *Raquell-tudo* (Babel-el-tuto?) da sagrada cidade de Fez!...

«Que nunca á minha filha lhe faltem os *titeres* (os viveres?) o ouro, a prata e pedrarias em seu palacio encantado; que seja ella como o sol do mundo, quando espalha os seus raios, e, encantada n'este poço, guarde em esteira de palmeira figos de ouro, que dará, bem como as mais riquezas, á pessoa desencantadora; e no tempo das chuvas e em dias de friezas, que nunca um somno de chumbo desacompanhe os seus olhos de veludo, debruados da mais pura seda, e

mais formosos do que o luar de Moharrem; ultimamente que seja sempre *jovena* (jovem) e mais dôce do que o cantar das rolas, alimentando seus filhos sem pennas.

«Grande Profeta! o homem sabio *realiga-se* (regozija-se) com aquillo que vem do seu querido Allah, e, tu, santo profeta, recebe a menina dos meus olhos, a vista da minha vista, a minha querida Fatima Abdalah em tua santa guarda, entrega-a ao anjo Gabriel para conserval-a encantada por mil e um annos.

«Assim te encommendo, ó meu Sunhor e Amo, a minha filha.

«Louvado seja sómente Deus; não ha força nem poder senão em Deus, o grande, o elevado.

«Só Deus é grande e Mohammed o seu profeta.»

Então o governador fez no poço e sobre a filha sinais *cabralistas* (cabalisticos) acompanhados de palavras misteriosas, pronunciadas n'uma entonação musical muito triste, e lançando ao pescoço da filha o *santo sino termano* (o santo signo samão?) já com a lua e estrellas no ceu, a arremessou ao poço. (10)

A agoa do poço abriu-se; Fatima entrou no seu seio para occupar o seu palacio encantado, e o pai ali se conservou a chorar até ás horas da meia noite.

E ella ali se conservará por mil e um annos, se uma alma caritativa não apparecer que a queira redimir do encanto, sujeitando-se aos preceitos da lenda.

No entanto, a pobre Fatima, no palacio encantado, conserva grandes valores em ouro e joias preciosas que offerecerá ao seu desencantador.

E ainda lá se conserva?

Embora se espalhasse ha um seculo que a moura esperava um principe christão que a desencantasse, e

que este principe estava prestes a chegar, é certo que factos antigos e modernos exhuberantemente provam que a moura ainda ali se conserva encantada.

\*

\*

\*

Muitas pessoas da mais remota antiguidade até hoje teem transmittido pela tradição, sempre constante, que viram no seu tempo, encostada ao gargalo do poço, a moura encantada, umas vezes ao meio dia em ponto, outras á meia noite em pino. Costuma ella pedir aos que lhe passam proximo a desencantem, promettendo-lhes muitas riquezas. Algumas pessoas extremamente condoidas e impressionadas teem acompanhado a moura até ao seu palacio encantado, mas logo que avistam o dragão, fogem espavoridas, gritam á moura que as tire d'ali, e a moura, da melhor vontade, embora com o coração dilacerado, as tem d'ali tirado para fóra. As que teem occultado tal visita vivem por muito tempo, mas as que se atreveram a contar o que lá viram, teem morrido dentro de tres dias.

No principio a moura Fatima não se portava lá muito bem com as pessoas que iam ao poço ou lhe passavam proximo. A tradição encarrega-se de apontar alguns factos que chegaram ao conhecimento de toda a gente e por isso estava o poço desamparado, apezar da sua agoa ser a melhor das proximidades de Tavira.

O poço do Vaz Varella fica á saída da cidade, á esquerda, na estrada que vai para Villa Real de Santo Antonio. Está aberto junto da cerca do antigo convento dos frades do Carmo.

As maldades praticadas pela moura, partindo os can-

taros das pobres mulheres, que ali iam buscar agoa, e arrastando as infelizes pelos cabellos ao fundo do poço, tornaram-n'a antipatica a toda a gente. Passados muitos annos tornou o poço a ser visitado, por que então pouco se falava já da moura, ou por que os outros poços não tinham agoa.

Não são muito antigos os factos que vou apontar.

Um tal José Pezo Duro foi ao poço buscar agua e viu junto d'este uma esteira de palma com figos ao sol. Tentava o Duro aproximar-se da esteira no intuito de tirar alguns figos, quando lhe appareceu a moura. Ignorava o pobre homem quem fosse aquella senhora, que, com modos desabridos, se oppunha a que elle tirasse figos, e por isso ameaçou-a, mas a moura empregou tal energia e impoz-se-lhe tão pesadamente, que elle viu-se perdido e começou a gritar pedindo auxilio. Então a moura desapareceu, descendo ao poço, e ficando o pobre Duro horivelmente impressionado.

Em outra occasião um velho moleiro, conhecido pelo *Cativo*, por isso que em tempo fora prisioneiro dos mouros, que o levaram cativo para Marrocos, d'onde se escapou por milagre da Senhora dos Martires, indo da cidade para o seu moinho, encontrou junto do poço uma formosa mulher. Apesar dos seus trabalhos em Africa, o moleiro quiz cortejar a mulher, tornando-se extremamente malcriado e impertinente, e dirigindo-lhe umas graças pesadas. Então a mulher poz os dedos nos labios e produziu dois silvos que retiniram por aquelle sitio. O *Cativo*, receioso de que os silvos tivessem por intuito chamar auxilio, deitou a correr. Effectivamente em poucos momentos sentiu atraz um enorme tropel de cavallos. O moinho estava perto e

elle pôde entrar e fechar-se em casa antes de ser alcançado.

Em outra occasião o mesmo *Cativo* foi buscar agoa ao Poço de Vaz Varella. Já estava proximo quando viu uma mulher sentada sobre o gargalo. Pensou immediatamente que estava ali a moura. O pobre homem, que tinha as suas contas com a moura em aberto, afastou-se cautellosamente, voltou para casa e nunca mais ali foi.

Outro individuo, conhecido pelo José Gigante, encontrou-se certo dia com a moura, e dirigiu-lhe uma graça pesada e desenxabida. É claro que o homem não conhecia a moura; esta deu-lhe tamanha sova que o teve preso por muitos mezes á cama. Depois d'este acontecimento, sentia o Gigante, em certas occasiões, sobre os costados muitas pancadas, apesar de não ver quem lhe batia. Resolveu-se, depois de muito soffrer, mudar de residencia, e partir para Gibraltar, onde esteve empregado nas barcaças; pois nem ali a moura o deixou. Em certas noites apanhava a sua sova, que o fazia clamar em voz alta por auxilio. Acudia muita gente, mas ainda assim continuava a ser espancado, sem que ninguém visse quem o espancava.

Cançado e torturado voltou novamente ao seu paiz procurando residencia em Santa Luzia, povo de pescadores, a dois quilometros de Tavira, em uma cabana onde morreu. Pois á hora da morte affirmava o infeliz que a moura lhe dava bastonadas!

Se aos que se tornam impertinentes com senhoras, suppondo se amaveis, fosse applicado um tal castigo, muita gente se convenceria de que era realmente mal criada.

Se os casos, até aqui narrados, criaram em redor da

moura Fatima uma athmosphera impregnada de odios e de malquerenças, outros ha que, da sua parte, trazem um coração bem formado.

Uma vez passou certa mulherzinha proximo do poço com uma criança pela mão. Junto do poço estava estendida uma esteira de figos a seccar ao sol. Muito naturalmente a criança começou a chorar porque a mãe não lhe consentiu que fosse á esteira buscar alguns figos. Então appareceu a moura e deu á criança dois figos, desaparecendo em seguida.

Ficou a criança muito satisfeita com os figos, guardando-os nos bolços para os mostrar ao pai. Logo que chegou a casa correu a mostrar os figos a uma sua irmã. Ficaram todos admirados quando viram na mão da criança dois bellos dobrões em ouro.

Foi este um caso tão falado que a moura começou então a subir no conceito geral.

Consta que em tempos passados, quando alguns cavalheiros da villa, entusiastas de caça grossa, iam á serra caçar javalis, viam-se ás vezes acompanhados de formosa dama montada em valente corcel alazão. Por diversas vezes tentaram investigar de onde tal dama saia, e nunca isso lhes foi possível. Quasi sempre ao approximar-se da cidade, ella desaparecia por encanto. No dizer dos caçadores tão encantada parecia a moura como o corcel.

Por muito tempo foi a moura Fatima perseguida nos seus creditos de mulher. A lingua do povo, que nem sempre sabe poupar o credito dos mais honrados, attribuia á moura pensamentos que ella nunca teria.

Enfim, quem pôde com verdade affirmar que nunca foi atingido pelos que vivem da deshonra e do descredito ? ! . . .



Todos estes casos, que ficam narrados, são contados ainda por toda a gente, embora tenham chegado por intermedio da tradição. Vou agora referir um dialogo de ha semanas, que serve de prova para demonstrar que ainda hoje ha muita gente que liga toda a fé ás lendas de mouras encantadas.

\*

\*

\*

No dia 13 de fevcreiro proximo passado, passava um velho amigo na companhia de algumas pessoas da terra, proximo do Poço do Vaz Varella, lembrou-se de averiguar do grau de intensidade dos seus companheiros em relação ao credito sobre mouras encantadas. Entre as pessoas que acompanhavam o meu amigo estava um rapaz robusto, dos seus vinte e um annos. No momento em que o poço lhe ficava em frente disse o meu alludido amigo ao rapaz :

— Dizem que n'aquelle poço está encantada uma infeliz moura.

— Já a vi, respondeu o rapaz.

— Ha muito tempo ?

— Uns seis mezes, pouco mais ou menos.

— Onde a viste e a que horas ?

— Vi-a encostada ao gargalo do poço pelo pino do meio dia.

— Fazia sol ?

— Se fazia ! . . . até queimava.

— Em que mez a viste ?

— No mez de S. Bartholomeu, em agosto.

— Que roupa vestia ?

— Vestia roupa branca, com um cordão de borlas



de ouro á cintura. Trazia um barretinho encarnado á cabeça, e um rosario ao pescoço.

— Estava sentada ou de pé ?

— Sentada no chão, de cocoras, como dizem que as mouras se costumam sentar.

— Mas tu começaste por dizer que a tinhas visto encostada ao gargalo do poço ?

— Estava de cocoras com as costas arrimadas ao gargalo do poço: é a mesma cousa.

— Estava de cocoras no chão ?

— Não senhor; estava com os pés sobre uma esteira de palma.

— E havia só a esteira a cobrir o chão ?

— No chão só estava a esteira. Entre as costas da moura e o gargalo do poço estava uma almofada ou travesseiro.

— E na esteira não havia mais nada ?

— Figos de ouro.

— Quem te disse que os figos eram de ouro ?

— Pois... se quasi lhes toquei com o pé !

— A moura era bonita ?

— Mais branca do que a neve; os olhos pretos como azeviche.... grandes e bellos... como-nunca vi outros assim... fiquei *embasbacado*.

— Não lhe disseste algumas palavras ?

— Nenhumas.

— E ella a ti ?

— Tambem nada me disse.

— Talvez te não visse...

— Eu vi-a bem e ella esteve por muito tempo a olhar para mim.

— Não sei como te não pediu que a desencantasses, ou como te não offereceste ?

— Eu, sim !

— Dizem que ella offerece muitas riquezas a quem a desencantar.

— E o... *aragão* ? não é elle de temer ?

— Pois o senhor Sebastião de Aragão não é muito boa pessoa ?

— Não é d'esse que falo, é do bicho branco do tamanho de um boi e muito *farol* (feroz).

— Não ouvi contar ainda essa historia...

O rapaz contou a lenda da moura Fatima conforme a deixei narrada.

— Já vês... o mais que te poderá succeder é ser engolido e vomitado pelo bicho. Voltavas á vida, embora burrifado pelo sangue da galinha preta... E depois... ficavas senhor de grandes riquezas.

— E se o bicho me não *gomitasse* (vomitasse) ou não houvesse galinhas pretas ?

— Ora... morrias uma vez. Esperas escapar á lei da morte ?

— Hei de morrer quando Deus quizer, mas não serei eu que procure a morte pelas minhas proprias mãos... quanto mais tarde melhor.

— Tens pais e irmãos pobres e deixava-lhes todas as riquezas.

— Muito obrigado. Sabe que mais, para eu soffrer soffra meu pai que é mais velho. Depois da minha morte quem cá ficar que se governe.

— E o que foste fazer ao poço ?

— Não fui lá de proposito, nem por vontade minha. Sempre ouvi dizer ás pessoas velhas do meu sitio que não é bom passar proximo do poço. Como tinha de ir buscar uma carga de figos á Capellinha, vi-me forçado a passar por ali para não fazer grande arroteio.

— Estavas doente quando por lá passaste ?

— Não, senhor.

— E bebedo ?

— Nunca me embededei em minha vida ; póde informar-se d'estes senhores, que muito bem me conhecem.

E as pessoas, testemunhas d'este dialogo, confirmaram a declaração do rapaz.

— Na verdade, tu acreditas em mouras encantadas ?

— Essa é boa ! porque não hei de acreditar ? Minha mãe e meu pai acreditam e teem mais juizo do que eu. Ha muito boa gente que acredita : no meu sitio todos crêem e são muito boas pessoas.

— Eu não acredito no que para ahi tens estado a contar.

— Não acredita ? Não me afflige com-isso ! acredito eu. Cada qual acredita no que lhe parece. Se é tolice não sou o unico tolo d'este mundo.

— Andavas com medo da moura e pareceu-te vel-a. Não passou de uma illusão dos teus sentidos. Se até viste rozarios ao pescoço !

— Sim, senhor : um rozario muito comprido com contas de ouro, maiores do que albricoques grandes.

— Bem digo eu : tu n'esse dia não estavas bom.

— Já lhe disse que nunca me embriaguei. De mais... muita gente tem visto a moura ; não sou eu o unico. Consta-me que ella tem apparecido a muita gente.

— A quem ?

— Não me lembro agora. Minha mãe sabe os seus nomes. Lá nos meus sitios ha muita gente que conheceu os que desceram ao poço e de lá saíram, morrendo dias depois. Nos tempos antigos muita gente foi enganada pela mourinha.

— Fazes-me um favor ?

— Se poder...

— Podes, sim.

— Então diga.

— Se em alguma ocasião encontrares a moura, segura-a bem e manda me chamar.

— Segurar !... isso nunca !

— Porque ?

— Com o toque dos seus vestidos perdia immediatamente os santos oleos que recebi no batismo. E por quem o havia de mandar chamar ?

— Gritavas, acudiam-te, e tinhas logo bons portadores.

— E o que queria vir cá fazer ?

— Desencantar a moura.

— O senhor ?

— Sim... eu.

— Isso é bom de dizer.

— E de fazer. E' nossa obrigação salvar os nossos irmãos de quaisquer tormentos ou angustias.

— Os mouros não são nossos irmãos... não são baptisados.

— E' o mesmo.

— Isso é que não, perdõe-me. Os mouros não são filhos de Deus.

— Não digas asneiras.

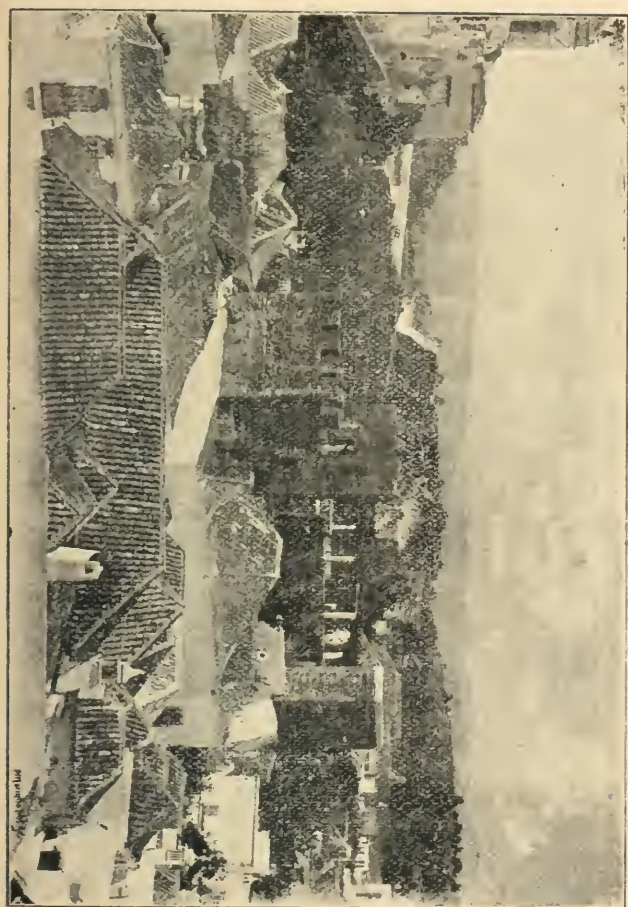
— Seja o que fôr. Por mim não estou resolvido a dar a minha alma ao diabo. Os encantamentos não são cousa boa. Se o senhor quer sujeitar a sua alma ás contingencias de uma empreza tão arriscada, está no seu direito : é sua, póde d'ella fazer o que quizer.

E assim terminou o dialogo na presença de diversas pessoas. O mais notavel é que todos estavam do

lado do rapaz : todos acreditavam na existencia das mouras encantadas e no mal que ellas nos podem causar, roubando-nos os santos oleos.

E' tempo, porém de falar da outra moura, encantada no castello da cidade.









## A moura do castello de Tavira

### XXIII

O benemerito escritor algarvio, o fallecido Estacio da Veiga, publicou no seu *Romanceiro do Algarve* a lenda da moura do castello da cidade de Tavira.

Diz o illustre escritor :

«Eu penso que este romance é allusivo a uma muito arreigada crença, de que na cidadella mourisca da cidade de Tavira, reedificada em 1331 por el-rei D. Diniz, da meia noite da vespera para a madrugada do dia de S. João, apparece sobre o terrado da muralha uma formosa moura, requerendo de amores um cavalleiro que possa quebrar-lhe o encanto ; e esta, posso dizer, que é uma das tradições algarvias, que mais de

perto conheço, pois que d'ella ouvi sempre falar desde os meus primeiros annos até o de 1845, em que muito saudosamente me auzentei da minha formosa provincia.»

E para comprovar a existencia da mesma lenda na memoria do povo, ao tempo em que publicou o seu livro, diz:

«Ainda hoje a vigilia de S. João é muito festejada em Tavira, e quando o relógio da cidade bate meia noite, ninguém deixa de lembrar-se da moura encantada, que vai surgir das ruínas do castello de Santa Maria.»

Antes ainda de reproduzir a lenda julgo conveniente fazer algumas considerações.

E' a lenda omissa no nome da moura encantada no castello, e nada diz com relação á familia da desditosa moura. Deduz-se dos versos que era formosa e rica. O povo no seu fundo de bom senso collocou a moura do castello em superior gerarquia á encantada no Poço do Vaz Varella, pois que entre aquella e esta nota uma grande differença nos costumes e caracter.

A moura do Vaz Varella é garrida, arrojada, rebelde e vingativa; a do castello recolhida, humilde, submissa e incapaz de fazer mal. Aquella, embora filha de pai poderoso, parece ter nascido para a vida bohemia, e, como as amazonas da lenda, galopa e caça como um cavalleiro da idade media; esta parece nascida para uma vida de paz e amor e aureolada de uma corôa de rainha. Por isso muitos affirmam que a moura do castello deve ter nascido de um rei.

Ora no tempo em que D. Paio Peres Correia tomou posse do castello de Tavira era seu principal senhor

Aben-Fabilla, e por isso, embora a lenda nada affirme, muitos sustentam que a moura do castello era filha d'este senhor.

O cronista já citado, descrevendo a historia da tomada do castello diz: «..... e o mestre apoderou-se da villa e não consta se o aben Fabilla moro senhor deste luguar foi em esta batalha e morreo em ella ou se ficou no luguar e o que se fez delle.»

Sendo, como foi tão *estranha* a peleja e tão horrivel a mortandade por occasião da tomada do castello, causa realmente uma certa admiração que nem ao menos se soubesse que o rei ou o senhor de Tavira assistira ou não a este combate. Foi D. Paio quem principalmente notou a auzencia de Aben-Fabilla, e tanto que, em seguida a este combate, marchou logo sobre Salir, na supposição de que o rei mouro se tivesse acolhido áquelle castello. Não consta que ahi o encontrasse.

Onde estava, pois, Aben-Fabilla, quando D. Paio, depois de um combate horrivel, se apossou do seu castello?

Dizem os que se julgam versados nas tradições que, n'aquelle momento, por motivos faceis de comprehender, Aben-Fabilla encantava sua filha na cidadella do castello. Vendo-se o infeliz rei perdido por não poder resistir aos freires do Mestre e receioso de que a soldadesca abusasse de sua filha querida a encantara, esperando mais tarde tornar e entrar victorioso na villa. E não eram infundadas estas esperanças, porque a historia nos ensina que diversas villas algarvias entraram e saíram da corôa portugueza por diversas vezes n'este tempo.

Partindo, pois, de que effectivamente a moura do

castello era filha do rei de Tavira, vou transcrever do *Romanceiro* de Estacio da Veiga, a lenda em verso :

Meia noite além resôa  
Cerca das ribas del mar  
Meia noite já é dada  
E o povo ainda a folgar.  
Em meio de tal folguedo  
Todos quedam sem fallar  
Olhos voltam ao castello  
Para ver, para avistar  
A linda moura encantada  
Que era triste a suspirar.

— Quem se atreve, ai quem se atreve  
Ir ao castello e trepar  
Para vencer o encanto  
Que tanto sabe encantar ?  
— Ninguém ha que a tal se atreva  
Não ha que em mouros fiar  
Quem lá fosse a taes deshoras  
Para só desencantar  
Grande risco assim correrá,  
De não mais de lá voltar.

Ai que linda formosura  
Quem a podera salvar !  
O alvôr dos seus vestidos  
Tem mais brilho que o luar  
Doces, tão doces suspiros  
Onde ouvil-os suspirar. . ?

Assim um bom cavalleiro  
Só se estava a delatar  
Em amor lhe guardia o peito  
Em desejos seu olhar.  
Trez horas eram passadas  
N'este continuo aneiar  
Cavalleiro de armas brancas  
Nunca soube arreceiar  
Invoca a linda mourinha  
Mas não ouve o seu fallar  
Nada importa a D. Ramiro  
Mais que a moura conquistar  
Vai subir por muro acima  
Sente os pés a resvalar

Ai que era passado a hora  
De a poder desencantar! . . .

Já lá vinha a estrella d'alva  
Com seus brilhos a raiar  
No mais alto do castello  
Já mal se via alvejar  
A fina branca roupagem  
Da linda filha de Agar,  
Ao romper do claro dia  
Para bem mais se pasmear  
Sobre o castello uma nuvem  
Era apenas a pairar  
Jurava o povo, jurava  
E teimava em afirmar  
Que dentro d'aquella nuvem  
Vira a donzelinha entrar.

D. Ramiro d'enraivado  
De não poder-lhe chegar  
D'alli parte e contra os mouros  
Grande briga vae armar  
Por fim ganha um bom castello  
Mas . . . sem mouro para amar.

\*

\*

\*

Embora vulgarmente se affirme que Tavira é a antiga Balsa dos romanos, está todavia averiguado que a velha cidade romana, situada na costa meridional do Algarve, em altura de 37° e 56' de longitude, não podia rigorosamente estar situada no mesmo plano da actual cidade de Tavira.

No *Itinerario* de Antonino está a cidade de Balsa, a que Marciano Heracleota chama *Isbalsa*, a cinco leguas ou a vinte e quatro mil passos de *Esuri* ou Ayamonte, e a quatro leguas ou deseseis mil passos de Ossonoba ou Estoy. Parece, pois, que Balsa devia occupar pouco mais ou menos a posição da actual freguezia da Luz de Tavira.



## Os mouros de Castro Marim

### XXIV

Castro Marim é villa muita antiga. Na opinião do sr. Leite de Vasconcellos, expressa no seu folheto *Portugal Pre-Historico* e confirmada pelo fallecido Pinho Leal no dictionario *Portugal Antigo e Moderno*, as palavras *castello*, *castella*, *crasto*, *castro* e outras semelhantes são monumentos archaicos, luso-romanos ou pre-romanos; e segundo estes pareceres auctorisados, Castro Marim designa uma fundação antiga, talvez pre-romana.

O *Sanctuario Marianno* parece seguir a opinião de que a palavra *Marim* seja a corrupção da palavra *marinho*, visto achar-se a antiga villa situada proximo do mar.

O castello de Castro Marim foi tomado aos mouros



por D. Affonso III, e a sua villa beneficiada por um foral datado de 1277.

Em 1320 foi esta villa doada por D. Diniz á Ordem de Christo, que ali permaneceu até que foi transferida para Thomar.

Como todas as povoações acastelladas do tempo dos sarracenos ou que foram theatro de combates n'aquelles tempos, Castro Marim tem as suas lendas de mouras ou mouros encantados, mas esquecidas em parte, o que tambem succede em outras povoações.

De remota data corre entre o povo a lenda de um mouro encantado no proprio castello. É riquissimo este mouro, diz a lenda, e muita gente o tem visto, alta noite, a vaguear pelos muros arruinados da villa. Diz que este mouro em tempos antigos fizera feliz uma familia, mas ignora-se completamente que qualidade de serviços essa familia prestara, que ali dera origem á liberalidade do mouro.

Diz-se tambem que em uma horta proximo da villa, no sitio da *Espargesa*, á entrada de Castro Marim, estava encantado um mouro n'um sapo.

O sapo foi visto por muita gente da villa, mas, em certa occasião, desapareceu, dizendo-se então que fôra morto, e por isso terminara o seu encantamento.

No mesmo sitio e na mesma horta teem sido vistas á meia noite em ponto algumas mouras; e ao meio dia em pino essas mouras costumam pentear os seus cabellos louros com pentes de ebano, com embutidos de ouro.

No *Arco da Aroeira*, á beira do caminho para uma fazenda, que em tempo pertencen á fallecida D. Anna Victoria Faisca, teem apparecido á meia noite e ao meio dia mouros e mouras encantadas. Nos *Campos*

da *Fabrica* passou-se em tempos um caso que deu muito que falar nos sitios circunvizinhos e até na propria villa. A fallecida D. Anna era uma senhora muito animosa. Montava na sua mula e ia á sua fazenda sem medo nem receio. Diz-se que costumava andar sempre armada de um punhal. Em certa noite, estava nas casas da sua fazenda, sentiu que alguem andava sobre o telhado. Saiu immediatamente á rua e encontrou-se com um vulto, que lhe pareceu homem. Avançou para elle, atirou-lhe algumas vezes o seu punhal, mas o vulto desapareceu por encanto. Voltou para casa e apesar de se não ter sentido agarrada tinha o corpo moido como se tivesse sido espancada. Este facto pareceu-lhe tão extraordinario, que começou a pensar n'elle, caindo de cama, onde se conservou por muito tempo bastante doente. Nunca mais aquella senhora ousou sair fora de sua casa, de noite. Tudo lhe inspirava terror. As suas faculdades mentais soffreram muitissimo.

Como toda a gente affirmava que n'aquella fazenda estava encantado um mouro, começou-se a espalhar que a senhora occultava parte do caso; e por isso affirmava-se que tendo-lhe sido proposto pelo mouro o seu desencanto, seguir-se-ia uma luta que a senhora devera ter com um bicho feroz, fôra vencida na luta e perdera por isso as riquezas promettidas. Negou ella sempre que o caso se passasse como era contado pelo povo, mas não negava que tivera effectivamente uma luta com um ser desconhecido, que evidentemente deveria ficar ferido, embora no dia seguinte não encontrasse no campo da luta sinais de sangue.

Quasi ao mesmo tempo começou-se a ouvir nas *Vargens de Belixe* uns ais lamentosos ao meio dia, que

causavam pavor. Muita gente da villa correu ao sitio a averiguar do caso, e voltou de lá profundamente commovida e horrorisada. Ouviam-se os ais, como saídos debaixo dos pés, e todavia não se via ninguem !

Alguns d'aquelles sitios ficam entre Castro Marim e o Azinhal.

Fala-se muito em Castro Marim de uma lenda em que figuravam nove mouros encantados. Um amigo muito especial a quem incumbi de descobrir a urdidura da lenda, apesar de toda a sua boa vontade, não pôde apural-a. Foi esquecida como muitas em outras povoações do Algarve. Diz-se que para o esquecimento ali das lendas muito contribuíram os frades. Não sei que acção praticada por elles poderia influir no seu esquecimento. Poderia succeder que os frades trabalhassem em tirar da cabeça dos crentes as idéas que estes tivessem ácerca da veracidade de tais lendas, mas estes esforços mais deveriam ter influido no seu não desaparecimento. Em regra as perseguições produzem contrario effeito.

O castello de Castro Marim em 1826 ainda tinha commodos para alojar o batalhão de caçadores 4 ; hoje, porém, está tão arruinado que para nada serve. E assim a antiga grandeza da villa tem por tal fôrma decaído, que hoje nem já parece a sombra do que fôra. Em 1320 residiu ali o cabeça da Ordem de Christo; hoje os que teem mais meios de fortuna desamparam-n'a por lhes não offerecer já as mais usuais commodidades ! !

Triste fim das cousas humanas ! E se esta circumstancia não explica a sua actual decadencia, então façamos como os nossos antigos e expliquemos este facto, recordando a epoca desgraçada em que n'aquella villa

se publicou a resolução criminosa de entregar Portugal à Hespanha, depois da morte do inepto cardeal D. Henrique.

Bem como Silves, que, por alguns seculos, expiou o crime praticado na pessoa de um bispo, Castro Marim está expiando a criminosa facilidade com que deu pousada a juizes, que não se envergonharam de assinar uma sentença infame e anti-patriotica.

Diz o *Santuário Marianno* a proposito de Silves: «Depois por ser esta cidade (Silves) doentia, pequena, e estar despovoada (effeitos da maldição do bispo D. Frey Alvaro Paes) se alcançou licença do Papa para se transferir a Sé para Faro.»

Diz a historia: «Havendo Castro Marim sido doada à Ordem de Christo, e privilegiada com diversos fôros e privilegios por parte de D. Affonso III e D. João II, consentiu que ali se publicasse em 7 de julho de 1580 a sentença assignada em Ayamonte, pela qual trez juizes sem amor ao seu paiz adjudicaram a corôa de Portugal a Filippe II, rei de Hespanha. E d'ahi em diante começou a decair em importancia até ha bem poucos tempos em que a acharam indigna de ser cabeça de um municipio.»

Claro é que, á luz do bom senso, a outras causas se deve attribuir a manifesta decadencia da desditosa villa.





## A moura de Alcoutim

### XXV

Em um dos mais altos serros da freguezia de Alcoutim, a dois quilometros de distancia d'esta villa, nas margens do rio Guadiana, existem os vestigios de um antiquissimo castello, cuja fundação é geralmente attribuida aos mouros.

E' sabido que a actual villa de Alcoutim é uma povoação muito antiga. Não podemos indicar em que tempo foi fundada e por quem construida, como não sabemos de outras povoações mais notaveis. Sabe-se que foi honrada com o titulo de villa por D. Affonso IV, e dotada com um foral em tempo de D. Manoel, em 1520. Foi esta villa que recebeu em seu seio os dois monarcas, D. Fernando, o formoso, e D. Henrique, de

Castella, e n'ella se ajustaram as pazes entre os dois contendores.

Sem nos preocupar a circumstancia de ter sido erecto n'esta villa um condado em favor dos primogenitos do marquez de Villa Real, entremos no assunto da lenda, que corre n'aquelle sitio.

Na parte mais elevada do serro, onde os vestigios do referido castello se encontram, está encantada uma desditosa moura. A lenda que a seu respeito corre tem tanto de antiga como de temivel. Esta lenda é ainda hoje o assombro dos medrosos, que tem de passar por ali alta noite. Diz a lenda que no local proximo do castello existe a infeliz, acompanhada de um grande thesouro.

Muita gente tem tentado desencantar a moura com a esperanza de haver á mão o thesouro; mas quando pensa pôr em execução o seu desejo, sente enfraquecer-se-lhe o animo, e falta-lhe por completo aquelle valor necessario para se tirar o esperado premio das emprezas grandiosas.

E' que realmente a empreza offerece grandes obstaculos. Diz a lenda que a monra só pôde ser desencantada mediante uma lucta entre o curioso e um monstro, ficando este vencido.

E assim é. Proximo do castello existem duas azinheiras, cujos troncos carcomidos pela acção dos tempos, atestam a sua antiguidade. E' junto d'esses troncos que paira a monra e é ali que se deve ferir o combate.

Ignora-se a razão porque a moura ali jaz encantada, mas é sabido o processo que deve ser empregado para o seu desencantamento.

Segundo a alludida lenda, quem quizer effectuar o



desencanto da moura tem de se apresentar no dia 17 de março, à meia noite, junto dos dois troncos, armado simplesmente de armas brancas. Então apparecer-lhe-á um monstro enroscado, talvez um dragão, ou uma serpente de fabulosas dimensões, sibilando furi-bunda, exactamente como o apito do comboio ao annunciar o seu afastamento das estações.

A este tempo deve o homem estar convenientemente preparado e disposto a dar-lhe o golpe certo e firme, tendo por certo que, se fôr feliz e ferir no lugar proprio o monstro, ficará desencantada a moura, e elle na posse do grandioso thesouro, se, porém, fôr infeliz.... adeus riquezas.... o infeliz será immediatamente tragado e devorado pelo monstro.

Não obstante ser extremamente appetecivel o premio, ainda até hoje ninguem appareceu a terçar armas com o monstro. E a infeliz lá continúa encantada, esperando que alguém a vá desencantar, e carpindo-se de lhe não apparecer um homem que por uma formosa mulher seja capaz de se medir com um bicho.

Estou convencido de que se fosse permittido desencantar a moura a tiro, já o bicho teria apanhado o seu balasio, arremessado por arma caçadora de algum lavrador dos sitios proximos, escondido de traz de qualquer vallado. E porque o não mataria um guarda da alfandega?





## A moura de Vaqueiros

### XXVI

Vaqueiros é uma pequena povoação, situada, em serra aspera, sobre um monte, rodeado de outros mais altos.

E' provavel que no tempo em que os mouros dominavam no Algarve, esta povoação fosse de pequena importancia; no entanto ali se encontram as tradições d'aquella raça ligadas a velhos monumentos, aindó hoje existentes.

Proximo do monte das *Ferrarias*, duzentos metros a nascente, existe uma cova profunda, que os moradores d'aquelles sitios affirmam conter em si o palacio de uma moura encantada. Este poço tem sido sempre conhecido pelo *Poço dos mouros*. Muita gente do sitio

conta que a referida moura tem apparecido a diversas pessoas.

Proximo do monte do Zambujal, a uns trezentos metros, e tambem a nascente, no lugar actualmente conhecido pela *Horta da Fonte dos Mouros*, existe ainda hoje uma fonte aberta em rocha, onde ha uma figueira, sob a qual tem apparecido uma bella moura, chamada a *princeza*, admiravelmente vestida, que pede ás pessoas, ás quais apparece, a desencantem a troco de muitos thesouros, guardados por um mouro gigantesco, cuja habitação está escondida em uma cova logo abaixo da referida horta. Esta cova é ainda hoje designada pela *Cova da moura*. Um pouco mais abaixo existe um pego, chamado o *Pego do mouro*, onde muitos affirmam estar depositado o thesouro promettido pela moura.

Para ser desencantada a moura, é mister que o sujeito trave lucta com o mouro gigantesco e o vença. E' aqui que está toda a dificuldade. Ninguem se atreve a luctar com o mouro pelo receio de ser vencido ou morto.

Não é hoje conhecida a lenda do seu encantamento, nem ainda o nome da moura, embora muitos supponham que o seu encantamento se verificasse ahi pelo tempo em que os mouros foram expulsos de Tavira, a cuja comarca Vaqueiros pertence.

Estas lendas estão por tal modo radicadas na memoria d'aquelles povos e tão estreitamente ligadas ás suas crenças religiosas, que, não obstante se considerarem fieis observadores das doutrinas christãs, ha muitos que crêem na possibilidade de um desencantamento, que esperam não esteja muito distante.

Para elles o motivo de estar ha tanto tempo encantada resulta da pouca ou nenhuma probabilidade

que qualquer tem de sair victorioso em uma lucta tão desigual.

Vaqueiros, como acima se disse, é povoação situada no interior da serra, onde, parece, pouca influencia devia exercer o dominio sarraceno, que mais se accentuou nas povoações proximas do mar; não obstante tenho verificado que é exactamente na parte do Algarve mais proxima da serra onde encontrei mais vivas as tradições dos mouros. Creio que será isso devido a que a população da serra é mais estavel. Ali se tem sempre conservado de pais a filhos atravez dos seculos. Na parte, propriamente do Algarve, e muito principalmente nas povoações á beira mar, os seus habitantes estão menos arreigados ao solo, e mudam com uma facilidade pasmosa de sitio e de provincia. Por isso as tradições têm-se conservado mais firmes entre os povos da serra, onde os costumes e a nossa lingua se teem mantido e sustentado, não obstante a lei do progresso.

Quem, ainda hoje, quizer ouvir falar á antiga moda, dirija-se a um *serrenho*. E' assim cognominado o morador da serra.





## A moura de Giões

### XXVII

Giões é séde de uma freguezia da mesma denominação, situada na serra do Algarve e pertencente ao concelho de Alcoutim. Entre os diversos sitios d'esta freguezia e os logares historicos que n'ella existem, destaca-se o serro das *Reliquias*, a trez quilometros da mesma povoação. Na parte mais elevada d'este serro existem ainda hoje as ruinas de um castello de mouros, e por isso é chamado o *Serro do castello dos mouros*. Proximo das ruinas do castello existiu uma pequena capella, intitulada a capella da Senhora das Reliquias.

De longa data corre no sitio e suas vizinhanças a lenda que no castello ou na ermida existe encantada uma rica moura, formosa e gentil, moura que



offerece grandes e valiosos thesouros ao feliz que conseguisse desencantall-a. Ha até quem affirme que fazem parte de tão rico presente uma grande dadiva representada n'uma caixa de madeira, contendo trezentas barras de ouro, de oito arrateis cada barra, e uma joieira de moedas do mesmo metal.

Diz-se tambem que estas riquezas e outras de valor mais subido se acham encerradas no serro das *Reliquias*, não se sabendo todavia o logar determinado e certo onde podem ser encontradas, sendo unanimemente acceita a opinião de que tais riquezas tinham sido ali deixadas pelos mouros para fazer companhia à desditosa encantada.

Em 1864 um individuo de Giões, chamado Francisco Martins, official de moleiro, principiou a espalhar que muitos dias havia que sonhava com o thesouro do serro das *Reliquias*, e que durante o sonho elle podera fixar o sitio do thesouro. Muitos sujeitos d'aquella povoação, entusiasmados pela perspectiva de ficarem ricos, formaram uma companhia de vinte socios, e, munidos de alferces, picaretas e outros instrumentos proprios, trabalharam dentro da area do velho castello pelo espaço de trinta dias, revolvendo todo o logar onde Francisco Martins sonhara existir o thesouro. Nada encontraram, a não ser duas moedas romanas de cobre e outra moeda do mesmo metal com a inscripção inutilisada.

Passados os trinta dias de continuo trabalho, sem nada encontrar que se parecesse com o precioso metal, resolveram os socios parar com os trabalhos e consultar um homem que se dizia *virtuoso* e que se basoafiava de saber o segredo de descobrir thesouros occultos. Este homem chamava-se Francisco Carapeto, e mo-

rava na freguezia de Sant'Anna de Cambas. Consultado o homem sobre os trabalhos a que estavam procedendo no serro das *Reliquias*, disse que não era da opinião de cessar com tais trabalhos, antes os aconselhava a que continuassem nas suas investigações, muito principalmente no centro do arco do castello.

A sociedade deu maior incremento aos trabalhos e conseguiu ao fim de trez dias encontrar o tecto de uma abobeda, medindo sessenta metros quadrados. As paredes da abobeda caída eram construídas de perfeita alvenaria, ladrilho e cal, tendo ao meio umas pinturas encarnadas e amarellas, que, na opinião de um individuo de Beja, que as fôra visitar, mostravam ser mouriscas. O solo da casa era tambem de alvenaria.

Satisfeitissima estava a sociedade com aquelle achado e mais satisfeita ficou quando os trabalhadores descobriram a um dos cantos um pote de barro enterrado no solo.

O pote porém só continha terra, e a sociedade desanimou, ficando parados os trabalhos. Foi novamente consultado o Carapeto e este mandou-os continuar na mesma faina, principalmente debaixo de uma oliveira, que existia ao lado norte do castello.

Abriram novos trabalhos no ponto indicado, mas nada encontraram. Dissolveu-se a sociedade e os trabalhos cessaram de todo.

Como é de supôr, a empreza, constituida no intuito de descobrir o thesouro, teve logo no principio quem lhe prognosticasse felicidades sem conto e desgostos sem medida. Uns achavam provavel que encontrassem thesouros, attendendo a que os mouros quasi repentinamente tinham sido violentados a largar suas casas e castellos, e por isso opinavam que nos castellos escond-

dessem todos os seus valores, esperando mais tarde rehavel-os, quando entrassem novamente na posse dos mesmos castellos. Outros, partindo da crença tradicional de que os thesouros se encontravam ali ás ordens e ás disposições de uma moura encantada, diziam que ainda mesmo que chegassem ao sítio onde existiam os thesouros, estes se lhes tornariam invisíveis.

E por isso veio novamente á balha a lenda da moura encantada.

Em 1865 resolveram dois rapazes, muito amigos, em seguida a um baile do campo, em honra e louvôr de S. João, ir tomar um banho em um grande pego, que existe no serro das *Relíquias*. Era vespera de S. João, e, segundo os costumes tradicionais d'esta provincia, os festejos celebrados n'essa noite compõem-se de tres partes: fogueiras, bailes e banhos.

Quando deu meia noite largaram os dois rapazes o baile e marcharam para o pego das *Relíquias*. Chegaram ali muito cedo, muito cansados e muito suados. Deitaram-se sobre uma grande lage, que existe á beira do pego, conversaram por algum tempo e... adormeceram.

\*

\*

\*

Quando um dos rapazes acordou viu o seu companheiro extremamente pallido e assustado. Os olhos saiam-lhe quasi das orbitas e o seu aspecto traduzia um somnanibulo ou um doido.

— Por que me não acordaste ha mais tempo?

— Pois não deste noticia do que aqui se acaba de passar?

— Não... o que foi? pareces estar a sonhar...

— Não dormi um momento : tenho estado a conversar com a moura.

— Ora . . . deixa-te de cantigas . . . vamos dar o nosso mergulho.

— Não; não me sinto em estado de me metter n'agua.

-- Vê lá, homem ; sentes-te doente ?

— Repito, não estou capaz de entrar n'agua.

O companheiro tomou o seu banho, saiu do pego, limpou-se, vestiu-se, ao passo que o seu companheiro, sentado com os cotovellos fincados nos joelhos e a cabeça pousada nas mãos, parecia insensível a tudo que o rodeava.

— Se és meu amigo, por que me não dizes o que tens ? Naturalmente adormeceste como eu, tiveste algum pesadelo e estás ainda sob a esfera da influencia do sonho . . .

-- Já te disse que não dormi e por isso não sonhei. Sabes que não costumo mentir.

— É verdade . . . queres então que eu acredite que estiveste a conversar com a moura ?

— Quero sim porque é a pura verdade.

— Então conta-me isso . . .

— Promettes não descobrir . . .

— Conta de uma vez essa couza ! . . . que diabo de historia será . . .

— Olha, Antonio, quando já dormias e eu quasi a imitar-te, senti que alguém se aproximava de nós. Ergui a cabeça, olhei para o lado direito e vi já sentada na beira da lage uma linda menina, tendo no collo uma caixa do formato e tamanho de uma joeira. Imagina que susto apanhei.

— Calculo, meu rapaz, respondeu o companheiro a

rir, dando ao seu amigo o tratamento familiar de que usavam entre si.

— Fiquei tão assustado, que a minha pallidez deu nos olhos da desconhecida, pois disse que não me assustasse, que ella, havia muitos seculos, residia n'aquelle sitio. Vi então que estava na presença da moura encantada, e quiz acordar-te. Ella disse-me :

— Não te incomodes em accordar o teu amigo ; em quanto eu aqui estiver não acordará. Eu sou a moura do serro das *Relíquias*, da qual tantas vezes tens ouvido falar, e desde 1189 aqui estou encantada. Meu pai encantou-me em razão de eu querer casar com um primo que eu muito amava. Meu pai era o rei dos mouros que habitavam no serro das *Relíquias* . . .

— Pequeno reino, por sinal, interrompeu o compa-  
nheiro . . .

— Escuta-me e falarás logo : meu pai, disse a moura, era o rei do serro das *Relíquias*, da Aldeia-Cham, Alcorgil, Alcarias e Parrascal; o meu primo habitava na Almoinha-Velha. (12) Em uma tarde de S. João fui visitada pelo meu primo, e falou a meu pai no casamento. Respondeu immediatamente que não dava o seu consentimento e, como eu lhe observasse que com outro nunca chegaria a casar, irou-se a tal ponto que no dia immediato, dia de S. João, encantou-me em uma cobra, dando-me todavia a liberdade de me transformar em outro animal, racional ou irracional, desde a meia noite da vespera de S. João até o outro dia, ao nascer do sol. E assim vivo, se isto é viver, ha quasi oito seculos.

Ora a moura era realmente formosissima. Tinha eu tido bastante tempo de lhe admirar os contornos. Estava ricamente vestida, trazendo ao pescoço um gran-

de collar de ouro, e nos braços brilhavam optimas pulseiras do mesmo metal . . .

— Aposto que te apaixonaste por ella, observou o companheiro a rir.

— Peço-te que me não interrompas. Falo-te muito sinceramente e faz de mim o juizo que quizeres. A moura continuou a fazer-me a sua historia, dizendo que durante todo este tempo apparecera a tres pessoas, pedindo-lhes que lhe fizessem o favôr de a desencantar.

O primeiro, disse, foi, ha muito tempo, o hortelão da horta do Brito. Chamava-se João Bento. O que te vou contar passou-se em 1640 . . .

— Bello tempo esse em que um punhado de valentes enchotou do nosso Portugal uma chusma de vampiros, interrompeu o companheiro.

— Ora o moleiro, continuou a moura, era casado. Em uma noite de vespóra de S. João, quando elle se deitava na cama com a mulher, espreitei-o e esperei que adormecessem. Aproximei-me então e pedi-lhe que me desencantasse em troca de muitas riquezas que eu lhe daria. O homem acordou, quiz accender a luz mas impediu-lhe que ferisse lume.

— Se então houvesse fosforos . . .

— Cala te, Antonio, escuta-me : disse a moura o homem, depois de lhe repetir que me desencantasse, resolveu-se a dizer-me as seguintes palavras : Vai lá baixo ao pé da azinheira grande e espera-me.

Fui e o homem não faltou. Apenas me viu ficou muito assustado. Perguntou-me o que deveria fazer para me desencantar. Respondi : eu agora desapareço por um pouco e volto transformada em touro, dando grandes mugidos, esgravatando com furôr a terra, e avanço com grande furia, fingindo que te quero espetar nas armas ;



e quando chegar ao pé de ti fico por um pouco parada. Deixo-te e volto novamente transformada em uma cobra monstro, dando grandes silvos e fingindo querer engolir-te; mas, ao aproximar-me de ti, retiro-me. Volto pela terceira vez transformada então n'uma donzella de vinte annos. Aproximo-me de ti e beijo-te na fronte. N'este mesmo momento entrego-te a minha caixa e juntamente todas as minhas riquezas; eu fico desencantada, e tu o homem mais rico d'este mundo.

Devo, porem accrescentar: se tu na occasião em que eu apparecer de toiro ou de cobra manifestares algum medo ou desmaiases, fazes-me um grande mal porque me redobras o meu encantamento. O João Bento respondeu-me que aceitava a proposta. Eu, porem, que nunca tentei illudir ninguem, quiz explicar ao João Bento a significação do beijo e disse-lhe que depois de receber as riquezas nada mais tinha que fazer senão ir á igreja e pedir ao seu prior que lhe tornasse a ungir com os oleos do batismo que eu lhes arrancara com o beijo.

— E o João Bento o que respondeu? perguntei-lhe.

— João Bento disse-me que era melhor adiar o desencanto para o dia seguinte antes do sol nado, pois queria pensar maduramente nas condições da proposta.

— E voltou?

— No dia seguinte mudou elle de residencia, saiu da horta, e não mais o vi. Soube que tendo consultado o prior, este o dissuadira de praticar uma obra de misericordia.

Perdi, pois, continuou a moura, a esperanza que chegara a ter no hortelão, e esperei.

O segundo, um tal José Fernandes da Almuinha-Velha, foi logo franco: respondeu-me que não tinha re-



ceio de combater o touro nem dos arremessos da cobra, por isso que era tudo a fingir, mas que não consentia que lhe arrancassem os santos oleos postos pelo seu padrinho.

O terceiro chamava-se Francisco Martins, moleiro que é ainda vivo, e que eu immediatamente verifiquei não ter força para emprender o meu desencanto.

Tu, agora, podes responder se te sentes com força de me libertar d'este inferno.

E a moura, dizendo isto n'uma expressão suave e harmoniosa, que parecia o som differido nas cordas de um bandolim, abriu-me a caixa e mostrou-me o seu conteúdo.

O que lhe havia de responder?! respondi-lhe que tinha muita pena de não poder acceitar tão amavel convite, mas que me não sentia com forças para resistir.

— E ella? interrogou o companheiro.

— Ella insistiu novamente, chorou até o momento em que acordaste. Vendo que não vencia, desappareceu.

— E estás bem certo de a ver?

— Tão certo como de falar-te agora.

— Creio que estás illudido. A lenda que acabas de contar é a mesma que eu e tu temos ouvido a toda a gente d'estes sitios. Não lhe acrescentaste a mais pequena variante. Se alguma cousa contasses de novo, para não dizer que a tinhas inventado, poderia supôr, por um momento, que tivesses realmente visto alguma cousa.

— Duvidas então da minha palavra?

— Não; creio, porém, que foi tudo uma illusão. E' noite de S. João, estavas junto da sêde da lenda, viste

ali perto o pego da moura, ouviste no baile mais de uma alusão á encantada, encontraste-te só, por que quem dorme não pôde dar grande companhia, a tua imaginação exaltou-se e... viste a moura.

— Se lhe falei, e ella respondeu-me...

— Desconheces certamente até onde chega a força da sugestão...

— Enganas-te: vi a moura como te vejo ahi, falei-lhe como te estou falando, ha apenas minutos.

— E por onde se safou ella da tua presença?

— Saltou no pego e desapareceu.

— Portanto ha entre o pego e a sua residencia uma communicação occulta. Diz a lenda que ella reside lá em cima na cisterna. Veremos amanhã isso.

— Mas, pôde succeder que não encontremos essa communicação, todavia eu tenho a certeza de que lhe falei. Uma cousa me pediu ella.

— O que te pediu?

— Guardasse segredo.

— Pois sim.

No dia seguinte toda a gente falava no apparecimento da moura encantada no serro das *Reliquias*. Se o segredo nem sempre é guardado por um... como por dois...

No entanto um dos rapazes do dialogo que acabo de descrever, o mesmo cavalheiro que me deu todas estas informações, vendo o seu amigo victima de uma horriavel sugestão, envidou todos os esforços em convencel-o do seu erro. Dois ou trez dias depois combinou com elle uma caçada e dirigiram-se ambos para o serro das *Reliquias*. Lá em cima aproximou-se do castello, e disse para o amigo:

— Vamos fazer uma experiencia ainda que me custe cara.

— Que experiencia?

— Lanço á cisterná um dos meus podengos. Quero ver se elle encontra a tal communicacão subterranea; se morrer, perdi um cão.

E assim foi resolvido. Como a excavação era em declive, pozeram o cão a caminho, empurraram-n'o, e fecharam a entrada com diversas taboas que ali encontraram.

O cão começou a ganir no precipicio, ouvindo-se perfeitamente por algum tempo os latidos. Depois de algum tempo estabeleceu-se na cisterna um profundo silencio.

— Naturalmente encontrou-se com a moura, dizia um dos rapazes, o Antonio.

O outro não respondeu.

Esperaram mais de um quarto de hora, applicando atentamente o ouvido, e debruçando-se para dentro da cisterna.

Passados uns vinte minutos, o que designo pelo nome de João, disse em voz alta:

— Ora esta!

— O que é?

— Está aqui o cão.

Effectivamente tinham ao seu lado o podengo, que sacudia a agoa do pello, com toda a semcerimonia.

Ficaram então convencidos de que a cisterna tinha alguma rotura por onde o cão se escapara cá para fora.

— Repito a experiencia, mas quero primeiro tomar as minhas medidas providenciais. Tu ficas aqui, mettes o cão na cisterna e faze um tiro com a tua espingarda, eu vou collocar-me lá em baixo junto do pego onde tomámos o banho. Vou ali espreitar ou antes esperar o podengo, propoz o Antonio.

E assim foi resolvido : o João ficou junto da cisterna, e o Antonio dirigiu-se para o pego. Logo que este ali chegou, fez um tiro, sinal adotado para o seu companheiro e amigo lançar o podengo á cisterna ; o outro fez tambem um tiro.

Passados momentos sentiu o rapaz, que ficara proximo do pego, uma respiração apressada, e quasi ao mesmo tempo apparece o cão, por debaixo de um aloendreiro, saltou ao pego, e saiu nadando para a outra margem. A este tempo appareceu o seu companheiro. Então ficaram ambos convencidos de que havia realmente communicação do castello para o pego.

— Já vês que a moura pôde muito bem desaparecer por aquella communicação, observou o que affirmava ter visto a moura.

— Vamos agora discutir mais a sangue frio a tua visão. Crês que exista ha mais de sete seculos uma moura aqui encantada, conservando a mesma formula do seu tempo de moça ?

— Eu não discuto agora crenças, nem quero que entres em tal assunto : os sentidos corporais são tambem fontes dos nossos conhecimentos. Eu disse, digo, e hei de dizer que na madrugada do dia de S. João vi a moura, vi-a e ouvi-a. Discute portanto se eu sou cego ou surdo.

— Podes muito bem suppôr que viste uma coisa que não viste e que ouviste o que não ouviste. Os nossos sentidos são muito falliveis. Creio que a boa logica ou a boa hermeneutica estabelece regras por onde nos devemos orientar na explicação e uso dos nossos sentidos.

— Não contesto. E' porém notavel que os meus sentidos funccionassem bem antes e depois do appareci-

mento da moura e se deixassem completamente illudir durante a longa discussão que com ella tive.

E é certo que o mancebo está tão convencido de ter visto a moura que ainda hoje sustenta isto mesmo. Chamei-lhe mancebo, hoje já passou a linha da idade marcada aos mancebos.

Por todos os sitios que rodeam o serro das *Reliquias* foi espalhado este caso, aliaz celebre. Começou-se novamente a falar nas riquezas depositadas na parte subterranea do castello, e os trabalhos, que tinham ha muito cessado, repetiram-se logo depois em 1886 e 1887. Novos desenganos pozeram fim a tais trabalhos; ultimamente, porém, em fevereiro e março do corrente anno, continuaram mais uma vez nos mesmos estudos.

Pois que cheguei ao fim da lenda, devo dar algumas explicações.

Não nos devemos surprehender de que a moura desse ao seu pai um tão pequeno reino. No tempo dos sarracenos, Silves, Mertola e Ourique formavam trez reinos. A historia antiga de Portugal affirma que D. Affonso Henriques combatera em Ourique cinco mouros. Quasi o mesmo succedia no tempo dos romanos relativamente á nossa provincia.

Tambem parecerá pouco crível que os sitios pouco habitados das *Reliquias*, *Alcarias-Chan*, *Alvorjel*, *Alcarias* e *Carrasqueira* podessem em outros tempos fornecer elementos de vida a um reino. E todavia nada ha menos fabuloso. Parece que n'aquelle tempo a nossa serra se achava em perfeitas condições de existencia. Fica-se pasmado da grande civilisação que forçosamente em epocas remotissimas se manteve em Salir, Alte e Querença! A cada passo encontramos n'aquel-

las freguezias, muito principalmente na de Salir, restos pasmosos de uma adiantada civilisação.

D'esta lenda e outras publicadas parece dever-se concluir que os mouros costumavam estabelecer communicações subterraneas dos seus castellos para fóra ; e n'isto é tão constante a lenda, que em nenhuma parte da nossa provincia se encontra uma furna ou caverna de origem antiga, que não affirmem communicar com o castello mourisco mais proximo. No Algôs, em Aite, Salir, Querença, S. Bartholomeu de Pechão, Luz de Tavira e quasi todas as povoações, onde se encontram aberturas, no terreno, de maior vulto, existe na tradição do povo a ideia d'essas communicações com os mais proximos castellos dos mouros.

E' cousa de que ninguém pôde duvidar que os mouros eram habilissimos em trabalhos subterraneos. As chamadas *matamorras* ou *matmorras*, encontradas nas povoações por elles habitadas, são realmente um trabalho perfeito no sen genero. São ellas celleiros subterraneos, do feitio de uma cisterna, com tres ou quatro braças de alto e largura em proporção, em que os mouros muito previdentemente, como já tive occasião de affirmar, costumavam guardar os trigos, depois de debulhados, limpos, e, estando frios, os cobriam com alguma palha e terra. Ali se conservavam os trigos sem corrupção nem gorgulho até dois e mais annos. D'este vocabulo *Matamorra* veio talvez a nossa palavra *masmorra*. .

Quem sabe se a dura experiencia os obrigou a estar prevenidos contra os ataques subitos dos christãos, por aquelle processo de sair do castello para fóra subterraneamente ?

O modo barbaro e cruel por que foram recebidos os



mouros de Silves por occasião da tomada do seu castello no tempo de D. Sancho I, e outros casos anteriores, deviam necessariamente despertar entre os mouros a ideia de tais communicações. E n'isso, diga-se a verdade sem rodeios, andaram perfeitamente : os nossos antigos eram de uma temivel ferocidade com os mouros. Os portuguezes que cercaram Silves, e os seus auxiliares, podem dar a mão aos actuais povoadores de Riff.







## A moura de Silves

### XXVIII

Silves foi capital dos mouros no tempo em que estes dominavam no Algarve. Tinha então o nome de *Chelbes* e ao Algarve chamavam *Chencir*.

Não é facil hoje fazer a historia da velha cidade, cuja origem remonta a distantes epocas, e é assaz difficil historiar os diversos combates feridos junto dos seus muros, desde D. Fernando o grande até D. Affonso III. No entanto não posso deixar de historiar resumidamente os combates no tempo de D. Sancho I e D. Affonso III pois que os considero principal origem das lendas, que ali correm respeitantes ás mouras encantadas.

O autor da *Derrota Naval* escrita por um cruzado,

que assistiu á tomada do castello de Silves, no tempo de D. Sancho I, escrevendo ácerca da importancia da capital mourisca, diz:

«O estado de Silves he tal qual passo a descrever. Em grandeza não discrepa ella muito de *Goslar*, todavia tem muito mais casas e manções amenissimas; he cingida de muros e fossos de tal arte que nem huma só choupana se encontra fóra dos muros.»

Em outra passagem, depois de ter feito a discrição dos assaltos contra os muros da cidade, dos combates travados dentro dos subterraneos, onde se encontraram, e finalmente do lastimoso estado dos mouros no momento de sairem da cidade, diz assim:

«Silves era cidade muito mais forte do que Lisboa e dez vezes mais rica e com edificios de mais valor. Asseveravão os Portuguezes que em toda a Hespanha não havia terra mais forte nem que mais damno fizesse aos christãos.»

Do combate em tempo de D. Paio Peres Correia escreve um *cronista*, que o illustre critico Frei Joaquim de Santo Agostinho suppõe ser quasi contemporaneo d'aquelle combate:

«... e ho mestre como sobe que alamafom Rey de Silves era fora alcouce loguo de sobre paderna e vei-hocé lançar sobre silves. alamafom indo para a torre de estombar achou novas que não era ali ho mestre e que não estava alli mais gente que aquella que tomara a torre e a defendiaõ porem quiz lá chegar e loguo mui á preça se tornou para a villa e loguo se temeo do que era e ho mestre lançoulhe huma sillada que lhe tinha já tomado as portas e as gentes repartidas por ellas e ElRei alamafom quando isto vio querendo entrar por força por a porta que chamão de

*Zoya* porque era luguar dezembarguado encontrouce ali com ho mestre que tinha a guarda della e ElRei moro vinha com todos os sens juntos e ali se vio ho mestre com grande trabalho com elles e foi a pelleya com elles em um campo fora..... e ElRey moro andou pela villa em derredor e quizerace acolher pelo postigo da traição..... e achouo cerrado e então de desesperação deo de esporas ao cavallo e fugio e passando por hum pego afogouce ali e o acharão morto agora chamam aquelle luguar o pego de alamafom (*hoje pego do pulo*).»

E d'esta vez ficou Silves engastada definitivamente na corôa portugueza.

Estes dois combates de que falei foram origem de diversas lendas.

Escreveu um algarvio «a creuça nas mouras encantadas data principalmente do seculo XIII, logo depois da conquista geral do Algarve, feita pelo quinto monarcha portuguez, epoca a que alguns cronistas attribuem certas visões miraculosas.»

E' certo que as lendas de mouras encantadas nasceram e se divulgaram pouco mais ou menos n'aquella epoca, mas deve-se ter em devida consideração que já n'essa epoca existiam na memoria do povo lendas maravilhosas de fadas e encantamentos que chegaram até-nós.

O que o povo fez n'aquella epoca foi substituir os *principes* e as *princezas* pelas *mouras* nos seus contos de encantamentos. Estou ha muito tempo convencido de que as lendas de mouras encantadas não passam de uma nova modificação dos contos antigos, operada pelas ideias da epoca quasi unanimes em attribuir aos mouros profundos conhecimentos das artes magicas.

E' tempo de entrar no assunto.



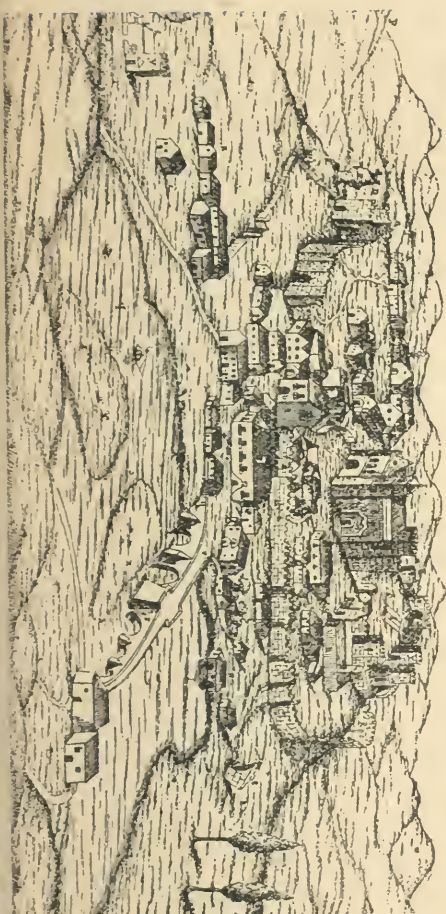
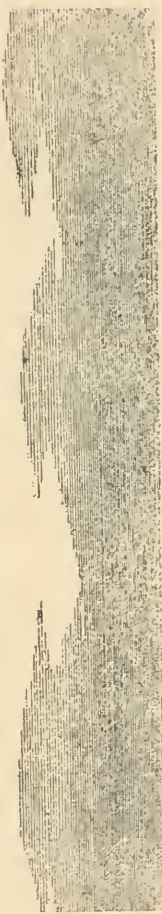
As noites de S. João no Algarve symbolizam uma verdadeira religião tradicional, cuja crença se conserva de seculos arreigada no coração algarvio. Convenço-me de que de longa data tem sido festejada a noite consagrada ao santo glorioso. Os mouros igualmente festejam o mesmo santo, segundo se vê nos livros antigos. Por isso talvez a maior parte das lendas de mouros teem o seu enlace ou desenlace n'aquellas noites.

«Na cidade de Silves, á hora fatidica da meia noite, escreveu o illustre autor do *Romanceiro do Algarve*, mas da meia noite de S. João, é crença popular transmittida de seculos, que uma gentil moura atravessa em seu barco as aguas da cisterna da cidadella, assim como, á mesma hora, no antigo castello de Tavira, outra musulmana apparece sobre o terrado superior, vestida de alvas roupagens, magestosa e bella, como a alvorada d'aquelle dia.»

Como a poetica veneziana em gondola de ouro e marfim, a triste e desditosa moura de Silves, á clari-  
dade de uma luz coada pela boca da cisterna, entôa cantares de uma singeleza atraente ao som dos remos de prata sobre as aguas de cristal.

A cisterna de que reza a lenda é muito funda e está construida com solidez e primor. «A sua abobeda, no dizer de um algarvio benemerito, está sustentada por quatro ordens de columnas, que formam outros tantos arcos, comprehendendo cinco naves. Recebe a agua que cai no ambito da abobeda pela parte exterior e em tal abundancia que se conserva ali todo o verão.»

Que estrofes de bella poesia não entoará no fundo







da cisterna a bella moura ! Que segredos de antigos amores balbuciarão aquelles seus labios empallidecidos !

De Silves reza a *Bibliotheca Hispanica* maravilhas em prosa e verso. Insignes poetas mouros dedilharam ao som do arrabil os seus proprios versos. Poetaram á maravilha dentro dos muros da velha cidade Abdelmalekus Ben Abdala, Ahmad Ben Casa, Abu Baken Ben Sockan e Abulualid Ismael. (13) Qual d'estes será o preferido pela moura gentil, quando, um pouco para traz reclinada, imprime movimento com os seus remos de prata á sua barca de marfim e ebano ?

Deixo porém a desditosa para fazer menção de outras lendas.

Antes da construcção da estrada que circunda os muros de Silves, havia um caminho tortuoso e mal limpo de que as lavadeiras faziam uso quando se dirgiam para um ribeiro, que lhes serve de lavadouro. Rara era a vez que por elle passavam, antes de romper a manhã, e ao meio dia em ponto, que não vissem postado de pé no mais alto dos muros um bello mouro, vestido de amarello, de grande chapéu na cabeça, acenando-lhes com a mão e promettendo-lhes a sua felicidade se d'elle se approximassem.

Nenhuma tem ousado aproximar-se-lhe, antes, apenas o avista, poe-se de corrida. Então sobre ella cai uma chuva grossa e desabrida, como agua de pedra, de que nem tenta resguardar-se, porque mal lhe dá o tempo para correr com a sua troucha debaixo do braço. Quando as pobres chegam ao iogar e se suppoem molhadas, verificam então que nem uma pinga lhes caiu sobre a roupa.

Ha annos que o mouro não apparece. Seria acaso desencantado por alguma lavadeira mais caritativa ?

Creio que não. E' sabido que o mouro encantado prefere a vida isolada. Dezeja estar só, apparecendo quando lhe àpraz. Ultimamente, ha tambem alguns annos, a camara de Silves aproveitou os muros, transformando-os em prisões, e com essa obra nova coincidiu o desaparecimento do mouro.

Conserva-se ainda ali o triste mouro, affirmam-n'o todos os prezos. Em todas as noites, de verão ou de inverno, quando o sino do relógio dá as ultimas badaladas da meia noite, sentem todos um estremecimento horrivel, ouvindo distintamente mecher em papeis. Teem propositadamente feito todas as experiencias no intuito de inquirir da origem d'aquelle phenomeno. Nada teem conseguido. Quem meche em papeis? Certamente alguém: é o mouro, dizem todos a uma voz.

Tristissima deve ser a vida do infeliz mouro se é que o encantado vive! Se, ao menos, como a moura, elle podesse cantar, poder-se-ia applicar o dito —quem suas maguas canta seus males espanta!

Entrou ha muitos annos em casa de certa mulher da cidade, e de quem resta uma filha, hoje adiantada em annos, uma sua vizinha.

— O seu filho está em casa?

— Sim, vizinha, está no quintal; hoje não pôde ir á pesca: está mau o tempo. Quer-lhe alguma cousa?

— Dezejo apenas que a vizinha consinta que elle me acompanhe.

— Vai para muito longe?

— Não saio da cidade... Aqui para nós, que ninguem nos ouve, desejo que elle me acompanhe até á cisterna da moura.

— Com que fim, vizinha? perguntou a mãe, torcendo um pouco o nariz: sinal de desagrado.

— Quero ir desencantal-a.

— Conhece-a ?

— Tenho-a ouvido muitas vezes cantar. Ai que lindas cantigas!...

— E como a quer desencantar ?

— Ora... sei umas palavrinhas a que ella não resiste. Em uma occasião pronunciei com certo intuito as palavrinhas e fiz apparecer na minha presença, n'um momento, um homem de Faro. Olhe, vizinha, estava em mangas de camisa, calçando uma piuga e appareceu-me no mesmo estado com a piuga nas mãos.

— Ai! Mãi Santa Bemdita!... não consinto que o meu filho se aproxime da moura... não succeda que ella lhe roube os santos oleos.

N'este momento entrou o filho em casa.

A vizinha expoz o assunto ao rapaz, por signal um robusto e valente moço, tanto no mar como em terra.

O rapaz ouviu e respondeu :

— Não quero ir.

— Tens medo ?

— Nunca conheci o que fosse medo, mas não gosto de me metter em negocios de mulheres. Quando ás vezes, de noite, encontro dois homens, salto-lhes á frente e digo: Deus vos salve camaradas; se porém encontro uma mulher, esgueiro-me e digo comigo: aonde irá esta barcaça dar o costado; e não sou capaz de a seguir. Nada, nada, não gosto de tais empresas.

A vizinha saiu em seguida. Este caso, que foi narrado pela propria irmã do rapaz, é hoje por todos sabido.

Creio que a moura não foi desencantada porque, já depois d'aquelle facto, ella tem sido ouvida no seu reino das aguas da cisterna.

Antigamente quasi se pode dizer que em cada um

predio da cidade havia uma lenda de mouras encantadas ; hoje, porém, estão de todo esquecidas. O tempo que tudo consome até acabou com estes restos de uma antiga poesia.

\*

\*

\*

Nos arredores de Silves correm igualmente algumas lendas de mouras ou mouros encantados. A maneira como os mouros construiam subterraneamente os seus celleiros, a que chamavam *matamorras* ou *matmorras*, deu azo a que cada habitante de hoje supponha ter por baixo da sua casa uma moura encantada.

O chamado *Pego do Pulo*, onde morreu Aben-Afan, rei mouro, por ocasião da tomada do castello por D. Paio, foi por muito tempo séde de uma lenda. Um hortelão, que viveu por muito tempo em uma horta á entrada da ponte de Silves, contava que em todas as noites, á meia noite, elle e sua familia ouviam o barulho que causa o saltar de um cavallo sobre grande massa de agoa, e ao mesmo tempo as seguintes palavras em voz muito alta :

— Salta, meu cavallo. Vejo lá em cima as almenaras.

E depois seguia-se um profundo silencio, durante o qual a familia do hortelão fazia o signal da cruz.

No lado oriental da cidade, quazi a trez quilometros de distancia, ergue-se um outeiro conhecido pelo *Monte das Cabeças*. Este outeiro ou serro fica na parte opposta ao ribeiro do *Enxerin*. Suppõe-se que ali existia o cemiterio dos mouros, se é que as muitas sepulturas ali encontradas não teem origem mais antiga. Encontrando casualmente no sitio do Monte do Boi, fregue-

zia de S. Bartholomeu de Messines, uma mulher do *Enxerin*, falei-lhe no referido serro.

— E' o cemiterio dos mouros, respondeu immediatamente.

— E quem lhe disse que era ali o cemiterio dos mouros?

— Sempre ouvi dizer isto aos meus pais; e o que tenho presenciado confirma o mesmo.

-- Presenciado?

— E' verdade. E o senhor, se quizer, pode tambem ser testemunha.

— Como?

-- Subindo ao cume do serro em a noite da vespóra de S. João. Talvez desça mais depressa do que suba.

Não comprehendi esta resposta, proferida n'um modo de quem me queria ridicularisar e a mulher leu em mim o juizo que formulara o meu espirito, porque accrescentou:

— Eu lhe digo, na noite de vespóra de S. João costumam os mouros e mouras encantadas visitar os seus parentes mais felizes morreram e ali foram enterados.

— Já lá os viu?

— Muitas vezes. N'essa noite vagueiam reunidos por todo o serro e só desaparecem quando rompe a alvorada.

— Fala-se muito no seu sitio em mouras encantadas?

— Muiissimo. Não ha por ali cisterna, poço velho, *matamorra*, fonte ou caverna, onde não esteja uma triste encantada. Quando eu era criancinha falava-se muito n'isso. Hoje menos.

— Talvez as mouras ou os mouros tenham morrido.

— Os encantados não morrem nem vivem...

— Isso não será fácil.

— Olhe, em Lagos ha uma mulher doente, que passa seis mezes, sem comer, nem beber, nem falar. Os medicos dizem que é uma cataple...

— Catapletica.

— Exactamente. Ora quem tem força de alterar a lei do mundo por seis mezes certamente tambem pode alterar a mesma lei por seis seculos.

Convença-se de que a Deus nada é impossível.

E a mulher despediu-se, deixando assombradas as mais pessoas que a ouviam atentamente, como ella, crentes no apparecimento das mouras encantadas.





## O encantamento do Algôs

### XXIX

O Algôs é povoação muito antiga. Suppõe-se que já existia no tempo dos romanos, pois que, a dois quilómetros da povoação, existe o sitio da *Amoreira*, onde teem sido encontradas moedas romanas e muitas sepulturas.

Diz a lenda que por ocasião de D. Fernando I, rei de Leão, atacar Silves, passara pelo Algôs, e então um dos seus cabos de guerra disse para o monarca :

— Passemos avante : isto não tem importancia.

— *Algo es*, respondeu o rei, que tomou a povoação à força de armas.

D'ahi em diante ficou esta povoação sendo conhecida por Algoes, mais tarde Algôs, que muitos erradamente escrevem Algoz.



A trez quilometros da povoação ha um sitio conhecido pela denominação *Azinhaga das Quintas*. E' um sitio escuro e sombrio, que fica no caminho para o sitio da *Cabeça d'Agua*. De remotas epocas vem a lenda que dá como encantado na *Azinhaga das Quintas* um moiro na figura de um carneiro.

Toda a gente fala no carneiro, poucas pessoas, porém, até ha uns trinta e cinco annos, o tinham visto.

Em certo dia de maubã, correu pela povoação uma noticia, que poz toda a gente de sobresalto. Era o caso que, na antecedente noite, pelas 12 horas, passando pelo sitio da *Azinhaga das Quintas* um sujeito, do sitio das Ferrarias, chamado Manoel Botão, vulgarmente conhecido por Manoel Botanito, tivera precisão de sair da estrada a satisfazer uma necessidade corporea. No momento de se baixar sentira uma formidavel pancada nas costas, que o homem affirmava ser uma grande marrada do carneiro encantado.

Esta noticia correu com insistencia e foi no mesmo dia confirmada pelo proprio Manoel Botão, que tinha chegado da sua casa, montado em um jumento, no intuito de mostrar ao medico Vianna as suas costas maltratadas.

Toda a gente quiz ouvir do queixoso como se passara o facto, e elle singelamente o narrava como fica dito.

Ora entre muitos que ouviram a narração houve um que formulou as suas duvidas.

— Talvez *ocê* tivesse saído do povo um pouco *enxofrado* e desse alguma queda.

Alludia ao facto do Botanito, sempre que vinha á povoação, beber a mais uns decilitros... de vinho.

O Botanito não gostou da observação e respondeu

rudemente que não costumava cair com bebedeiras e muito menos de costas.

— Mas... viste o carneiro? perguntou-lhe o velho João Henriques, do Monte do Sobrado.

— Não o vi, mas senti e sinto ainda a marrada. Quando de corrida me affastava do logar ouvi perfeitamente os *berros* do carneiro.

Esta declaração causou susto aos crentes em sortilégios. Manoel Botão bebia a sua pinga, mas nunca mentia.

— Sempre ouvi dizer aos meus avós, dizia uma velha, que por ali andava um mouro encantado.

— E' verdade, é verdade, confirmaram muitos que estavam presentes.

.....

Passados alguns mezes gabou se certo maioral de gado lanigero, de que estando de guarda ao seu rebanho, que pastava em uma relva alheia, sentiu passos na estrada. Occultou-se por detraz de uma arvore, pronto a dar o signal de fuga ao gado, caso o sujeito fosse o dono da relva. Então vira o Botanito, que, saltando fóra da estrada, se foi baixar mesmo ao seu lado, sem que fosse visto. No momento mais critico dera-lhe uma formidavel pancada nas costas, que o poz a correr em aberta carreira.

Em breve divulgou-se esta noticia. Não obstante, muita gente não lhe deu credito.

— São *gabazolices*, diziam uns.

— Que elle era capaz de roubar a relva, não merece duvida, diziam outros.

E ainda hoje corre com insistencia que o carneiro encantado apparece a muita gente.



## A moura de Pera

### XXV

Pera é uma bonita povoação, situada á esquerda da estrada districtal de Faro para Lagos, em logar um pouco elevado. Antes de 1683 esteve Pera annexada á freguezia de Alcantarilha: foi o bispo D. José de Menezes quem fez a separação das duas freguezias, Pera e Alcantarilha.

Proximo da povoação de Pera ha uma excellente horta pertencente ao meu velho amigo, o ex.<sup>mo</sup> sr. Francisco dos Santos Xavier, cavalheiro honrado e bemquisto, d'aquella povoação. Ao entrar na horta, pelo menos no tempo em que ali estive, ficam-nos á esquerda o tanque e a nora. A um canto d'esse tanque estão enterradas grandes riquezas, que um rei mouro ali deixou.

Ignora-se a razão d'esse facto e o que resta ainda na memoria do povo é o seguinte :

Um rei mouro encantou n'aquelle logar, em serpente, uma filha sua e deu-lhe como guarda um enorme carneiro. Como disse não se sabe da razão porque o pai encantou a filha. Naturalmente, e segundo se deduz das declarações das pessoas idosas, foi causa do encantamento negar-se a filha a casar com um snjeito muito mais idoso do que ella e, demais, irmão do pai.

Todayia, não obstante os desgostos do velho rei mouro por a filha não obedecer à sua real vontade, o desencanto da filha está dependente de uma operação muito simples. Quando o velho a encantou, disse :

— E aqui permanecerás encantada até que qualquer mortal se lembre de apanhar o rouxinol que de hoje em diante, vier cantar em noite da vespóra de S. João, na arvore fronteira ao tanque.

E effectivamente, desde o encantamento da desditosa moura, ali tem cantado todas aquellas noites um rouxinol sobre as arvores frondosas d'aquella bonita horta, mas ninguem tem podido apanhar o plumoso cantor.

Suppõe-se que o tio da moura encantada seja o carneiro que a guarda, o rouxinol o namorado preferido pela moura, mas essa supposição, quasi tão antiga como o encantamento, apenas tem em seu favor a tradição constante.

No principio muitos rapazes tentaram apanhar o rouxinol, mas hoje já ninguem pensa n'isso por ver que é muito difficil.

E os grandes thesouros ali jazem escondidos aos olhos mortais, e ali permanecerão por muitos annos, porque a mocidade de Pera, actualmente, alira-se a negocios mais positivos e de menor difficuldade. Esta-

mos realmente no fim de um século para entrar n'outro, que se nos afigura essencialmente positivista.

Em Pera encontrei ha dias um rapaz a quem perguntei por que não tentava apanhar o rouxinol.

— Se eu quizesse apanhava-o, armando-lhe um laço, mas depois?

— Não te entendo.

— Eu apanhava o rouxinol, dirigia-me com elle para o tanque, e depois?

— Aparecia-te a moura, agradecia-te o serviço, e dava-te a *dinheirama* escondida no centro da terra.

— E o carneiro?

— Cumprida a condição do desencanto o carneiro nada tinha que fazer.

— Isso seria uma mina, mas não creio. O mouro despeitado por ver a sobrinha casar com o mancebo era capaz de me fazer alguma traição. Nada, nada, prescindindo das riquezas, e prefiro conservar-me christão, como meu pai e meus avós

E o rapaz continuou o seu caminho, cantando umas musicas algarvias.

Estou portanto convencido de que o sr. Santos Xavier ali terá de supportar a moura em figura de serpente por muitos annos.

Felizmente não se tem ella tornado muito incommoda. A rapaziada do povo, todavia, teme-a, e os velhos receiam de se approximar do tanque, logo que começa a escurecer.







## A encantada do Porches

### XXIX

Porches, o velho, a uns tres quilometros de distancia da actual povoação do mesmo nome, foi em tempo dos mouros uma praça forte com o seu castello bem defendido.

Da velha povoação e do seu respectivo castello restam ainda alguns vestigios dispersos, que bem denotam a sua primitiva importancia. Não é facil indicar o dia e anno em que D. Affonso III tomou posse do castelo, mas sabe-se que este monarca d'elle fez doação a D. Estevão Annes, seu chancellor, em fevereiro de 1352.

Proximamente ao castello passa um ribeiro, hoje conhecido pela ribeira do Valle do Olival, sobre o qual

os mouros mandaram construir uma famosa ponte, de que resta apenas um pilar ennegrecido pela acção do tempo.

Conta a tradição e refere a lenda que passando junto do pilar em certa noite um homem d'aquelles sitios ouvin, não muito distante, umas vozes tristes de pessoas que se lamentavam. Pensou elle que alguém necessitava talvez de auxilio na passagem da ribeira, um pouco caudalosa, n'aquelle sitio, e, para se certificar, prestou maior attenção e fixou o ponto de onde vinham as vozes. Em breve distinguio duas pessoas: um homem e uma jovem, vestidos á maneira dos mouros. Facilmente conheceu as vestiduras, pois havia apenas alguns mezes que tinham sido expulsos da provincia os sarra-cenos.

Em seguida a algumas palavras proferidas pela jovem e que o homem não percebeu, falou o mouro mui distinctamente pela seguinte forma:

—Aqui ficarás encantada, filha querida da minha alma, por longos tempos, pois que enquanto não fôr roçado todo este mato, o seu terreno semeado de oregãos, substituidos estes pela vinha, e esta já em estado de não dar fructo por ser velha, não tornarás ao aduar de teus pais, a patria amada dos nossos maiores.

Emquanto o mouro proferia estas palavras estreitava ao coração a filha, que soluçava.

Ficou o homem dolorosamente impressionado com aquella scena, que não durou por muito tempo, pois que tudo desaparecera n'um momento, apenas o mouro acabara de falar.

Afastou-se temeroso do sitio e contou no dia seguinte a varias pessoas o que ouvira na noite antecedente.

Corren em breve a noticia do encantamento, muitos christãos porem duvidaram da sua veracidade. Passados alguns mezes deu-se um caso que assombrou a todos.

Passava em certo dia por aquelle sitio uma pobre mulher com a sua alcosinha debaixo do braço, pedindo esmola, viu junto do referido pilar uma esteira com figos ao sel. Ficou ella surprehendida não só porque n'aquella epoca não havia figos nas figueiras, mas porque nem figueiras ali havia por estar todo o terreno coberto de matto expesso. Para se certificar de que eram figos, aproximou-se da esteira e tirou um punhado que metten na alcôfa. Mais adiante abriu a alcôfa e então foi maior a sua surpresa: em vez dos bellos figos encontrou-se com valiosas moedas de ouro puro. Arrependida de não ter tirado da esteira maior porção, voltou ao lugar, onde a encontrara. Experimentou então o maior dos desenganos: desaparecera a esteira; não encontrou mais figos.

Espalhou em seguida por todos os sitios a noticia da esteira com os figos de ouro, e então ficaram todos convencidos de que o homem, que presenceara o encantamento da moura, estava em seu juizo perfeito e que vira realmente o que contara.

E ainda hoje muita gente do sitio crê piamente no encantamento da moura, porque, além do facto que dei-xei contado, muitos outros se teem succedido que mais e mais confirmam existir junto do pilar uma desditosa moura encantada.





## Estombar

### XXXII

Um cronista, referindo-se á conquista do Algarve, e escrevendo acerca da tomada do castello de Estombar, exprime-se assim :

«Ganhou mais D. Paio Peres Correia aos mouros auzulltrel... e n'este luguar ouve concelho com os seus cavalleiros de que maneira podiam ir ao reyno do al-guarve mas todos em hum accordo por receiarem a grande passagem da serra lhe estrovavão e ho mestre... veio a fallar com um mercador que andava vendendo as suas mercadorias a que chamavão Guarcia Rodriguez (11) e descobriu-lhe a elle a sua vontade e este divisou-lhe o luguar por onde melhor passaria e levaria as suas gentes mais a seu salvo e então cavalga-

rão os almogaves do mestre e partirão de auzulltrel e passarão a serra pela torre de ourique... e ao primeiro luguar que chegarão foi á torre de estombar e aprouve a Deus que a tomarão mui a seo salvo.»

Mais tarde, affirma o mesmo cronista, por proposta dos mouros de Silves, trocou D. Paio Alvor e Estombar pela villa de Cacella, troca que Brandam Part. 4 liv. 14 cap. 19 põe em duvida e até contesta. Seja como fôr, é certo que o castello de Estombar — *abenabeci* — era n'aquelle tempo mui poderoso.

De mouras encantadas restam apenas umas vagas referencias. Diz-se que em uma furna, proximo do rio de Silves, mas em terreno pertencente á freguezia de Estombar, ficara encantada uma criança moura, cujos vagidos ainda hoje se fazem ouvir á meia noite e ao meio dia. Esta criança está deitada em um berço de ouro e espera ser desencantada a todo o momento. Debalde porém espera ha sete seculos !

Ha na freguezia de Estombar um sitio conhecido por *Preza do Mouro*. E' de suppôr que o nome do sitio prenda com alguma lenda, hoje, porém, completamente esquecida.

Do que escreveu o alludido cronista conclue-se que Estombar foi a primeira povoação tomada aos mouros do Algarve pelo valente D. Paio, e que, depois de a ter trocado com Alvor por Cacella, a retomou. E' assim que elle relata este ultimo facto.

«...foi o mestre (D. Paio) a sellir e tomouo por força e então foi cercar paderna que he hum castello forte e mui bom de grão comarca em de redor entre albofeira e a serra e estando sobre elle mandou gente ao termo de silves que focem tomar a torre de *estombar* que d'antes fora sua e foram lá e ouverãona outra vez.»

Do grande poderio do velho castello de *abenabece* hoje apenas restam desnorteadas lendas e completas ruínas! . . .

O muito reverendo paroco de Estombar, o sr. Negrão, mais nenhuma noticia me pôde referir, além da do mourinho encantado no seu berço, e estou convencido de que, se mais alguma houvesse, se apressaria em communicar-m'a.







## A zorra berradeira

### XXXIII

O povo do Algarve fala da zorra berradeira com medo horrivel. Diversas são as opiniões que correm a respeito d'esta entidade malfazeja.

Uns afirmam que a zorra berradeira é uma transformação de moura encantada. Certa moura encantada, desejando escapar-se aos funestos effeitos do encantamento, rebelara-se contra Allah, que a castigou, desgarrando-a e tornando-a objecto de odio de toda a gente, mouros e christãos.

Outros sustentam que aquelle ser horrivel é a alma penada de uma velha, em vida muito má, e que respondia a quem lhe censurava a sua vida escandalosa:

—N'este mundo anda-se como se quer.

Porque no outro nada podem saber.

De noite, a deshoras, tem muita gente ouvido berrar, nos cumes dos mais agrestes serros, a zorra fatal. Vista de longe parece uma cabra, de mais perto uma immunda ave, de enormes dimensões, com as azas manchadas e sujas. É o verdadeiro retrato das arpias de outras eras.

Pessoas ha que teem sido accommettidas de noite pela zorra berradeira e se tem visto em grande perigo. Salta sobre o individuo com uma força enorme e no mesmo momento, como um velo arremessado pela força do vento, vai pouzar sobre o serro mais alto. Exala de si um vapôr immundo e nojento, e, berrando, atrôa serros e vales.

Em muitos concelhos do Algarve é a zorra berradeira muito mais temivel do que as mouras encantadas ou de que as bruxas.

Parece que nos seus berros só annuncia desgraças e maldades.

Emquanto as *Gens* ou *Jens* são uns seres bem fazejos e queridos, a zorra berradeira é má e odiada por toda a gente.

A zorra berradeira é verdadeiramente a transformação das *furias* dos antigos. É tão má como estas e como estas igualmente temida.

Quando alguém tem a infelicidade de ouvir de noite a zorra berradeira conta logo com desgraça em casa.

Em certa noite adoeceu repentinamente certa velhinha muito estimada no sitio. Chamado o medico declarou que nada encontrava na velhinha, cujo pulso estava regular.

-- Não é cousa de cuidado, disse-lhe o medico,

— E', sim, senhor : morro esta noite e quero-me confessar.

O medico riu-se. A velhinha confessou-se e morreu duas horas depois da confissão.

Declarou antes de morrer que ouvira n'essa noite a zorra berradeira.

Em uma noite seguia um sujeito, forte e animoso, para sua casa, ouviu, ao longe, os berros da zorra maldita. Para provar que a não temia, arremedou-a nos berros. A zorra, embora a enorme distancia, de um salto, caiu sobre o infeliz, que tentou resistir-lhe. Qual resistir ! Apesar do inimigo não ter carne, nem osso, nem barbatanas, moeu-o tão horripelmente que, ao chegar a casa, caiu morto entre portas.

Foi observado todo o corpo : não tinha a mais pequena equimose, a mais insignificante mancha ou nodoa.

Quando se pergunta a alguém, onde reside a zorra berradeira, responde immediatamente :

-- Em Odelouca.

Odelouca é uma ribeira que vem desaguar no rio de Portimão.

Ha occasiões em que a zorra berradeira se converte em um verdadeiro flagelo no concelho de Monchique. Os habitantes dos sitios da Odelouca não se atrevem a sair de suas casas, á noite.

E o povo receioso e cheio de medo crê supersticiosamente n'estes e n'outros seres, não obstante ser catholico, apostolico, romano.

O nosso povo é a mesma entidade de todos os tempos : essencialmente politheista.

Podem chamar aos politheistas inconsequentes, mas, por Deus, não lhes neguem o profundo conhecimento do espirito humano. Eram profundos em psychologia.



## Gens ou Jens

### XXXIV

O que eram esses seres extraordinarios tantas vezes invocados pelos antigos ?

Eram *duendes*, respondiam uns: fadas, affirmavam outros; mouras encantadas, sustentava muita gente.

Ninguem o sabe ao certo, embora nas povoações e freguezias de barlavento (frazé algarvia que significa a região a poente da mesma provincia) e mui principalmente nos concelhos de Portimão, Lagos, Aljezur e Villa do Bispo, não ha muitos annos, e ainda hoje, falem das *gens* ou *jens*.

A opinião mais corrente n'aquelles concelhos considera estes seres mouras encantadas. Ninguem as viu

nunca, muitas pessoas porém se utilisaram dos seus serviços, sempre valiosos, prontos, e muitos.

Eram as *gens* ou *jens* eximias fiadeiras, cantadeiras alegres e folgazãs e muito estimadas pelas pessoas, que lhes deviam grandes serviços e por isso as bem-diziam.

Tinha alguém algum armeo de estopa ou linho para fiar? Não tinha mais que preparar um bôlo ou fogaça de farinha de milho bem temperado e cozido nas cinzas do borralho, deixal-o inda quente na lareira e proximo o linho que tinha de ser fiado. Deitavam-se, apagavam as luzes e pouco depois ouvia-se o *fou-fou, fru-fru* dos fuzos e dos sarilhos, rompiam alegres descantes, que, conforme a importancia da tarefa, duravam mais ou menos tempo, nunca porém além do romper da alva.

O silencio que se seguia ao alegre serão era indicio de se terem retirado e concluido o trabalho. Então erguia-se a familia das suas camas, e encontrava o fiado pronto, ensarilhado e preparado para ir á lavadeira.

E que fiado! Era immediatamente conhecido por todos o panno que d'elle se tecia. E fossem dizer á gente antiga que nunca vestira uma camisa, um collete, ou outra peça de vestuario fabricado com tão magnifico tecido!

Não ha muitos annos foi o senhor José dos Santos, proprietario e negociante, do povo da Guia, ao Barão de S. João, aldeia situada em uma campina, em outro tempo freguezia independente e hoje annexa á freguezia de Bensafrin. Dormiu certa noite em casa de uma lavradora abastada, e casualmente caiu a conversação sobre esses seres imaginarios, chamados *gens* ou *jens*. A lavradora convencida de que realmente esses seres



tinham existencia real foi a uma arca e tirou d'ali uma riquissima toalha de linho, cujo tecido era maravilhoso.

— Aqui está, disse ao nosso amigo, a prova de que esses seres existem realmente. Foram elles que teceram o linho. Minha mãe, uma santa mulher, que odiava a mentira, muitas vezes me disse que fôra no seu tempo, em uma noite, que as *gens* ou *jens* tinham fiado o linho da toalha.

E a convicção da lavradora era firme e inabalavel.

O muito reverendo paroco de Budens, José Antonio Monteiro, diz-me n'uma carta :

«Ha junto d'esta povoação um sitio chamado *Aderneira* onde existem vestigios de uns cazarões, onde dizem as pessoas idosas que habitavam (no sub solo) umas mulheres mãe, filha e neta, chamadas as *gens* ou *jens*, famosas tecedeiras, ás quais o povo ligava grandes simpatias pelo seu character bemfazejo».

E todavia, se estas famosas tecedeiras executavam á maravilha a sua missão de fiar, eram não obstante intransigentes com as pessoas, que não deixavam sobre a lareira um bolo que correspondesse á importancia do fiado. Havia bolo de um e dois alqueires de farinha de milho. Se eram escassos na offerenda do bolo, somiticos, o linho ou estopa era reduzido a cinzas e o bolo feito migalhas, misturadas estas com as cinzas para que ninguem as podesse aproveitar.

Hoje pouco se fala já das tecedeiras eximias: tendem a desaparecer da memoria do povo, como quiçá muitas velhas tradições, hoje completamente esquecidas e que constituiram por muitos seculos o entretenimento dos nossos maiores,

Consignando aqui este capitulo, lavro o meu pro-

testo contra os que não quizeram ou não souberam consignar por uma forma publica essas velhas tradições, esses monumentos grandiosos de uma literatura oral de um merecimento e de um valor importantissimo na actualidade.



## A cobrinha do barranco

### XXXV

Em frente da residencia paroquial da Mexilhoeira Grande havia, ha uns vinte annos, um barranco, aberto na barreira, por onde toda a gente tinha medo de passar por apparecer ali, em outros tempos, um mou-rinho encantado, de que todos se arreceiavam.

A camara de Portimão teve a feliz ideia de destruir o encanto, fazendo passar por aquelle logar a estrada nova, que, em rampa mais suave, atravessa a povoação até á igreja paroquial.

Havia em tempos idos um maioral de cabras, casado, que tinha a sua pobre choupana mesmo em frente do referido barranco. Todas as noites trazia elle o leite mugido na tarde com que a mulher e numerosos fi-

lhinhos se alimentavam, vendendo o restante para comprar o pão das sôpas. De madrugada voltava para o gado, e assim ia vivendo em muita miseria, mas ainda assim satisfeitos todos com a sua sorte.

Em um dia que a mulher do pastor acabava de abafar o leite da vespora, viu entrar-lhe pela porta uma cobrinha, côr de oiro, muito pequenina e tão linda, tão linda, que a pobre mulher, longe de se assustar, não podia d'ella affastar os olhos. Fazia a cobrinha uns meneios com tanta graça, abria a boquinha com tanta gentileza e meneiava a cauda em compasso tão vivo e tão fugaz, que era um encanto vel-a.

Lembrou-se a mulher de lhe encher uma escudela de leite ainda morno e pôr-lh'o proximo, por ter ouvido dizer que as cobras são gulosas d'este alimento. Pelo menos ouvira contar ás suas vizinhas que as cobras de noite sobem aos telhados das casas onde ha mães ou amas criando, e, descendo até á cama, em que dormem ao lado das criancinhas, ousam mamar, entretendo a gulosina das crianças com o extremo da cauda, que lhes mettem nas boquinhas.

Bebeu a cobrinha o leite com soffreguidão e saiu, não sem voltar repetidas vezes a cabeça para a mulher do pastor, como convidando-a a acompanhá-la. Repetiu-se a mesma scena nos dias seguintes e á mesma hora até que a mulher se resolveu a seguir a sua hospede com quem se familiarisara, a ponto de a afagar e de lhe fazer festas, que a cobrinha agradecia a seu modo.

Foi a mulher atraz da cobrinha, que se dirigiu para o alludido barranco, entrando ambas por uma abertura, que havia na barreira. Immediatamente se levantou uma grande lagem, deixando ver uma formosa es-

cada de alabastro, de onde, ao mesmo tempo saia um mourinho, muito gentil, de gorro encarnado e que, com modos muito cortezes e carinhosos, em repetidas instancias, pedia á mulher que o seguisse ao seu palacio subterraneo, porque d'isso dependia a sua fortuna. Convencida a mulher de que quem não sabe utilisar-se da fortuna, quando ella vem, não deve queixar-se, quando ella se vai, encheu-se de animo, desceu as escadas atraz do mourinho, e achou-se em um formoso aposento de cristal de rocha, e n'elle viu amontoada em cofres de oiro tanta riqueza em dinheiro e pedras preciosas, que ninguem pôde imaginal-o e menos descrevel-o.

— Tudo isto te pertence, disse-lhe o mourinho, em recompensa de me haveres quebrado o encanto em que jazia.

— De que maneira quebrei o encanto ? perguntou a mulher, saindo do espanto em que tanta riqueza a submergira.

— Não te assustando de ver a cobrinha que envie para aqui te conduzir. E' necessario, porém, para utilisares d'estas riquezas, que agora mesmo conduzas tudo o que poderes para tua casa, e que tudo ali escondas por fôrma que nem o teu marido nem os teus filhos, durante tres mezes inteiros, o tempo que careço para chegar á mourama, minha patria, nem sequer suspeitem da fortuna que lhes destino. Durante estes trez mêzes jejuarás todos os dias, e, sem que elles passem, não tocarás em um real do que d'aqui levarés.

Assim prometten a corajosa mulher e assim o fez. Diz-se, e é verdade, que o espirito e o saber dos homens acertam muitas vezes menos do que o simples

instinto das mulheres. A condição imposta pelo mourinho seria de uma solução difficilima, se não impossivel, se a sua realisação dependesse simplesmente do homem; mas a mulher do pastor soube perfeitamente cumprir todas as clausulas da condição com uma rectidão pasmosa.

Começou logo por dar destino aos filhinhos, mandando-os para fóra de casa; tirou as mós do tremonado, limpou-o do entulho que o enchia, metteu n'esse vazio quanto dinheiro e joias pôde carrear, cubriu tudo de argamassa, poz as mós no seu lugar, e dia a dia ia contando o seu jejum com o cuidado de quem não queria enganar-se. Tres mezes contados, mostrou então ao marido a fortuna que lhes entrava em casa.

E' claro que d'ahi em diante o marido deixou de pastorar o seu rebanho. Ambos deixaram o seu rude officio, e ambos, transformados em grandes personagens, pois que o dinheiro foi sempre um pergaminho de nobreza que nunca debota, foram residir na côrte, onde foram cobertos de honras e mercês. Seus filhos, educados na capital, foram tambem grandes senhores, pois que a riqueza era tanta que o seu desbarato se tornou impossivel, e ainda hoje chega até nós a fama de gente tão rica.

Não diz a lenda se os netos tambem foram pessoas importantes no seu tempo; e por mais que quiz apurar este ponto nada consegui por ignorar completamente quais eram os seus nomes. Nas instancias superiores foi respondido que se eu chegasse a apurar que elles eram ricos, facilmente poderia concluir d'ahi a sua importancia, porque, segundo a sabedoria das nações, o dinheiro é uma potencia, sem rival, que faz

de um analfabeto um homem poderoso, até mesmo um par do reino.

Como esta resposta vem das superiores instancias, limito-me a reproduzi-la, sem mais considerações.







## O tacho do thesouro

### XXXVI

De Mexilhoeira para o sitio da Rocha vai uma estrada de carreteira e por tanto muito larga. É Mexilhoeira uma bella povoação situada em logar elevado, que se descobre do mar a grande distancia.

Certa mulher sonhou que n'essa estrada, no sitio do Sumagre, onde a mesma é mais larga, ao pé de uma alfarrobeira, existia um tacho cheio de dinheiro em ouro, guardado por um mouro encantado, que entregaria tão grande thesouro a quem, pelo pino da meia noite, ali fosse e consentisse que o mouro lhe desse um beijo.

Foi a mulher e encontrou o tacho de tal grandeza, que, sendo largo o caminho, ainda assim tocavam as azas nos dois vallados, que o limitavam. Um enorme e no-

jento sapo cobria o dinheiro de que o tacho estava cheio, e era do sapo que, quem queria possuil-o, tinha de receber o beijo.

A mulher ficou horrorisada em vista do nojento batraquio, e retirou-se do logar cheia de medo e de nojo. Não pensando que o mouro se lhe apresentasse sob uma figura tão asquerosa, tinha-se pouco a pouco acomodado á ideia de beijar um homem, embora mouro, sacrificando por interesse a sua virtude de mulher. Ora este procedimento da sua parte mais contribuiu para redobrar o encanto do mouro, o que para este foi bastante desagradavel.

Passados tempos sonhou ella novamente com o thesouro, e isto por tres noites seguidas. Já então a mulher, em tanto pensar no sapo, se ia conformando com a ideia de beijar bicho tão feio, e talvez mesmo levada por aquelle principio de que o diabo não é tão feito como o pintam, ella se chegasse a convencer de que o sapo não era tão feio como a principio lhe parecera. Além d'isso a mulher era extremamente pobre, e lá diz o dictado: quando a necessidade entra pela porta sai a virtude pela janella. Por este principio, ou por ambos, a mulher sujeitou-se a passar por tão dura prova, e, em um dia, depois do sol pôsto, dirigiu-se ao sitio, onde estava enterrado o tacho.

Caminhou pois cheia de animo e apresentou sem repugnancia a face ao sapo. Immediatamente, ao dar e ao receber o beijo, saltou-lhe o globo da orbita, e com o outro, que lhe restava, viu ella o sapo, substituido pela figura de um mouro formoso e gentil, que a aconselhou a vir todas as noites, á mesma hora (meia noite), áquelle sitio para levar para sua casa parte do thesouro até que podesse esgotal-o.

O mouro desapareceu immediatamente e tudo succedeu como elle recommendara. Por muitas vezes andou a mulher na faina de transportar tão grandes valores, até que afinal chegou a esgotar o tacho.

Ficou riquissima, diz a tradição. A circumstancia de ficar zarolha em nada contribuiu para que fosse d'ahi em diante menos respeitada. Diz-se até que a todos parecia mais formosa, naturalmente por que aquelles que antes a olhavam não tiravam os olhos da pessoa, ao passo que depois não tiravam os olhos do dinheiro, que ella possuia.

Viveu a mulher uma vida muito duradôra e a fama da sua riqueza estenden-se por todo o reino de Portugal.

Não diz a lenda se a mulher chegou a casar e teve muitos filhos, o que me faz crer que estava já em idade adiantada quando beijou o sapo, por quanto é publico e sabido que a tradição é sempre prodiga em dar numerosa geração aos que tiveram a dita de enriquecer por tão extraordinarios processos.

Ainda hoje uma ou outra pessoa de avançada idade rememora aos netos, nas noites de inverno, a historia interessante de Dona Zarôlha, é certo porem que, no principio do seculo passado, ainda muita gente pôde ver os restos de um grande palacio, que fôra a sua habitação.





## A Fonte Coberta

### XXXVII

Em um sitio chamado a *Fonte Coberta*, nas proximidades de Lagos, existe encantado um mouro ou uma moura. Em certa occasião foi uma pobre mulher buscar agoa á fonte, e ao afastar-se viu duas esteiras com bellos figos seccos a enchugar ao sol.

No Algarve ha por assim dizer duas diversas exposições de figos; uma por occasião de secca geral, e é quando o figo, apanhado já muito maduro, *pincre*, lhe chamam os algarvios, é conservado ao sol até seccar de todo, e capaz de entrar nas tulhas de canna ou gamão, onde é acalcado e conservado; a outra para consumo da familia, sendo previamente lavado e posto ao sol a enchugar.

Não pôde a pobre mulher resistir ao desejo de lançar mão a alguns figos e apanhou cinco. A certa distancia reparou que era seguida de uma criancinha a chorar, chamando pela mãe.

Perguntou a mulher á criança por que razão chorava, a criança porém em vez de dar qualquer resposta chorava cada vez mais.

Commoveu-se ella, e na supposição de que a criança tinha fome, metteu a mão nos bolsos e tirou dois figos para lhe dar. Qual não foi o seu espanto quando em lugar dos figos se encontrou com cinco peças de ouro !... N'esse mesmo momento a criança desapareceu, apparecendo em seu lugar um homem trigueiro, vestido ao modo dos maltezes, de barrete vermelho e com um varapau na mão.

Atemorisou-se a mulher do subito apparecimento do homem; este, porém respondeu-lhe :

— Bruta, que não soubeste aproveitar-te dos figos, podendo apanhar os que quizesse !

E ao mesmo tempo que disse estas palavras tambem desapareceu.

Em outra occasião passou junto da mesma fonte uma tendeira, chamada Marianna, e viu proximo uma criancinha de barrete encarnado. A tendeira ficou naturalmente surprehendida e atemorizada, porque já a esse tempo ouvira dizer que ali appareciam mouros encantados.

A criancinha, porém, sem fazer reparo na surpresa da tendeira, aproximou-se-lhe e disse :

— Dou-te uma boa porção de feijões, se me promettes não os distribuires por outras pessoas.

E ao mesmo tempo mostrou-lhe uma boa porção de feijão branco.



A mulher prometteu á criança cumprir a condição e enchen uma alcofa do referido legume.

Mais adiante encontrou ella um homem e pediu-lhe com muitas instancias que lhe desse os feijões, que levava consigo. Repondeu-lhe a mulher que lh'os não podia dar, pois os recebera com a condição de os não distribuir por ninguem. Impoz-se-lhe o homem dizendo que a criança era seu filho, e que este lhe offerecera os feijões sem a sua auctorisação. A mulher abriu a alcofa e ficou admirada de encontrar os feijões substituidos por bellos pintos antigos de prata.

O homem disse-lhe :

— Não te aconselharam a que não desses a ninguem os figos?...

Quando a mulher ia a dar a resposta, já não viu o homem : tinha desaparecido como o fumo.

Estes dois casos e muitos outros andam na memoria de toda a gente, que reside proximo da fonte. Os velhos contam-nos por os ter ouvido contar aos seus avós, e estes aos seus avoengos. Como em muitas outras lendas de mouras encantadas, desconhece-se a razão por que ali se encontram encantados os tristes mouros.

Estes contos são sempre ouvidos com o profundo respeito de quem assiste á narração de um milagre authenticico.





## O forno da cal

### XXXVIII

No sitio do *Escampadinho*, propriedade do senhor José Florencio de Souza Castello Branco, a uns 1:500 metros do Odeaxere, á esquerda da estrada nova, que segue d'esta povoação para Mexilhoeira Grande, veem-se as paredes de um forno de cal, do qual ninguem se lembra ter sido utilizado em tempo algum. A gente do povo, sempre que se vê forçada a passar proximo do forno, descobre-se respeitosa e murmura uma prece, que mal se lhe escapa dos labios.

Tem uma lenda este forno. Foi elle construido alguns dias depois da expulsão dos agarenos d'esta bella provincia. Havia trez dias apenas que o dono lhe manda-

ra lançar a lenha e o fogo, e vigiava o trabalho dos fogueiros, dia e noite, aproximou-se-lhe, meia noite em ponto, um cavalleiro montado em mula possante, com uma dama na garupa, seguido de um criado que conduzia outra mula carregada de dois grandes bahús.

O cavalleiro propoz ao dono do forno a compra d'este, no estado em que estava, mediante um preço trez vezes maior do que elle valia e offerecendo-se a retribuir os trabalhadores em quantia muito superior á que elles podiam ganhar em tão custoso trabalho. Como condição propoz mais sair em o dono do forno e os trabalhadores d'aquelle logar immediatamente.

Realisou-se o contrato em tão vantajosas condições para o dono e seus trabalhadores, e todos se ausentaram immediatamente d'aquelle logar, bendizendo a sua fortuna. Um dos trabalhadores, porém, matreiro e desconfiado, aproveitando-se do escuro da noite, afastou-se dos seus companheiros, e, pé ante pé, foi esconder-se entre os montes de lenha, em logar de onde podia bem observar tudo o que se passasse sem ser notada a sua presença.

Quando se suppozeram a sós, apeiou-se da mula o cavalleiro e em seguida a formosa dama. Diz a tradição que nunca se vira em terras do Al-Faghar joven mais bella e mais formosa.

O cavalleiro, ajudado pelo criado, começou a metter muita lenha no forno, e quando o viu em ala viva, abraçou-se á joven, osculou-lhe os cabellos de ouro e os olhos de azeviche, e, dando-lhe o doce nome de filha, disse em voz alta :

— Filha querida da minha alma, flôr mimosa do jardim do profeta ! ahi ficas encantada ! só o profeta sabe por quanto tempo durará o teu encantamento.

E ao mesmo tempo que dizia estas palavras, lançou ao forno em labareda a infeliz joven.

Em seguida lançou na mesma fogueira os dois baús, exclamando:

— Contigo sigam na voragem todas as nossas riquezas. O teu desencantamento depende de que haja ou appareça alguém que faça vir aqui as agoas do mar salgado com peixes vivos que apanhe e aqui mesmo sejam cosidos e por esse alguém comidos. Para elle irão todas estas riquezas que contigo deixo.

Disse estas palavras e poz-se a chorar enquanto do forno saia uma grande fumarada, que por muito tempo quasi sufocou o curioso observador d'esta scena commovente.

Quando o fumo se dissipou, estava o forno abatido, apagada a labareda; e mulas, cavalleiro e criado tinham desaparecido como se tivessem sido levados ou arrastados pelo fumo do forno.

Logo que o trabalhador matreiro entrou em si do natural assombro, que tais acontecimentos lhe tinham causado, pensou em organizar o seu plano que tivesse por fim tirar do forno a fortuna promettida. Elle naturalmente sabia que o bom exito depende todo da boa organização do plano. Matutou pois por algum tempo e antes do romper da manhã tinha o plano formado. De manhã muito cedo realisou a compra de uma celha; foi ao mar, que lhe não ficava longe, encheu-a de agoa salgada, e esperou que anoitecesse, escondido em uma furna. A' noitinha conseguiu apanhar uns peixes, vivos, o que lhe foi muito facil, meteu-os na celha e voltou para o forno, quando verificou que podia fazer este passeio sem testemunhas, completamente a coberto de quaisquer olhares curio-

sos. Apanhou os peixes da celha, preparou-os, cozeu-os e devorou-os com o apetite de quem havia vinte e quatro horas não tomava alimento.

Caso espantoso e bem digno de passar á posteridade ! Immediatamente lhe appareceu a linda moura, e ao seu lado os dois bahús abertos !

— Homem generoso, que tão cedo quebraste o encanto em que por tantos milhares de annos esperava jazer ! eu te bendigo em nome de Allah ! Recebe, pois, em premio do impagavel serviço que me prestaste esses dois cofres cheios de ouro !

Então o trabalhador, importando-se nada com o timbre de ouro da voz da moura, fixou attentamente os seus olhos nos dois bahús e viu-os a trasbordar de moedas, barras em ouro, joias preciosissimas, diamantes de grande valor, esmeraldas de preço incalculavel, rubis e outros valores de subido preço.

Não se sabe o tempo que o trabalhador levou entretido na riqueza dos bahús, nem elle mesmo talvez o soubesse dizer, o que é certo e consta da tradição é que, quando elle quiz agradecer á joven tão valiosa offerenda, tinha ella desaparecido. Voara talvez nas azas do vento até ás terras queridas da sua nova patria, onde a familia a esperava confiada na promessa do profeta.

Logo que o trabalhador se viu sósinho tratou de conduzir para sua casa o conteúdo dos bahús.

Não diz a lenda se os cuidados que lhe causaram os transportes dos valores para sua casa foram maiores do que os que tivera na organização do seu plano para fazer sair do seio da voragem os dois bahús, creio porém que sim, pois que, emquanto trabalhou na organização do plano animava-o a esperança, quando

porém transportou para sua casa em multiplices caminhadas as riquezas, o logar, até ali occupado pela esperança, foi necessariamente substituido pelo desespero, pelo frenesi e por outras paixões similares.

Teve o trabalhador muitos filhos e yiven por muitos annos. Opulentissimos foram os seus descendentes, mas o forno nunca mais ardeu. Quantas vezes alguem se tem lembrado de o aproveitar, logo mão invizível destroe o trabalho começado.

Parece que os *Fados* se não conformaram com a espezteza do trabalhador e que o forno se conservará por tantos seculos sem dar proveito quantos tenham sido designados na mente do profeta ao encantamento da moura. Outra explicação não é facil dar a esse poder occulto, misterioso e invencível, que assim se revela, destruindo a obra, que outrem, talvez com sacrificio seu, começa no intento de tirar utilidade de uma industria razoavel.

Talvez que esse poder, ainda assim, seja um acto benefico. Quem sabe o mal que poderia causar a calcozida em tal forno!

Diz o adagio que ás vezes se escreve direito por linhas tortas.

A esta conclusão chegam certamente os crentes em toda a especie de encantamentos e que preferem apellar para o maravilhoso, muito embora este se manifeste sob a forma verdadeiramente burlesca.

Esta lenda corre tambem em Budens e ali diz-se que o facto se dera em um forno situado no *Porto da Senhora*, junto de uma ribeira, que vai abrir no rio, proximo d'aquella povoação.





## O palacio sem portas

### XXXIX

Proximamente a Lagos, ao sair da ponte, que segue para Odiaxere, houve uma horta e dentro d'esta um predio alto de bem extraordinaria construcção. Não tinha uma unica abertura: portão e janellas eram fingidas e apenas indicadas na alvenaria por sinais, que lhes marcava a área. Tambem não tinha telhado, correndo por sobre toda a extensão do predio uma grande sotea

Ha ainda hoje muita gente que conheceu o predio assim construido, mas já bastante ennegrecido e offendido pelo tempo.

Por esta fórma ninguem chegara a entrar no predio e para subir-se á sotea era necessario o emprego de

uma escada. Aquella horta pertencera em tempos distantes a uma familia pobre e honrada e que, á falta de outros bens, a escolhera para sua morada. Quando os seus donos foram para ali, a mulher não podia dirigir-se ao logar da nora, que não lhe apparecesse um mouro que a convidava por acenos a approximar-se-lhe. Fugia ella ao estranho convite, mas o mouro seguia-a até casa, ou até que algum apparecesse.

Occultou a mulher, emquanto pôde, a onzadia do mouro, mas vendo-se constantemente perseguida, e por muito tempo, resolveu descobrir ao marido a origem dos seus continuados sobresaltos que a traziam doente. Ouviu o marido tão extraordinaria historia, mas logo comprehendem o sen sentido. Animou-a a receber o mouro, fazendo-lhe ver que era um mouro encantado, nunca tão mau como os outros. Tornou-lhe mais sensivel o conselho, fazendo-lhe ver o estado lastimoso dos filhos, e a miseria da casa.

— Ha exemplos de mouros encantados, accrescentou o marido, se terem portado galhardamente com as pessoas que os auxiliam a libertar-se dos rigores do encautamento, e pode ser que tu lhe prestes algum serviço, do qual resulte a nossa felicidade.

Ouviu a mulher o conselho e logo se tornou mais mansa para o mouro. Em um dia esperou a mulher que o mouro se lhe approximassem e prestou-se a ouvi-lo. O mouro então em termos brandos e ternos informou-a de que elle se achava ali encantado, havia longos annos; que ali conservava toda a sua fortuna representada em dinheiro e joias de subido valor. Accrescentou a sua informação dizendo que elle daria de boa vontade todos aquelles valores a quem contribuisse para o seu desencanto.

— E o que é preciso que se faça para que seja desencantado? perguntou a mulher com o pensamento preso á futura felicidade do marido e dos filhos queridos.

— E' necessario que alguém mande aqui construir uma quinta com janellas e que ninguem a ellas se apossome, com portas por onde ninguem possa entrar, e com tecto em que não se empregue telha, e que essa casa assim permaneça por um seculo, e só depois seja aproveitada para outra construcção.

Ficou a mulher completamente desanimada com as condições propostas pelo mouro, pois que se era merecedor de troca por parte da vizinhança a construcção de um predio sem janellas, sem portas e sem telhados, era tambem certo que uma tal construcção demandava despezas avultadas de que ella e o marido não podiam dispôr. No entanto contou ao marido tudo o que o mouro lhe dissera.

O marido ouviu a mulher e respondeu:

— Não ha duvida: mãos á obra e construa-se o predio exactamente como elle quer.

— E aonde vamos buscar meios para a construcção de um tal predio? perguntou a mulher.

— Ao trabalho e ás privações. Priva-te para melhor gosar, diziam os antigos; o trabalho é o pai das virtudes, é a vida e a saude do homem, accrescentam os modernos. Trabalha-se emquanto se poder, hypotheca-se a horta, empenham-se as tuas argolas e os teus brincos... e sempre trabalhar.

E assim succedeu. Afinal foi o predio construido, sendo na sua construcção observadas todas as condições impostas pelo mouro.

Foi então que o monro tornou a apparecer com

grande jubilo da mulher, que nunca mais o tornara a ver. Appareceu á mulher, e, descobrindo uma grande lagem, poz a descoberto uma grande porção de dinheiro em ouro, e de joias de excessivo valor. O mouro entregou á mulher todos aquelles valores e despediu-se d'ella, dando-lhe um beijo.

Beijo de fogo foi certamente aquelle ! A infeliz sentiu logo um grande ardor na garganta : parecia toda ella arder em vida ! A este ardor sobreveiu-lhe tão grande inflamação, que não mais pôde receber alimentos solidos. Caldos e leite eram o seu unico alimento. Soffreu a infeliz por largos mezes, semanas e dias, sem que experimentasse algumas melhoras, e, cançada de tanto soffrer e de tanto penar, morreu finalmente victima da sua dedicação pelos seus.

O marido ainda lamentou por muito tempo a perda da esposa querida, mas, como é sabido, as paixoes, as sandades e todos os grandes affectos da alma evaporam-se felizmente com facilidade extrema.

Ao marido ficaram-lhe da esposa muitos filhos, que viveram por muito tempo ricos e poderosos.

Toda a gente lhes extranhava não concluirem a obra, e achavam realmente bastante extravagante um predio sem janellas, nem portas, nem telhado, mas elles limitavam-se a responder a tão justas considerações simplesmente com um sorriso zombeteiro.

E' que elles sabiam que se a condição não fosse cumprida e o predio fosse habitado dentro dos cem annos, toda a sua immensa riqueza se evaporaria como o fumo.

Não posso declarar com certeza se o predio apenas se conservou por cem annos n'aquelle estado ; creio que sim.

## A mourinha de Bensafrin

### XL

É antiquissima a povoação de Bensafrin, palavra arabe, que significa *Terra dos bruxos*.

O proprio nome está a indicar a sua antiguidade, porque os mouros não lhe dariam tal designação se ali não encontrassem varios caracteristicos prehistoricos, cuja significação desconheciam, attribuindo-os talvez á intervenção de seres superiores, fadas ou bruxas.

Muitos sitios ha em Bensafrin, que egualmente traduzem a sua antiguidade, como *Algarinho*, *Almargem*, *Almarjões* e outros, de origem desconhecida, sitios naturalmente povoados, e onde deveriam certamente correr as lendas; mas o povo tem-as despresado e esque-

cido, bem como dentro de poucos annos serão esquecidas as que hoje ainda correm.

Como amostras d'essas antigas lendas foi collegida uma, que vou reproduzir.

É a freguezia de Bensafrin abundante de agna potavel, mas, ha trinta annos, não havia ali um poço ou uma nora que a fornecesse. Para beber iam buscal-a a duas fontes distantes, ou á fonte dos mouros, de que vou tratar. Esta fonte, com a abertura de muitos poços, abertos actualmante por toda a parte, foi-se secando pouco a pouco e hoje está entulhada de pedras até á boca, ou entrada.

A entrada da fonte é formada por duas grandes pedras a prumo e outra transversal, similhando a entrada de um dolmen. O muito reverendo paroco de Bensafrin, Antonio Nunes da Gloria, cavalheiro illustrado e vantajosamente conhecido pelos homens illustres que se teem entregado ao estudo das nossas antiguidades, não tem podido formar um juizo seguro sobre o tempo da construcção d'aquella entrada. Embora esteja por fóra argamassada com argamassa moderna parece-lhe todavia ser obra de remota antiguidade. O povo attribue-lhe uma origem meurisca e conserva pela tradição uma historia que anda ligada á fonte.

Diz-se que o interior da fonte é constituido por uma galeria bastante extensa com a mesma configuração da entrada. A fonte abre-se no declive de um pequeno outeiro a uns duzentos metros ao poente da povoação de Bensafrin. Em tempos idos havia n'esta fonte um mourinho encantado que sempre apparecia a quem lá ia, a deshoras, buscar agna sem ser acompanhado. Era por esse motivo causa de muito susto, e só por grande necessidade ousava qualquer passar por aquelle si-



tio em horas nocturnas, muito principalmente á meia noite.

Um dia, porém, uma pobre mulher aventurou-se a passar sosinha por defronte da fonte. Era em janeiro e estava um dia esplendido, como costumam apparecer alguns n'esta quadra do anno, quando não chove torrencialmente ou não aventa com furia. Qual não foi o pasmo da mulher ao ver n'essa quadra uma esteira de figos ao sol, figos que pareciam colhidos de fresco da arvore, e tão frescos e apetitosos, que estavam mesmo pedindo quem os comesse? A mulher não pôde resistir á tentação da gula, e, mais feliz do que a sua primeira mãe Eva, tirou da esteira alguns que mettena algibeira. N'este momento, porém, apparece o mouro encantado que lhe diz: *apanha, apanha, aproveita-te enquanto é tempo.*

A mulher deitou a correr tranzida de medo, e, quando chegou a casa, fechou-se por dentro e começou mais descansadamente a pensar no que lhe acabava de succeder. Então teve uma subita inspiração e tirou da algibeira os figos. Caso estupendo! Mais feliz do que Eva, não encontrou nos figos o castigo de sua primeira mãe, pois que estes se tinham transformado em bellos dobrões de ouro!

Perden o susto, abriu a porta, e deitou outra vez a correr em direcção da fonte, mas tanto a esteira como o mouro tinham desaparecido. Nem mesmo encontrou o signal da esteira ou o signal dos pés de um ser humano.

D'ahi em diante a fonte seccou-se e ninguem mais teve a suprema felicidade de ver a esteira ou a infelicidade de encontrar o mouro. Naturalmente tinha terminado o ciclo por Allah marcado para o termo do seu

encantamento. Pelo menos assim o affirmam ainda hoje os moradores d'aquelles sitios em redôr.

Ainda hoje, não obstante este juizo, ninguém passa de noite proximo da fonte que não dirija para esta os seus olhares temerosos e desconfiados, crendo ver nos movimentos das plantas occasionadas pelo vento os meneios do desditoso mouro, que os chama para junto de si; e então são mais apressados os passos do vi-andante, que sente espetar-se-lhe o cabello na cabeça como sovelas!...



## O tourô da Carapetola

### XLI

A norte da povoação de Bensafrin fica o sitio da Carapetola, mais vulgarmente conhecido pelo serro da Carapetola. Este sitio dista de Bensafrin uns tresentos metros e fica junto ao rocio das eiras.

Conta a tradição que, alguns dias depois da expulsão dos mouros d'esta provincia, appareceu n'aquelle sitio um mouro encantado na figura de um touro bravissimo, que se tornou o terror da povoação. Dizia-se que para quebrar o encanto era preciso levar-lhe dois pães de centeio em guardanapo de linho, acabado de sair da agulha.

Ninguem ousava aproximar-se da fera com receio de ser morto por ella.

Por muitos annos soffreu aquella pobre gente os odios e os rancores da fera, que se ia tornando com o tempo mais perigosa e mais cruel.

Felizmente a fera não perseguia os christãos a toda a hora do dia, mas tinha horas proprias, que todos evitavam, escondendo-se. Em certo dia não appareceu, e desde então nunca mais foi vista. Diz o povo, o que ainda hoje repete na sua ingenua credulidade, que o touro desapparecera pela primeira vez d'aquella povoação no momento de ser publicada pela primeira vez a Bulla da Santa Cruzada. N'esta lenda ou encantamento torna-se muito sensivel a influencia das doutrinas christãs. A Bulla da Santa Cruzada em guerra com o paganismo!



## A Fonte de Espiche

### XLII

Proximo da *Fonte de Espiche* morava em tempos, que já lá vão, um pobre homem, se é que morada se pôde chamar ao campo desnudado, onde elle, ao relento, estendia sob uma arvore os membros cançados e lassos.

Em uma noite deixou-se elle adormecer ao abrigo de umas balsas junto d'aquella fonte. Seria meia noite, hora destinada aos seres, que andam pelos ares ou caminham por extraordinarios processos, acordou o pobre homem ao tropel de duas cavalgaduras, em uma das quais montava um cavalleiro trazendo á garupa uma formosa moura e a outra era conduzida por um criado e vinha carregada com dois bahús.

O cavalleiro mostrava um aspecto triste e severo. Apeiou-se junto da fonte, pegou na moura e lançou-a dentro e logo atraz caíram os dois bálus, acompanhando estes movimentos das seguintes palavras:

— Ah! ficas encantada, filha minha, até que haja quem n'este sitio semeie salsa regada com agoa do maná, cresça e floresça.

Disse estas palavras e tudo desapareceu. O pobre homem ficou por muito tempo a pensar nas palavras do mouro. Elle conhecia perfeitamente a salsa, planta da familia das umbelliferas, mas do maná só tinha o leve conhecimento do que ouvira contar a sua mãe por occasião do povo hebreu andar pelo deserto. Viu logo o pobre que a palavra maná deveria ser tomada em sentido cabalistico, e n'este intento, apenas nasceu o sol, dirigiu-se a uma horta e d'ella trouxe uma boa porção de salsa que plantou em redôr da fonte. Em seguida foi á proxima igreja e pediu ao paroco lhe benzesse uma boa vazilha cheia de agua. Logo que a agua foi benta poz-se a regar a salsa com esta agua, que, pelo facto de ser benta, devia ser miraculosa, como miraculoso fôra o maná caído no deserto.

Em pouco tempo começaram a apparecer os primeiros botões da salsa e a manifestar-se a sua florescencia. D'esse tempo em diante o homem não desamparou a fonte. Na primeira noite em que se manifestou completa a florescencia da salsa, ao dar as doze horas, appareceu a moura, saindo das agnas da fonte ainda mais bella do que Venus evolvendo-se da espuma do mar. A joven agradeceu ao pobre o desencantamento e entregou-lhe os dois bálus cheios de ouro e de pedras preciosas, que do fundo da fonte a tinham acompanhado até sair da mesma.

O pobre homem transportou durante a noite todos os valores para o fundo de um occulto barranco, e d'ahi tirava o dinheiro necessario para pagar as compras dos grandes predios que todos os dias fazia com verdadeiro espanto de toda a gente.

Casou em seguida e teve muitos filhos que se tornaram conhecidos na provincia do Algarve e até na côrte onde casaram com damas do paço, que lhes deram uma descendencia numerosa.







## Dom Almendo

### XLIII

Era ainda muito criança quando ouvi pela primeira vez o romance em verso sob o titulo de *D. Almendo*. Lembro-me perfeitamente da boa mulher que m'o recitou. Tinha ella então os seus trinta e cinco annos e fôra minha ama de leite. Boa criatura, que muitas vezes me livrou das correcções maternas ! . . .

Quando ha poucos mezes pensei em publicar as lendas de mouras encantadas e encantamentos tentei reproduzir a lenda de *D. Almendo*, valendo-me simplesmente da minha memoria, mas não me foi possível; apenas pude reproduzir alguns versos.

Felizmente ha oito dias recebi de meu irmão pelo correio o *Romanceiro* do benemerito algarvio, Estacio

da Veiga e fiquei realmente satisfeitissimo de encontrar a paginas 28 o meu querido romance, que, no dizer d'aquelle escritor illustre, é genuinamente do Algarve.

Vou pois reproduzil-o. Consoante a opinião de Estacio da Veiga entendo que este romance se deve attribuir aos bellos tempos de D. Affonso III, quando, desertos os castellos e arruinados os muros do Algarve, aquelles, estes e até as cisternas e os proprios poços e cavernas, começaram-a ser povoados por uma invasão de mouras e mourinhos encantados.

Não me prende a circumstancia de se não poder acomodar o romance a certa e determinada povoação algarvia, pois que me basta ter elle nascido n'esta boa provincia, que, para mim e meus patricios, vale mais que todos os paizes do mundo.

Chamem-nos os nomes que quizerem: somos todos assim.

## D. ALMENDO

A caçar andava Almendo  
A caçar, como sohia  
Mas seu perro tão cansado  
Que já correr não podia;  
Onde havia anoitecer-lhe?  
Em rude estrada montia  
Em que não houvera gente  
Nem tão pouco abrigo havia.  
Tão só um grande arvoredó  
O campo todo cobria  
Deita olhos a um loureiro  
Vê um rosto que sorria  
Seu fino cabello d'ouro  
Toda la rama cobria  
O lindo olhar de seus olhos  
Em todo o monte lumbria.

—Que fazeis aqui, senhora  
Quem aqui vos prantaria?  
Ai quem veio aqui leichar-vos  
N'esta chaparra sombria?  
Contai-me la vossa historia,  
Que eu por gósto a escutaria.

—Sou filha d'el-rei de França  
Neta sou d'el-rei de Hungria  
Aqui me trouxeram moiros  
Com sua feitiçaria  
Encantada me leicharam  
Até ver quem me queria.  
Se o cavalleiro quizera  
Minha sina quebraria  
Montara-me em seu cavallo  
E d'aqui me levaria.

—Levara, sim, vos levava  
 Já vos dera companhia  
 Mas tenho atraz de voltar  
 Pelo perro que trazia  
 Que a tais horas, de cansado  
 Para ahí se estenderia.

—Adiante, ó cavalleiro,  
 Não useis descortezia  
 Leixando uma dama infanta  
 Por um perro que dormia  
 Se me leixais pelo perro  
 Tem elle bem mais valia.

—Não é somente por elle  
 Que eu ahí a leixaria  
 Mas é tambem pela caça  
 Que me deteve n'este dia  
 Que me ficou resguardada  
 N'uma longa penedia.

—Adiante, ó cavalleiro,  
 Não useis de vilania  
 Não leixeis por pennas mortas  
 Minhas penas em porfia  
 Ora comvosco levai-me  
 Que meu pai por vós seria.

—Não se me dá d'essa caça  
 Que por lá me ficaria  
 Mas a sêde agora é tanta  
 Que já me causa agonia  
 Quedai-vos, senhora, um pouco  
 Que eu á fonte correria  
 De volta fôra comvosco  
 Antes que raiasse o dia.

—Ai, cavalleiro, escutai-me  
 Por Deus e a Virgem Maria  
 Eu vos matarei a sêde  
 Que ora matar-vos queria  
 Eu vos darei a beber  
 Prantos da minha alegria.

Captiva-se o cavalleiro

Quem se não captivaria!  
 N'isto la enfeitada  
 Do loureiro se descia.

—Vamos, cavalleiro, a Roma  
 Pôr os pés em pedra fria;  
 Padre Santo que lá seja  
 Absolução nos daria

—Não iremos lá tão longe  
 Que em vós não ha maladia  
 Ireis á minha albergada  
 Lá tereis albergaria.

A caminhar se pozeram  
 Quando a lua mais lumbria  
 E dava o clarão no rosto  
 De la infanta que fugia.

Quando ao meio do caminho  
 Perro moiro lhe saia,  
 Que era quem o vigiava  
 Que era quem a guardaria.

—Tem-te, tem-te, cavalleiro  
 Se a vida não te agonia  
 Se la poncella me levas  
 Levas a luz do meu dia.

—Só m'importa o que te levo  
 De ti não m'importaria.

—Se a dona tu me roubaras  
 Logo aqui te mataria.

Para elle avança o moiro  
 Pensando que ó deteria  
 Mas ao puxar pela infanta  
 A mão aos pés lhe caia  
 Queda-se elle pensativo,  
 Sem saber o que faria.  
 Enquanto o moiro pensava  
 Enquanto elle se doria  
 O christam com la infanta  
 Voava, que não corria!

O benemerito algarvio no seu preambulo a este ro-

mance diz com muita razão: «...a incuria dos tempos a muito fallivel reminiscencia humana e o proverbial abandono a que os nossos poetas sempre condemnaram a mais nacional de toda a poesia, teem feito minuar a ponto de que presentemente no Algarve é este o romance de que apparecem menos exemplares.»

Effectivamente, se não apparece quem de boa vontade envide esforços para arrancar do olvido as nossas bellas lendas algarvias, dentro de pouco tempo ficarão todas esquecidas, perdendo-se talvez a melhor parte da nossa literatura oral e tradicional.

Onde vamos hoje buscar peça melhor e mais singellamente urdida de entre essas collecções de versos que annualmente fazem gemer os nossos prelos?

Com a publicação d'esta peça literaria dou por terminado o presente livro, agradecendo aos meus illustres collaboradores o seu valioso auxilio. (15)



## Notas

---

(1) *Pag. 6.*

O auctor znonymo da «Cronica Inedita da Conquista do Algarve», descoberta por Fr. Joaquim de Santo Agostinho, colloca o combate dos «Furadoiros» no tempo de D. Sancho II. Não segui esta lição e preferi a que poe o mesmo combate no tempo de D. Affonso III, na vespora do ataque ao castello de Loulé.

Quando outras razões não concorressem e me forçassem a afastar do desconhecido cronista, bastava-me a tradição constante que affirma ter-se realisado o referido combate em seguida á tomada do castello de Faro e na vespora do ataque aos muros de Loulé. O «Portugal Antigo e Moderno», referindo-se ao mesmo combate diz. «Nos arredores d'esta villa (Loulé) ha um sitio chamado «Cabeço do Mestre» por n'elle ter acampado D. Paio, Mestre da Ordem de S. Thiago, com os seus cavalleiros, quando veiu conquistar Loulé aos mouros. No «mesmo dia» em que aqui acampou, tivera uma batalha no sitio dos «Furadoiros» onde os mouros o foram esperar.»

Ora Loulé foi conquistada aos mouros no tempo de D. Affonso III, em seguida á tomada de Faro.

(2) *Pag. 12.*

Não deve causar confusão o dizerem alguns historiadores que o castello de Loulé fóra entregue ao nosso monarca por D. Affonso X, rei de Hespanha, parecendo assim insinuar que o Mestre tomara posse do mesmo castello em nome do monarca hespanhol.

E' sabido que no tempo de D. Affonso III se levantou uma grave discussão entre os dois monarcas ácerca das conquistas feitas aos mouros pelos nossos soldados, commandados por D. Paio Peres Correia. O rei de Hespanha, sob o pretexto de que o Algarve lhe pertencia por virtude de uma doação do rei mouro de Niebla, não levou a' bem que o rei de Portugal se apossasse dos seus castellos, e á força de armas, entrou no Algarve e se apossou do castello de Loulé e outros; o monarca portuguez, porém, allegando o seu direito de conquista, e mostrando a inanidade da invocada doação, fazia valer os seus direitos aos castellos conquistados. Felizmente o monarca hespanhol convenceu-se dos direitos que assistiam ao monarca portuguez e fez-lhe entrega dos castellos que tinha em seu poder. Por isso encontramos em alguns historiadores a entrega do castello de Loulé feita ao nosso monarca por D. Affonso X, parecendo insinuar que o castello fóra gratuitamente cedido ao nosso monarca por um acto de liberalidade do rei hespanhol, quando essa não é a verdade historica.

(3) *Pag. 38.*

Os geógrafos e antigos historiadores referem-se a diversas «Carteias», O nosso algarvio, João Baptista da Silva Lopes, tanto na sua «Corografia», como nas suas «Memorias para a Historia Ecclesiastica do Bispado do Algarve», escreve extensivamente das differentes «Carteias». Para não demorar este trabalho cingir-me-ei apenas a reproduzir a opinião do auctor do «Santuario Mariano» relativamente a este assunto.

«O primeiro bispo do Algarve foi Santo Ezichio, discipulo do Apostolo Santiago. D'elle diz Dextro que pregara em uma e outra Carteia, aquella junto ao Estreito de Gibraltar, não longe de Cartagena, no rumo de Murcia; esta no logar de Quarteira, onde se deram as famosas batalhas navaes, em tempo de Cezar, como referem Tito Livio, Selio Italico, Floro, Apiano, Plinio, Ptolomeu, Strabo e Mella.»

Ainda outros falam de outra «Carteia» na ilha Erythia. E' assunto estranho ao meu proposito. Todos affirmam que a antiga «Carteia» esteve fundada no local da actual Quarteira. Com relação a «Loulé Velho» póde ler-se o capítulo XII d'este livro, onde escrevo acerca de Almancil.



(4) *Pag. 68.*

Carlos Bonnet, engenheiro notavel, escrevendo do «Poço dos Mouros» diz :

«Le nome de Poço dos Mouros fut donné á cette caverne parce qu'elle fut habitée par les Mauros que se battirent sur cette montagne, et se retirèrent dans cette caverne á l'époque de leur expulsion de l'Algarve »

Em outro logar do seu «Relatorio» accrescenta :

«C'est á cette époque (des maures) qu'il faut faire remonter cette espee de muraille em pierres sèches, élevé sur le «Pena», montagne á une demi lieu de Salir, et qui fut l'origine du nom de «Poço dos Mouros», donné á une caverne, qui est dans cette montagne.»

(5) *Pag. 84.*

Com razão diz o sr. Leite de Vasconcellos : «O homem não se esqueceu das furnas, que, no silencio dos valles, na solidão das montanhas, e á beira das aguas, lhe mostram as suas gargantas monstruosas e cheias de ruidos abafados.»

Effectivamente é crença geral entre o nosso povo que os mouros habitavam as cavernas. Explica-se facilmente esta crença : tem nas suas tradições orais vagas reminiscencias de povos antigos que escolhiam as cavernas para sua residencia, e como creem que os mouros fossem o povo mais antigo a elle attribuem esse costume.

(6) *Pag. 103.*

E' antiquissima a crença no bruxedo. Quando os arabes entraram no Algarve deram á povoação de Bensafrin este nome, que significa «povoação dos bruxos» por isso que não souberam explicar a origem dos velhos monumentos ali encontrados e os suppozeram criados por seres extraordinarios, em cujo numero comprehendiam as bruxas. Similbantemente deram aos habitantes de Estoy a mesma designação, que chegou até nossos dias.

Ha povoações n'esta provincia onde é muito accentuada a crença no bruxedo.

Dizem os intendidos n'estes assuntos que as bruxas costumam reunir-se nas encruzilhadas, á meia noite das sextas feiras e receberem ali as ordens do diabo, sob a figura de um bode. Saem ellas de sua casa, ungindo-se previamente com um oleo especial communicado a uns novellos. No momento d'esta uncção caracteristica dizem :

Por cima da silva  
Por baixo da oliva

Apenas acabam de proferir estas palavras simbolicas são arrastadas  
atravez do espaço até o logar da reunião.

Contam que certo marido, desejando saber para onde sua mulher fôra  
transportada, ensaiara o mesmo processo. Equivocou-se, porém, e profe-  
riu as seguintes palavras :

Por baixo da silva  
Por cima da oliva

No dia seguinte foi o pobre homem encontrado preso a um grande sil-  
vado, cincoenta legoas distante da sua casa !... E digam a tais crentes  
que isto é mentira !...

(7) *Pag. 133.*

Abdiel, o algarvio, no 1.º opusculo «Variedades e Devaneios», referin-  
do-se a Ossonoba escreveu :

«Os mais distintos escrupulosos e atilados esmerilhadores de cousas an-  
tigas, os melhores criticos,..... amplamente provaram e acertadamente re-  
solveram que Ossonoba (escrita de 7 ou 8 modos differentes) foi republi-  
ca florescente no tempo dos romanos e dos gódos... e teve o seu assento  
no sitio, onde hoje é Estoy.

«....Ossonoba, cidade cathedral na provincia do Algarve, sobre cuja si-  
tuação achamos variedade, porque alguns querem que fosse no logar a  
que hoje chamam Estombar, e outros no de Estoy, opinião esta que se-  
guimos, porque estando n'ella vimos muitas ruinas, canos, collunas, que  
mostram bem ser grande povoação, que n'aquelle sitio houve, a além d'es-  
te argumento tem por si a auctoridade do senhor Bispo D. Francisco Cano...  
(D. Francisco Barreto—2.º d'este nome, Bispo do Algarve.)

.....  
«Erat igitur Ossonoba civitas in regno Algarbiorum prope eam quæ di-  
citur Pharus, inter Balsam et Aranim».

.....  
«Ossonoba vere in vicum reducta, de cujus quoque ruinis proxima Pha-  
rus nobilitatur et crescit (Resende, Antiq. Luz. pag. 202.)»

.....  
«Ossonoba fue en otro tiempo gran ciudad con Obispado en el reyno  
do Algarve. Agora no es sino una aldea, y la ciudad de Faro se engrade-  
cio con sus ruinas. (Ambrosio de Morales.)

.....  
 «Todas estas auctoridades se reforçam ainda com as distancias que Antonino Pio faz de Balsa a Ossonoba, coherentes com as de Plinio e Estrabão, distancias que asseguram ser em Estoy que estava situada a opulenta cidade de Ossonoba.» («Variedades e Devaneios»—1.º opusculo—pag. 43 a 49).

(s) *Pag. 159.*

Ao meu conhecimento chegaram estes versos muito adulterados. Nos «Quadros Historicos» de Castilho são elles attribuidos a «Giraldo sem pavêr», contemporaneo de D. Affonso Henriques.

Por que modo passaram á tradição e vieram fazer parte da lenda?

Ignoro.

O illustre auctor da obra supra mencionada pôe estes versos nos labios de Giraldo em frente da «ventana» onde se achava a formosa e famosa moura, filha do governador do castello de Evora.

«Viva Allah : foi meu padre um bom mouro  
 Moura madre me deu de mamar  
 Moura fada fadou-me um thesouro  
 Moura Virgem m'ò tem de entregar.

Honra a Allah que o pœvir nos decreta  
 Quando os olhos abrimos á luz  
 Tu és gloria aos fieis do profeta  
 Eu horrôr aos de Affonso e da Cruz.

Mande Allah que eu te colha a meus braços  
 Fenix rara em tão proprio jardim  
 E que só ao sentar-se em meus braços  
 Virgem moura, os meus males dêem fim

Voto a Allah meu laude cançado  
 Se censigo esta flôr das buris  
 Que has de em Meca pender marchetado  
 D'ouro e perolas, de prata e rubis.

Allah bom, Allah forte, Allah grande  
 Lá do setimo ceu me ouça já  
 E um pelo outro a descanço nos mande  
 Cedo, ó Virgem mimosa d'Allah »

(9) *Pag. 160.*

E' inexplicavel a adaptação d'estes versos ao cruel pai da joven moura. No Algarve e Alemtejo são elles applicados ao nosso rei lavrador.

Consta da tradição que o «bey» Abdel Aziz mais conhecido pelo alcaide Aziz exercera no Algarve o seu mando por uma forma cruel e sanguinaria. Poder-se-á admittir que a similhança de nomes Aziz e Diniz occasionasse tão disparatada confusão?

(10) *Pag. 167.*

Vem a proposito transcrever do «Santuario Marianno», tom. 6.º, liv. 2.º, pag. 423, a seguinte lenda :

«E seja prova de estarem estes cavalleiros (os sete martyres das Antas) gosando da vista de Deus o que succedeu a El-Rei D. Affonso 2.º de Castella, o qual, vindo sobre Tavira, no anno 1337, onde assentou o seu exercito para a cercar a 15 de setembro, olhando acaso para o telhado da igreja de Nossa Senhora viu sobre este sete Cavalleiros, ou pessoas agigantadas, armadas de armas brancas sobre briosos cavallos, com mantos muito brancos e cruzeiros de Santiago nos peitos, correndo de uma para outra parte, brandindo as lanças. Enfadado então El-Rei, perguntou aos seus se davão fé do que elle via, e responderam-lhe que não; mandou então chamar o Guardião de S. Francisco, que ficara fóra dos muros e que era homem velho e de santa vida, para que lhe interpretasse aquella visão, o qual lhe disse:— Aquelle telhado, Senhor, he da Igreja de Santa Maria, onde foram sepultados os sete Martyres, que ajudaram a ganhar esta cidade do poder dos mouros, morrendo pela fé de Jesus Christo, como esforçados Cavalleiros e verdadeiros Christãos, que por ventura serão esses que vêdes e virão defendel-a. E como as visões de gente que passou d'esta vida, e que está gozando da gloria, não atemorizão, mas consolão, não enganão, mas desenganão; vendo o prudente Rey tão grande maravilha, levantou o cerco e voltou para Castella muito desconsolado, dizendo que elle não pelejava com os Santos do Ceo, senão com os homens da terra.

E divulgando-se o maravilhoso successo, derão as graças a Deus e á Senhora dos Martyres e aos mesmos Martyres pelos livrar da grande oppressão em que se achavão, ficando d'ali por diante muito mais venerados, e conhecidos.»

(11) *Pag. 172.*

Manteve-se n'esta lenda a dicção dos contistas, que so encarregam, ainda hoje, de a transmittir aos filhos e netos.

Em grande difficuldade me encontrei, quando transcrevi a lenda Cassima, de Loulé. Valeu-me então um pequeno dicionario da lingua arabe, que o meu amigo o ex.<sup>mo</sup> sr. Joaquim Antonio Teixeira me forneceu. Como se vê, ainda hoje as lendas andam acompanhadas de termos de origem arabe, embora adulterados. E é assaz notavel a circumstancia de que os contistas ligam a essas palavras profundo respeito l..

(12) *Pag. 208.*

As desavenças entre os Almuades nascentes e Almoravides expirantes produziram uma verdadeira revolta nos sarracenos da Peninsula. Os Wallis, meros governadores de provincia, recusaram-se a reconhecer a supremacia do Califa, e proclamaram-se reis. Cada pequena região, governada por um Walli, se levantou em reino.

«La Clede», historiando a batalha do Campo de Ourique, escreveu :

«Havia pouco tempo que Affonso Henriques tinha passado o Tejo com a flôr dos seus vassallos e feito huma entrada nas terras de Ismar ou Ismael. Junta este as suas forças, manda que todos se ponham em armas e os reparte em vinte differentes corpos, cujas capitancias repartiu entre Regulos vassallos seus, pondo-se á frente de todos. D'estes «vinte Reis» quatro eram mais poderosos do que os outros.»

Esta circumstancia torna provavel a historia da moura de Giões. E' possivel, embora não visse ainda escrito, que os sitios das «Reliquias» e adjacentes constituissem n'aquelles antigos tempos um reino, e a moura tenha razão em se affirmar filha do rei d'esse paiz.

(13) *Pag. 223.*

O que resta das antigas grandezas de uma cidade, que foi côrte de reis, emporio de commercio florescentissimo, assento de respeitaveis academias, cidade dez vezes mais rica e populosa do que Lisboa, e que, mais tarde, foi, por muitos annos, residencia de Bispos, Anadeis e Fronteiros-móres ?

O que é feito d'essa cidade, onde «Ben-Abdala» fez ouvir os seus versos maviosos ao som do alaúde e «Ben Casa» despertava as almas das houris para as grandes concepções da poesia ?

Tudo desapareceu! Emmudeceram para sempre os grandes estros e os arrojados arrebatamentos rhetoricos, e sobre as suas memorias respeitaveis ergueu-se um monumento ao olvido!

Parece que razão tem o «Santuario Marianno» e as «Constituições do Bispado do Algarve», quanto tentam explicar a decadencia de Silves, lembrando o seguinte facto historico:

«Era bispo do Algarve em Silves Alvaro I, ahi pelos annos 1337, quando em um dos dias do entendo passaram pela porta do bispo algumas pessoas com bulhas, algazarras e outros excessos; saiu o bispo, admoestando-os e reprehendendo-os, mas os sujeitos, indispostos contra elle e escandecidos com os brincos e desafigos de tais dias, que, n'aquelles tempos, não deixavam de ser descomedidos, o insultaram gravemente. Resentiu-se em extremo o bispo, que immediatamente saiu da cidade, sacudindo, n'um serro fronteiro, o pó dos sapatos, e amaldiçoou a cidade.»

E' certo que ainda em 1848 Silves era apenas uma pobre aldeia com 70 fogos dentro dos seus muros e 170 fóra!...

(14) *Pag. 241.*

A maior parte dos nossos cronistas e historiadores affirma que este Garcia Rodrigues fóra o mesmo que se incorporou aos freires de D. Paio, no combate das Antas, onde foi morto pelos mouros de Tavira; Damião Antonio, porém, no 3.º tom. da sua «A. G. de Portugal», pag. 280, 281, distingue um do outro: áquelle chama Garcia Rodrigues, a este Simão Rodrigues. Prefiro a lição dos que sustentam ser uma e a mesma pessoa, por ser a adotada pelos historiadores mais auctorisados.

(15) *Pag. 290.*

Além dos cavalheiros mencionados no texto, outros ha que, pelas suas curiosas informações e lendas, merecem igualmente especial menção, por contribuirem do mesmo modo em tornar interessante o meu livro, são os ex.<sup>mos</sup> srs:

Antonio N. da Gloria, paroco—Bensafrin.

Antonio J. M. de Freitas, paroco—Alcoutim.

A. J. da Rosa,—secretario da administração—Faro.

Antonio J. Teixeira, proprietario—Giões.

Antonio Gonsalves, proprietario—Ameixial.

David J. P. R. Netto, paroco—Porches.

Francisco José Ferro, paroco—Tavira.  
 Francisco dos Santos Xavier, proprietario—Pera  
 Jayme Quirino Chaves, typographo—Tavira.  
 Dr. J. J. Ponce y Sanchez, medico—Lourenço Marques.  
 João de Sousa Valente, paroco—Vaqueiros.  
 João Antonio Avelino, coadjutor—Loulé.  
 Dr. Joaquim do Nascimento Trindade, medico—Tavira.  
 J. Soares Mascarenhas, official reformado—Olhão.  
 José de Souza Guerreiro, paroco—Silves.  
 J. Martins Palmeiro, paroco—Pechão.  
 J. J. Nunes, capellão militar—Lagos.  
 J. Martins Pontes, proprietario—Paderne.  
 Manoel A. da Silva, cónego—Faro.  
 M. Damaso Rocha, paroco—Mexilboeira Grande.  
 M. José d'Oliveira, paroco—Fuzeta.  
 P. Teixeira Ramos, paroco—Salir.  
 Dr. Victorino P. Pinto, medico—S. Braz d'Alportel.

Igualmente me confesso profundamente agradecido ao meu illustre collega, o dr. Antonio Maria Fructuoso da Silva, que me honrou com as fotografias respeitantes a este concelho, ao meu velho amigo Joaquim Antonio Teixeira, mui habil escrivão de direito pela sua poesia «A Moura de Salir» e ao mui digno ex-regente da filharmonica «Marçal Pacheco» pela sua maviosa composição musical «A Moura de Salir».

A todos os cavalheiros e ainda aos que se dignaram de responder ás minhas cartas, embora nada tivessem que informar das suas respectivas freguezias, o preito sincero e franco da minha gratidão.

FIM





## Indice

---

|                                        | Pag.    |
|----------------------------------------|---------|
| Introdução.....                        | até XXV |
| Loulé.....                             | 1       |
| O Combate.....                         | 5       |
| A Moura Cassima.....                   | 16      |
| Outras Mouras Encantadas de Loulé..... | 27      |
| Casos Modernos em Loulé.....           | 47      |
| Lenda em verso da Moura Cassima.....   | 57      |
| A Moura de Salir.....                  | 63      |
| As Mouras de Alte.....                 | 83      |
| A Moura do Ameixial.....               | 89      |
| A Moura de Querença.....               | 93      |
| Referencias de Boliqeime.....          | 101     |
| Referencias de Almancil.....           | 105     |
| Os Mouros de Albufeira.....            | 110     |
| As Mouras de Paderne.....              | 113     |
| As Mouras de Faro.....                 | 119     |
| O Encantamento do Estoy.....           | 133     |
| Os Mouros de Alportel.....             | 141     |
| A Moura de Olhão.....                  | 145     |
| Moncarapacho.....                      | 151     |
| O Abyemo dos Encantados.....           | 157     |

|                                    |     |
|------------------------------------|-----|
| A Torre de Bias.....               | 161 |
| Tavira.....                        | 165 |
| O Poço de Vaz Varella..            | 169 |
| A Moura do Castello de Tavira..... | 183 |
| Os Mouros de Castro Marim.....     | 189 |
| A Moura de Alcontim.....           | 195 |
| A Moura de Vaqueiros.....          | 199 |
| A Moura de Giões.....              | 203 |
| A Moura de Silves.....             | 219 |
| O Encantamento do Algós.....       | 229 |
| A Moura de Pera.....               | 233 |
| A Encantada de Porches.....        | 237 |
| Estombar.....                      | 241 |
| A Zorra Berradeira.....            | 245 |
| Gens ou Jens.....                  | 249 |
| A Cobrinha do Barranco.....        | 253 |
| O Tacho do Thesouro.....           | 259 |
| A Fonte Coberta.....               | 263 |
| O Forno da Cal.....                | 267 |
| O Palacio sem Portas.....          | 273 |
| A Mourinha de Bensafria.....       | 277 |
| O Touro da Carapetola.....         | 281 |
| A Fonte de Espiche.....            | 283 |
| Dom Almendo.....                   | 287 |
| Notas.....                         | 291 |



## Collocação das gravuras

---

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | Pag. |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| 1. <sup>a</sup> — A Fonte Cassima .....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | 16   |
| 2. <sup>a</sup> — A Fonte da Moura .....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | 30   |
| 3. <sup>a</sup> — Castalar — locus quondam situs in præ alta rupe ad flumen Alcaria, cujus rudera adhuc appellantur «Castellos»<br>Effectivamente em ribanceira elevada, quasi perpendicular a um valle atravessado de nascente a poente pela ribeira, que rega os campos da Alcaria ou Alcarias, encontra-se o castello de Salir formado por elevados muros ligados entre si, cada um dos quais constituia um castello. Junto das margens do rio ou ribeira da Alcaria encontram-se ainda restos de antigas edificações hoje conhecidas pelas «Torrinhas» e que, talvez, em tempos antigos constituíssem outros tantos castellos..... | 66   |
| 4. <sup>o</sup> — Um dos muros de Salir visto de perto... ..                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | 70   |
| 5. <sup>o</sup> — A photographia geral de Salir e muros do castello, erguendo-se ao longe por entre as nuvens o Serro da Pena ou Rocha da Pena, onde os mouros se fortificaram, quando retiraram de Salir.....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | 78   |
| 6. <sup>o</sup> — A Canção da Moura de Salir.....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 86   |
| 7. <sup>o</sup> — O castello de Tavira.....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | 182  |
| 8. <sup>o</sup> — O castello de Silves, conforme uma photographia de 1844..                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | 222  |



## Erratas

---

Nas oito primeiras folhas de impressão apparece *serraceno* em vez de *sarraceno*. O revisor, illudido com algumas palavras de origem arabe, cujo radical indifferentemente se escreve com *a* ou *e*, como *serralho* ou *sarralho*, *serrilha*, ou *sarrilha*, deixou passar *serraceno* em vez de *sarraceno*, não se lembrando de que esta palavra quer se derive de *sara* ou *sarie*, quer de *sarak*, não tem *e* no radical.

Passaram ainda outros erros da exclusiva responsabilidade do revisor, com excepção da palavra *estramalhado* por *tresmalhado* e do que se encontra a paginas 227, linhas 21, que elle afirma ter feito as emendas na ultima revisão e escaparam ao cuidado e zelo dos typographos.

Além d'estas encontram-se outras erratas, sendo principais as seguintes:

| PAG.  | LIN. | ERRATAS               | EMENDAS                       |
|-------|------|-----------------------|-------------------------------|
| XXIII | 20   | porque                | por que                       |
| 13    | 3    | davam                 | dava                          |
| 48    | 23   | estramalhado          | tresmalhado                   |
| 87    | 26   | dezusado              | desusado                      |
| 94    | 23   | por que               | porque                        |
| 102   | 18   | E porque              | E por que                     |
| 121   | 14   | Repousa               | Repouso                       |
| 130   | 23   | mimozear              | mimosear                      |
| 138   | 14   | acompanhados          | acompanhando                  |
| 150   | 18   | certezas              | certesa                       |
| 172   | 26   | (10)                  | (11)                          |
| 177   | 9    | terra                 | serra                         |
| 193   | 4    | exipiou               | expiou                        |
| 209   | 24   | a moura o homem       | a moura : o homem             |
| 224   | 13   | inquereir             | inquerir                      |
| 227   | 21   | felizes morreram etc. | felizes que ali morreram etc. |
| 268   | 11   | sair em               | saiem                         |
| 279   | 17   | tranzida              | transida                      |
| 280   | 6    | ocasionadas           | ocasionados                   |
| 281   | 3    | tresentos             | trezentos                     |

















## OBRAS DO AUTOR



CONTOS INFANTÍS, (para as creanças  
do sexo masculino) 1 vol. de 250 pag. 240

CONTOS INFANTÍS, (para as creanças  
do sexo feminino) 1 vol. de 236 pag. 240

### NO PRELO:

CONTOS ANTIGOS

E

LENDAS PIEDOSAS E PROFANAS  
DO ALGARVE













MAR 29 1983

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

4

